

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA

JIRO TAKAHASHI

A SEMIÓTICA NA SINUCA
Um olhar semiótico sobre as paixões e a missividade em três contos de
João Antônio

São Paulo
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA

A SEMIÓTICA NA SINUCA
Um olhar semiótico sobre as paixões e a missividade em três contos de
João Antônio

JIRO TAKAHASHI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Dr. Antônio Vicente Seraphim Pietroforte

São Paulo
2009

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
PCD

Takahashi, Jiro

A semiótica na sinuca: um olhar semiótico sobre as paixões e a missividade em três contos de João Antônio / Jiro Takahashi ; orientador Antônio Vicente Seraphim Pietroforte. -- São Paulo, 2009.

182 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral) – Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Antônio, João 1937-1996. 2. Sinuca. 3. Semiótica das paixões. 4. Literatura contemporânea. 5. Missividade. I. Título. II. Pietroforte, Antônio Vicente Seraphim.

JIRO TAKAHASHI

A SEMIÓTICA NA SINUCA

Um olhar semiótico sobre as paixões e a missividade em três contos de João Antônio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Dr. Antônio Vicente Seraphim Pietroforte

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Vicente Seraphim Pietroforte

Profa. Dra. Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan

Profa. Dra. Elizabeth Harkot-de-La-Taille

AGRADECIMENTOS

Ao professor Antônio Vicente Pietroforte, pela generosidade de seu estímulo intelectual, pela amizade e pela orientação feita de lições, apoio e confiança, com que acompanhou todos os passos deste percurso.

Às professoras Elizabeth Harkot-de-la-Taille e Vima Lia Martin pela criteriosa arguição e excelentes sugestões no exame de qualificação.

Aos professores do Departamento de Linguística e à professora Glória Carneiro do Amaral, pelos ensinamentos e pelo estimulante ambiente de discussões e debates criado em salas de aula e nos corredores da instituição.

Aos funcionários da Secretaria do Departamento de Linguística, pela paciência e ajuda em todos os momentos da jornada.

À professora Ana Maria Domingues de Oliveira, pelo zelo e pela atenção com que disponibilizou o Arquivo João Antônio, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Assis. Aqui o agradecimento também é devido à professora Tânia Macêdo por tudo que tem feito.

A todos os colegas e amigos do curso de pós-graduação, pelo companheirismo, apoio e solidariedade.

Aos meus companheiros das editoras Ática, Nova Fronteira, Ediouro, Geração, Ao Livro Técnico, Scipione e Abril pelo convívio enriquecedor e pelo amor aos livros.

A todos os alunos, funcionários e colegas do Unibero, uma admirável equipe, coordenada pelos professores Elwyn Lourenço Correia e Cleide Bocado Cerdeira.

Aos professores e amigos João Ribeiro Netto, Ana Elvira Gebara, Maria Viviane Veras Pinto, Alzira Allegro, Mayra Pinto, José Ferreira de Lucena Júnior e Maria Helena da Nóbrega, balizas para meu percurso acadêmico.

A Tony Rosemberg pela amizade e pelo abstract.

A Juliana Iumi pela revisão cuidadosa e carinhosa.

A Juliana, Tatiana, Liana, Yuji, Seiji, Jun, Shoji, Kenji, Fujiko, Shogo e Márcio, pelo alento moral para empreender este projeto, sob certos aspectos, fora de época.

A Virgínia e Annie pelo apoio e pela compreensão durante a realização deste trabalho.

Aos amigos Jean François Dupisson, Mozaildes Pinho de Menezes, Nicolau Sevcenko, Cristina Carletti, Cristina Hansen, Luiz Maria Veiga, Cristina Leminski, Pilar, Ana, Frederico Dentello, Flávia, Carmen Rossini, David, Airton Reno, Zuleika, Nelson Schapochnik, Marli, José Arbex, Francisco Alambert, John Gledson, Izaías Almada, Granville, Maria Aparecida Baccega, Bete Abreu, Camila Werner, Valdir de Oliveira, Mustafá Yazbek, Márcia Benjamin, Solange Pinheiro, Arlete Braga, Roque de Souza, Didier e Sueli, pela solidariedade de sempre.

Aos meus queridos amigos de Duartina, com os quais venho mantendo uma sólida amizade de décadas, mesmo quando distantes em algumas épocas de nossas vidas. Pedindo desculpas aos que não pude nomear aqui, para representá-los, menciono os companheiros mais assíduos nos encontros mensais, Nuno, Roberto, Alfredo, Fifo, Durval, Reginaldo, Leonel, Ariel, Teruhiko, Shigueru e Paulo Cesar Andreo, a quem devo também um agradecimento especial pela gravação de vários filmes sobre sinuca, inclusive *O jogo da vida*, adaptado de “Malagueta, Perus e Bacanaço”.

A todos os alunos e professores da minha vida, dentro ou fora das salas de aula.

A todos os amigos de vida que, como amigos, entenderão que não tenho como nomeá-los todos aqui.

Dedico à memória de José Campos Barreto,
Roberto Drummond, Murilo Rubião,
Florestan Fernandes, Anderson Fernandes
Dias, Paulo Colina, Haqira Osakabe,
Hermínio Sacchetta, João Antônio
e meus pais

Há um ponto da temperatura em que as palavras enlouquecem.

*Exemplo: corpulando. O escriba não pode embarcar no
enlouquecimento mas beber o delírio das palavras.*

João Antônio

RESUMO

A dissertação analisa três contos de João Antônio — “Meninão do Caixote”, “Malagueta, Perus e Bacanaço” e “Visita” —, ambientados em salões de jogo de sinuca na cidade de São Paulo. Esses contos foram publicados no livro de estreia do autor, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, em 1963, e apresentam narrativas com personagens que vivem do jogo, utilizando toda sorte de artimanhas no universo da malandragem. Baseando-se em alguns fundamentos da semiótica das paixões, inscrita dentro da chamada “Escola de Paris”, de linha greimasiana, a análise investiga os estados de alma que resultam das transformações que ocorrem ao longo das narrativas. Como suporte de fundamentação teórica, utiliza principalmente os conceitos desenvolvidos por A. J. Greimas e J. Fontanille, Diana Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin, Elizabeth Harkot-de-la-Taille e Claude Zilberberg. O estudo se inicia com a apresentação dos fundamentos teóricos da semiótica das paixões e segue com a análise dos três contos, com o exame do modo como as instaurações dos sentimentos de orgulho e seus correlatos e de avidez e seus correlatos acompanham as transformações de estados dos sujeitos das narrativas. A análise se completa com a aplicação dos conceitos de missividade e fluxo discursivo, de Zilberberg, e com o questionamento dos confrontos entre os universos da norma social e da malandragem que permeiam os objetos de estudo.

Palavras-chave: Sinuca. Semiótica das paixões. João Antônio. Literatura contemporânea. Missividade.

ABSTRACT

This dissertation analyzes three short stories by João Antônio — “*Meninão do Caixote*”, “*Malagueta, Perus e Bacanaço*” and “*Visita*” —, within the context of a snooker hall in the city of São Paulo, in Brazil. These short stories were included in the author’s first publication, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, in 1963, and present narratives with characters that make their living from the game, employing all the luck of the hustle within the universe of deceit, of trickery. Based on a selection of Greimas’ fundamentals on the semiotics of passion, ingrained in the so-called “School of Paris”, the analysis investigates the states of the soul stemming from the transformations that arise throughout the narratives. To sustain the theoretical foundations, it uses, mainly, the concepts developed by A. J. Greimas and J. Fontanille, Diana Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin, Elizabeth Harkot-de-la-Taille and Claude Zilberberg. The study begins by presenting the theoretical fundamentals of the semiotics of passion, followed by the analysis of the three short stories. Such analysis examines the way in which the feeling of pride and its spin-offs come about, as well as the way in which those of desire and its spin-offs accompany the transformations of each subject’s state within the narratives. The examination is finalized by applying Zilberberg’s concepts of tensivity and the flow of discourse, and by questioning the confrontation between the universe of social conventions and that of deceit, which permeates the objects of this study.

Key-words: Snooker. Semiotics of passion. João Antônio. Contemporary literature. Tensivity.

SUMÁRIO

1	PONTO DE PARTIDA	
1.1	ALGUNS FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA AS RELAÇÕES ENTRE A SEMIÓTICA E O JOGO DE SINUCA	11
1.2	UMA BREVE NOTÍCIA SOBRE O AUTOR E OS OBJETOS DE ESTUDO	14
1.3	TIPOLOGIA DOS FREQUENTADORES DOS SALÕES DE SINUCA	18
1.4	A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS E A INSTAURAÇÃO DE PAIXÕES	27
1.5	A MISSIVIDADE E O FLUXO DO DISCURSO	31
2	“MENINÃO DO CAIXOTE” E A INSTAURAÇÃO DAS PAIXÕES — ORGULHO / HONRA E CULPA	
2.1	A CAMINHO DA MESA	35
2.2	JUNTO À MESA: A MANIPULAÇÃO E AS PAIXÕES	37
2.3	O JOGO DA VIDA: AS PAIXÕES EM CONFRONTO	41
2.4	FINAL DO JOGO: A SANÇÃO E AS PAIXÕES	47
3	“MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO” — A AVIDEZ E A DISSIPACÃO	
3.1	TER OU NÃO TER DINHEIRO	51
3.2	EM BUSCA DO DINHEIRO	55
3.3	FORMAÇÃO DE PARCERIAS	57
3.4	TOMADA E ACÚMULO DE DINHEIRO	59
3.5	AVIDEZ E DISSIPACÃO	63
3.6	A CIRCULARIDADE DA PEREGRINAÇÃO MARGINAL	68
4	“VISITA” E AS MODALIZAÇÕES DO SER	
4.1	EM CASA — PREPARATIVOS PARA A VISITA	76
4.2	NA RUA — FLANANDO PELAS RUAS	80
4.3	NO BAR — JOGO DE SINUCA	81
4.4	EM CASA — DE VOLTA	86
5	FAZER MISSIVO	
5.1	TENSIVIDADE E MISSIVIDADE NAS NARRATIVAS	89
5.2	A MISSIVIDADE EM “MENINÃO DO CAIXOTE”	90
5.3	A MISSIVIDADE EM “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO”	95
5.4	A MISSIVIDADE EM “VISITA”	102

6	PONTO DE CHEGADA	111
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	126
	ANEXOS	128
	A — “MENINÃO DO CAIXOTE”	129
	B — “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO”	140
	C — “VISITA”	176

1 PONTO DE PARTIDA

O sentir se oferece à primeira vista como uma maneira de ser natural, anteriormente a toda marca ou graças à eliminação de toda racionalidade. Situar a paixão num além da emergência da significação, anteriormente a toda articulação semiótica, sob a forma de puro “sentir”, seria como captar o grau zero do vital, o “parecer” minimal do “ser”, e que constitui sua tela ôntica. (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 22)

1.1 ALGUNS FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA AS RELAÇÕES ENTRE A SEMIÓTICA E O JOGO DE SINUCA

Este estudo se propõe a analisar, com base na teoria semiótica da chamada Escola de Paris, as relações entre os núcleos da ação e da paixão de três contos de João Antônio — “Meninão do Caixote”, “Malagueta, Perus e Bacanaço” e “Visita” — que fazem parte da seção “Sinuca”, do seu livro de estreia, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicado em 1963.

Esses contos, que formam o corpus da pesquisa, são narrativas que envolvem os jogadores e frequentadores dos salões de sinuca. No universo das personagens de João Antônio, o jogo, mais do que uma atividade lúdica, parece assinalar a marginalidade social de um grupo e o modo de sobrevivência desse grupo. Nesta primeira aproximação ao tema, ainda no nível da aparência, narrativas sobre um ambiente específico costumam retratá-lo, mesmo que de um ponto de vista subjetivo, com traços objetivos que o tornam reconhecível.

A semiótica tem como objetivo “descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.*” (BARROS, 2007, p. 7). Entendendo o sentido como construção, a semiótica não concebe o sentido como referência a “fatos” do mundo “real”. Para ela, a realidade “é o resultado de visões de mundo, que determinam modos de se referir. A objetividade, portanto, é um efeito de sentido e não a maneira concreta e

impessoal de significar as ‘coisas do mundo’.” (PIETROFORTE, 2009, p. 67). Desse modo, este estudo se propõe a analisar os percursos dos sujeitos narrativos em suas relações com o mundo do jogo, em suas relações interpessoais e em suas relações com os objetos modais responsáveis pelos efeitos de sentido passionais em suas várias etapas.

Mais do que as ações propriamente ditas das partidas de sinuca das narrativas, sobressaem os conflitos nas relações entre os sujeitos envolvidos, não só nesses jogos, mas também nos dilemas que se colocam diante deles de uma opção de vida. Esses sujeitos das ações estão constantemente na encruzilhada entre a vida do trabalho formal, estável, previsível, e a vida da malandragem, instável e imprevisível. Investigando as condições narrativas desses sujeitos, observamos que ocorrem as transformações dos estados de coisas e dos estados de alma.

No primeiro momento, a significação das ações de cada uma das narrativas é examinada segundo o esquema narrativo canônico, que apresenta um percurso com quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção. Na manipulação, são enfatizadas as modalizações do querer-fazer ou do dever-fazer. Na competência, as modalizações do saber-fazer e poder-fazer preparam o sujeito para o fazer propriamente dito, isto é, para a realização da *performance*. Na fase da sanção, examina-se a coerência, ou não, entre o acordo estabelecido na manipulação e a transformação realizada na *performance*. Como a semiótica descreve a aquisição dos objetos modais querer-fazer/ser e dever-fazer/ser no percurso da manipulação, este percurso é examinado de modo privilegiado nas análises dos contos.

O chamado esquema narrativo canônico está integrado no percurso gerativo do sentido. Esse percurso é o modo como a semiótica concebe o plano de conteúdo de um texto, para construir o seu sentido. O percurso gerativo de sentido é constituído pelas estruturas responsáveis pela organização textual. A distribuição dos componentes desse percurso pode ser visualizada no seguinte quadro (FIORIN, 2005, p. 20):

PERCURSO GERATIVO			
	Componente sintático		Componente semântico
Estruturas Sêmio-narrativas	Nível profundo	Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
	Nível de superfície	Sintaxe narrativa	Semântica narrativa
Estruturas Discursivas	Sintaxe discursiva		Semântica discursiva
	Discursivização (actorialização temporalização espacialização)		Tematização Figurativização

No segundo momento, acompanhamos a instauração de paixões, resultados das relações intersubjetivas no nível narrativo e das condições narrativas dos sujeitos, que articulam desejos, deveres, possibilidades, obrigações, frustrações, expectativas, sentimentos que arremetem as ações para frente ou que tendem a interrompê-las. Tatit observa que a semiótica passou a ter esse foco a partir dos anos 80:

Nessa ocasião, os esquemas narrativos foram empregados para analisar também os conteúdos *passionais* que aparecem nos textos, como “ciúme”, “desespero”, “vingança”, “indiferença”, “vergonha”, etc. Muito rapidamente verificou-se então que esses estudos da “paixão”, centrados no *ser* do sujeito, complementavam com o máximo proveito os estudos da “ação”, baseados no seu *fazer*, que deram origem ao modelo narrativo. (TATIT, 2006, p. 190)

A semiótica vem sempre pesquisando e desenvolvendo mudanças de pontos de vista, mas nunca colocando em questão o percurso gerativo de sentido. Por exemplo, quando a *Semiótica das paixões* (GREIMAS e FONTANILLE, 1993) analisa os mecanismos modais que respondem pelos efeitos de sentido passionais, eles são incorporados, no nível narrativo, ao percurso gerativo do sentido.

Pelo modelo canônico, esse percurso gerativo, com seus níveis fundamental, narrativo e discursivo, busca revelar como o sentido é formado a partir de seus patamares mais gerais e abstratos até a manifestação específica e concreta em um sistema verbal ou não-verbal.

No nível narrativo do percurso gerativo do sentido, o esquema narrativo descreve as transformações por meio das relações de junção entre Sujeito e Objeto. Por meio de ações, descreve os estados de coisas; por meio de paixões, descreve os estados de alma. Obtém-se o efeito de sentido desses mecanismos pela narratividade constituída pelas relações entre o Sujeito e a sua aquisição de competência. Por isso, o Sujeito narrativo está sempre em relação com seus objetos modais.

O modelo semiótico do nível narrativo explica transformações de ordem conceitual que ocorrem no plano do conteúdo. A semiótica descreve a circulação de *objetos* de valor entre *sujeitos* narrativos, o que gera o efeito de sentido de narratividade, porém, além de determinar os *objetos* e os *sujeitos* narrativos envolvidos nessa circulação, é preciso revelar também como e por que essa circulação se realiza. O modo de circulação dos *objetos* depende da relação entre a competência e a *performance* dos sujeitos narrativos, modalizados pelos objetos modais *saber e poder*.

No terceiro momento do exame de cada um dos contos sobre a sinuca — objetos deste estudo — utilizamos os conceitos de Zilberberg (2006) sobre o fazer missivo e suas implicações no nível discursivo.

1.2 UMA BREVE NOTÍCIA SOBRE O AUTOR E OS OBJETOS DE ESTUDO

A morte de João Antônio em 1996 interrompeu uma produção literária de 33 anos e 13 livros. No dia 31 de outubro desse ano, a polícia foi encontrá-lo morto em seu apartamento em Copacabana, Rio de Janeiro. O fato foi relatado desta forma por Lacerda (2005), autor de uma tese em que estuda a correspondência mantida por João Antônio com a poeta e professora Ilka Laurito Brunhilde:

Rio de Janeiro, Copacabana, Praça Serzedelo Correia, número 15A. No dia 31 de outubro de 1996, o apartamento 702, na cobertura do edifício, foi encontrado pela polícia na mais perfeita ordem. Os pesados móveis de jacarandá estavam cada um em seu canto; a foto de Pixinguinha aos 17 anos, já de flauta em punho, bem pregada na parede; o disco raro de Noel Rosa, o orgulho da coleção, com sua capa desenhada por Di Cavalcanti, ocupava solenemente seu respectivo lugar na estante; a imagem de um jogador de

sinuca, envolto em sombras, reinava sobre a mesa de trabalho, e até a televisão, habitual delatora de tragédias imprevistas, estava discretamente apagada. As únicas coisas fora de lugar eram alguns livros empilhados no sofá da sala, um embrulho de carne abandonado na pia da cozinha e o maço de correspondência não recolhido junto à fresta da porta de entrada. A data de postagem da carta mais antiga era 8 de outubro. (LACERDA, 2005, s/p.)

João Antônio nasceu em 1957, na periferia de São Paulo, cresceu admirando a literatura de Lima Barreto, a quem dedicou todos os seus livros. Quando da publicação do livro, recebeu os prêmios Jabuti, de revelação de autor, e Fábio Prado, de melhor livro de contos do ano, além do Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo. Até sua morte, ocorrida em 1996, publicou treze livros e defendeu em palestras, em entrevistas e em artigos de jornais, uma literatura que ele chamou de “corpo-a-corpo com a vida”. Do texto-manifesto, cujo título é “Corpo-a-corpo com a vida”, extraímos passagens que esclarecem o posicionamento de João Antônio e sua concepção de literatura.

O caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolhas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma.

Já o como fazer essa literatura me parece implicar, enquanto se pretenda retratar o mundo que nos cerca, a necessidade do invento ou desdobramento de uma nova ótica, nova postura diante dos acontecimentos. Trocando em miúdos: um sujeito pensante não poderia mais, pelo menos conscientemente, ver, sentir e transmitir um crime do Esquadrão da Morte, por exemplo, pela ótica costumeira ou por alguma das óticas tradicionais. Mas sim, tentaria no fundo enxergar e transmitir um problema velho, visto com olhos novos. Novos, mais sérios, mais atraídos, sensíveis, fecundos, rasgados, num corpo-a-corpo com a vida. Jamais como um observador não participante do espetáculo.

Digamos, um bandido falando de bandidos. Corpo-a-corpo com a vida, posse e gozo juntos, juntinhos, chupão, safanão, gemido. (1987, p. 318-319)¹

[...]

Literatura de dentro para fora. Isso é pouco. Realismo crítico. É pouco. Romance-reportagem-depoimento. Ainda pouco. Pode ser tudo isso trançado, misturado, dosado, conluiado, argamassado uma coisa da outra. E será bom. Perto da mosca. A mosca – é quase certo – está no corpo-a-corpo com a vida.

Escrever é sangrar. Sempre, desde a Bíblia. Se não sangra, é escrever? (1987, p. 324)

Esse traço participante de sua literatura já foi ressaltado por alguns ensaios

¹ Todas as indicações de páginas nas transcrições de passagens do texto “Corpo-a-corpo com a vida” no decorrer deste estudo referem-se à edição: ANTÔNIO, J. Malagueta, *Perus e Bacanaço & Malhação do Judas carioca*. São Paulo: Clube do Livro, 1987.

acadêmicos. Oliveira e Pereira ressaltam o compromisso dessa literatura com o mundo da marginalidade:

Numa tradição como a brasileira, em que o acesso às letras costuma ser privilégio da classe dominante, João Antônio cede a palavra à arraia miúda, que encontra, na obra deste, sua representação mais forte. Escreve, sem enfeites, sobre a vida marginal. Aborda o submundo do Rio de Janeiro e de São Paulo, revelando-nos, muitas vezes, o lado da sociedade que pagamos para não ver. (2003, p. 143)

Esse traço visível na literatura de João Antônio — o questionamento da exclusão social dos marginalizados — é focalizado por Martin, que faz um estudo comparativo entre os universos narrativos de João Antônio e o angolano Luandino Vieira. A propósito das observações de Antonio Candido (1993) sobre o universo da malandragem de *Memórias de um sargento de milícias*, Martin aponta importantes diferenças que se verificam nos textos de João Antônio:

Já nas histórias de João Antônio, o Brasil é uma terra de males já consolidados e, se o malandro se recusa a ser “otário”, é porque não possui convicção alguma de que o trabalho formal pode trazer alguma espécie de dignidade — material ou moral para quem vive tão às margens.

A despeito de um certo mito nacional dos heróis malandros que sempre se dão bem e confirmam um modo de sobrevivência bem sucedida no campo da informalidade, fora do espectro da norma e da lei burguesas, as (des)venturas vividas pelos malandros recriados pelo escritor paulistano não são acompanhadas pelo riso e pela bonomia que costumam caracterizar as peripécias típicas da malandragem. (MARTIN, 2008, p. 157)

Macêdo, em prefácio para recente reedição de *Leão de Chácara*, segundo livro de João Antônio, destaca a sua importância dentro da literatura urbana:

O que se pode dizer com segurança é que João Antônio afirma-se definitivamente como o contista da cidade (seja ela São Paulo, Rio de Janeiro ou Amsterdã), explorando os significados das vivências urbanas, ressaltando a falta de vínculos reais e a extrema violência que permeiam a vida nas urbes modernas. E por isso seus personagens são seres condenados à solidão e ao isolamento, ainda que busquem desesperadamente o contato e alguma solidariedade (talvez por isso caminhem sempre — e tanto — ao encontro do Outro e em busca de si próprias). (MACÊDO, 2007, p. 7-8)

Os três contos que constituem o objeto deste estudo trazem as marcas desse embate urbano com a vida, representando e reconstruindo o cotidiano da vida marginal de São Paulo, ambientado nos velhos salões dos jogos de sinuca.

O argumento básico de “Meninão do Caixote” é a carreira vitoriosa de um menino, filho de um caminhoneiro e uma costureira, como jogador de sinuca, perambulando pelas ruas e pelos bares em meio aos profissionais do jogo em São Paulo. No meio da malandragem cresce a fama desse menino de quinze anos, tão baixinho que necessita de um caixote para alcançar altura para desenvolver seu jogo. Naturalmente, essa carreira traz à tona vários conflitos em seus relacionamentos, principalmente com o seu patrão de jogos, Vitorino, e com sua mãe.

“Malagueta, Perus e Bacanaço”, conto que dá título ao seu livro, narra as andanças de um trio de jogadores de sinuca, na noite paulistana, de bairro a bairro, de bar em bar, utilizando-se de todo tipo de artimanha para “arrancar” dinheiro dos que eles chamam de “otários”. O percurso dos três começa na Lapa, em um bar, junto à estação ferroviária, e segue em direção ao Centro, de onde vão a Pinheiros e, finalmente, de volta à Lapa. No início, eles estão sem dinheiro. Durante suas andanças, enquanto as trapagens funcionam, chegam a ganhar muito. Ao quererem ganhar mais, acabam eles próprios caindo na artimanha de um outro jogador, mais picado do que eles, e perdem tudo novamente, voltando à estaca inicial, na Lapa e sem dinheiro algum.

“Visita” narra um encontro frustrado de dois amigos, ex-companheiros de sinuca. O narrador, não tendo encontrado seu amigo, entra em um salão de sinuca, onde reacende sua antiga atividade. Em outros tempos, seu talento era suficiente para vencer com tranquilidade seus adversários. Porém o estado de decadência no jogo em que se encontra faz com que ele dependa muito da sorte, o que o angustia durante a partida. Na reflexão do narrador, entram em conflito os diversos fatores envolvidos no jogo: o acaso, o talento, as artimanhas e as trapagens.

Pelas breves notícias dos três contos, podemos perceber que as narrativas mostram como os jogadores de sinuca se relacionam entre si e com os frequentadores não-jogadores, realizando interações intersubjetivas, marcadamente de cunho manipulatório. A teoria semiótica concebe, segundo Barros (2001, p. 28), duas formas de narratividade:

narratividade como transformação de estados, de situações, operada pelo fazer transformador de um sujeito, que age no e sobre o mundo em busca de certos valores investidos nos objetos; narratividade como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um

destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos-valor.

Um primeiro olhar sobre o espaço de um salão de sinuca pode transmitir uma imagem confusa de seus frequentadores circulando pelas mesas, sentados nos velhos bancos ou em pé junto ao balcão do bar.

Um olhar semiótico, porém, pode revelar uma cena enunciativa que traz à tona uma sociossemiótica desse ambiente e a aparente miscelânea de frequentadores. Observando-se essa cena enunciativa, a partir dos papéis temáticos, investidos nos aspectos de atorialização, espacialização e temporalização, há distribuição e especificação de conotações sociais. Como figuras do discurso, os frequentadores do salão de sinuca representam funções e assumem conotações sociais. Na relação entre os sujeitos envolvidos no ambiente de sinuca contratos são estabelecidos e rompidos em cada configuração intersubjetiva. Nesse cenário lúdico-profissional, podem-se perceber regularidades semióticas, em que se configura uma tipologia dos atores frequentadores do meio.

1.3 TIPOLOGIA DOS FREQUENTADORES DOS SALÕES DE SINUCA

O conto-reportagem “Sinuca”, de João Antônio, do livro *Malhação do Judas Carioca* (1975), é uma espécie de glossário dos termos usados nos salões de sinuca, incluindo os jogadores e os frequentadores. A título de curiosidade, vale lembrar que João Antônio tinha uma agenda de endereços em que anotava esse glossário. Um exemplo é esta página com os termos iniciados com a letra “M”.

Nome	Cidade	Rua	Telefone	Anotações
malandres = o mais verdadeiro dos malandres		malandres		
mortada = mortadela		malandrinho = falso malandro		
macarra = macarrão		marba = picardia, malandragem, dissimulação		
millo = dinheiro		malandro = todo o q se passa na malandragem boca; itera da malandragem; o mesmo que demonte		
majar = entender, conhecer X		mixo = meliôre, de má quantidade; digitalizável		
mancan = aperecher-se de		mexucuro = o mesmo que mixo		
máquina = resolver (carro, motocicleta)		mexuragem = qualidade de quem é mixo		
muguisana = pão duro		massa = o mundo policial, em Belo Horizonte é a torcida de futebol mais popular da cidade, a atletiana		
muguisa = " " X		marisco = itera		
murimba = " " X		morder = tomar dinheiro X		
marra = soma, picardia		mordelô = o malandro q toma dinheiro X		
marudo = sério		marcar = adequar bem e com propriedade; progredu X		
marer postando = sacrificar-se a vida toda X		mala = dinheiro em grande quantidade		
máquina de fazer defunto = resolver				
malonga = conversa fiada; contada X				

O olhar semiótico tende a apreender qualquer manifestação de sentido através do percurso gerativo de sentido. No caso da nomenclatura utilizada por João Antônio, selecionando os lexemas dos jogadores desse glossário, é possível construir uma categorização semiótica, com a aplicação do quadrado semiótico.

Observemos como os lexemas são apresentados nesse glossário:

Otário

Otário, coió-sem sorte, estrela, mocorongo, [...] são os nomes nacionais com que naquele território humano se denomina um animal vulgaríssimo, porém fundamental para a sobrevivência do joguinho. Sem ele não há perspectivas nem para os iniciados, nem para os sabidos. Sem ele, a malandragem na sinuca é um martelo sem cabo. No entanto, canalha à sua maneira, ele é o homem que invade o salão à cata de divertimento, jogo fácil, lucro rápido, volumoso e certo. E principalmente muito riso. Essa gula o perde. [...] chega sempre ao salão carregando dinheiro como se fosse empreender um investimento líquido e infalível, já sonhando com vitória. E o afobadinho, como dizem os cobras da sinuca carioca, acaba comendo cru. (1987, p. 267-268)²

² Todas as indicações de páginas nas transcrições de passagens do texto "Sinuca" referem-se à edição: ANTÔNIO, J. Malagueta, Perus e Bacanaço & Malhação do Judas carioca. São Paulo: Clube do Livro, 1987.

Leão ou pagamento

Ele [o leão] é um homem que jamais acredita na sua inferioridade. Por isso é um inveterado e um prisioneiro. Não desenvolveu autocrítica, nunca sequer passou em revista o seu modo de jogar. [...] É o tipo que, na mesa de sinuca, pode ser batido trinta e uma noites por mês e jamais se convencerá da mediocridade do seu taco. [...] É, enfim, o dinheiro que chega, e os malandros, braços no ar e sorriso aberto, o saúdam à sua entrada gloriosa... (1987, p. 268)

Malandrinho

O malandrinho, falso malandro, se diz professor da manha, do enruste, do desacato e das mil e uma presepadas, habilidades torpes e picardias. [...] Um trouxa enfeitado, um verboso que faz coisas bonitas com a gíria e que seria talvez um excelente camelô, se tivesse um objetivo na vida e desenvolvesse uma personalidade. [...] Ao malandrinho falta maturidade. (1987, p. 271-272)

Malandreco

Malandreco é o puro, o verdadeiro picardo — é aquele que carrega todas as chaves para tirar friamente, medidamente, as vantagens que dá a sinuca. [...] É o homem que agüenta xingos, pragas, resmungos. Prefere tratar todos por senhor. (Vai nisso fina ironia, que os mais acordados percebem.) Mas é o malandreco o jogador que sai invariavelmente com dinheiro do salão. (1987, p. 272)

Com esses estilos de comportamento, com esses saberes e não-saberes, é possível descobrir regularidades semióticas, em que os jogadores se definem uns em relação aos outros, formando uma rede. Então, trata-se de revelar regimes de competência e *performance* que ganham sentido quando há um enfrentamento entre eles, isto é, quando há uma articulação entre eles, em rede.

As funções representadas pelos jogadores são definidas de acordo com a relação de junção que eles estabelecem com a competência para manejar o taco — para mandar as bolas para as caçapas — e manipular seus adversários.

Naturalmente o seu fazer competente resultará em conjunção com o objeto de

valor posto em disputa nesse jogo, o dinheiro. Assim, o malandreco costuma sair vitorioso no fim da noite, com dinheiro; o leão, invariavelmente é quem paga.

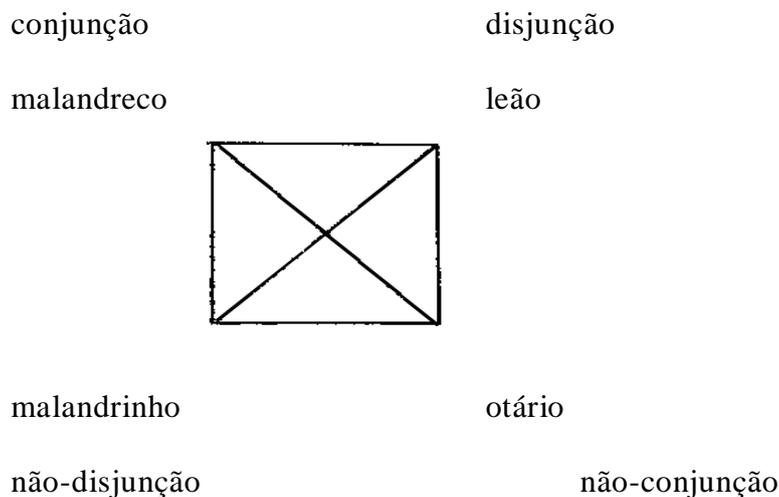
Primeiramente os termos que ocupariam a relação dos **contrários**, isto é, a que afirma a conjunção com essa competência e a que afirma a disjunção com essa competência. Observa-se que o malandreco costuma sair vitorioso no fim da noite, com dinheiro; o leão, invariavelmente é quem paga a maior parte do bolo. Assim, nós teríamos:

- O **malandreco**, ou seja, o jogador que afirma a conjunção com essa competência;
- O **leão**, ou seja, o jogador que afirma a disjunção com essa competência.

Na relação dos termos **contraditórios**, nós teríamos:

- o otário, ou seja, o jogador que nega a conjunção com a competência do jogo;
- o malandrinho, ou seja, o jogador que nega a disjunção com a competência do jogo.

Utilizando a nomenclatura utilizada nesse texto-reportagem de João Antônio, podemos representar essa tipologia em um quadrado semiótico.



Nesse quadrado semiótico, a relação dos **contrários** se dá entre o **malandrecos** e o **leão**.

As relações dos contraditórios ocorrem:

- entre o **malandrecos**, o profissional da sinuca, e o **otário**, o ingênuo que vai ao salão apenas para se divertir;

e

- entre o **leão** e o **malandrinhos**.

O **leão** joga sem talento e sem consciência das regras do salão, e o **malandrinhos**, com talento razoável e com consciência das regras do salão, mas sem a maturidade e a frieza do **malandrecos**.

Podem-se pensar nas implicações nas relações entre **malandrinhos** e **malandrecos**, e entre **otário** e **leão**. Se partirmos da posição da não-disjunção, isto é, da figura de **otário**, que chega ao salão para se divertir, pode-se traçar um sentido em direção à falta total de autocrítica, onde se teria a posição de **leão**. É a posição de quem acredita, de um lado, que sabe jogar bem, e que acredita também na sorte, que costuma ser ingrediente do jogo. Joga a noite toda, sob o signo de “sei jogar e a sorte irá sorrir na próxima partida”. Mas não nesse tipo de jogo, que é profissional, em que há conluíolos preparados e que faz o modo de vida de uma comunidade.

Se da posição da disjunção, a do **leão**, partirmos em direção à posição que nega a disjunção, isto é, que nega o ingênuo sentimento de “sei jogar e a sorte irá sorrir na próxima partida”, já absorvendo as regras do comportamento, da linguagem do salão, tem-se a figura de **malandrinhos**. Só não tem ainda a competência de mestre nem a habilidade madura de formar parcerias eficazes.

Com maturidade e postura fria e calculista de um profissional da mesa de sinuca, encontra-se a posição de **malandrecos**, em conjunção total com o código de funcionamento do salão, sempre com parcerias promissoras.

Vale lembrar que a competência necessária para obter o objeto-valor, dinheiro, não se restringe ao talento para o manejo do taco, mas o saber as regras de comportamento e funcionamento da comunidade dos salões de bilhar, com

cumplicidades, parcerias, dissimulações, trapaças, etc. Enfim, os jogadores disputam dois níveis de jogo: o primeiro, o da sinuca propriamente dita, entre eles, segundo as regras explícitas do jogo e acordadas por todos eles; o segundo, o que é feito em torno do jogo, caracterizado por provocações e dissimulações dos jogadores e dos demais frequentadores do salão.

É interessante lembrar que o jogo, segundo Johan Huizinga (2000), é uma atividade livre e voluntária, em um determinado espaço e tempo, conscientemente separada da vida real, com regras pré-estabelecidas (mesmo que implícitas), produzindo um sentimento de tensão e alegria ou decepção. São características que podem ser aplicadas de modo geral ao jogo de sinuca. Em princípio, os jogadores decidem competir por livre vontade, obedecem a determinadas regras consentidas, com tempo e espaço determinados.

Ocorre que, além das relações intersubjetivas entre os jogadores, existem outras que se realizam entre os jogadores e demais frequentadores do salão. Ainda segundo o texto “Sinuca”, o salão abriga em torno do jogo:

- patrões — os homens que patroam. Financiadores que “vão ao salão para ganhar sem jogar, pagando para que outro lute pelo seu dinheiro”
- apostadores — os que apostam como quem aposta em corrida de cavalo ou em uma luta de boxe.
- curiosos — os que vão para assistir e, eventualmente, apostar ou aprender a jogar.
- ventanas — os que vão para fazer pequenos furtos, aproveitando-se da concentração de todos nas partidas.
- policiais — os que, segundo o texto descritivo, vão cobrar “pedágio” das apostas que circulam no salão.
- proprietário do salão ou bar.

É possível perceber então como o jogo de sinuca passa a ser um modo de vida profissional. O jogador não enfrenta os adversários pela motivação apenas lúdica. A

partida é patrocinada por um patrão, há apostas envolvidas, há quem entra em conjunção com o dinheiro, há quem entra em disjunção com o dinheiro. Semioticamente, o patrão é o destinador que *faz* o jogador *fazer*, enquanto o jogador é o sujeito do *fazer-ser*.

Neste momento, abrindo uma espécie de parênteses, o curioso é observar que o jogo de sinuca é um daqueles jogos praticados pela manipulação de instrumentos, como são também o golfe, o pólo, por exemplo. Na sinuca, um jogador maneja (manipula) o taco. O taco (como um sujeito semiótico, mas também por sua vez destinador-manipulador) faz a bola branca (como um sujeito da *performance*) bater nas outras bolas e direcioná-las para as caçapas.

De toda forma, complexificam-se os jogos manipulatórios, uma vez que pode ser observada a manipulação entre o patrão e o jogador, em um nível, e entre os jogadores, em outro nível.

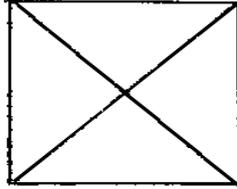
No capítulo “A propósito da avareza”, de *Semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille desenvolvem um estudo sobre os lexemas passionais envolvidos com as relações possíveis entre adquirir/acumular e gastar/perder bens. Segundo os autores,

“Acumular” é um fazer que se exerce em proveito de um beneficiário: um querer-ser, o do beneficiário em relação com o objeto, tem aqui por condição um querer-fazer, o do sujeito “acumulador”; trata-se, além disso, de um processo recorrente no qual o valor do objeto comporta uma cláusula quantitativa. (1993, p. 103)

Dentre os frequentadores do salão, os **curiosos** não perdem nada se ficarem apenas observando, circulando em volta da mesa para assistir às partidas, desfrutando do entretenimento, da distração, que elas podem proporcionar. Os **patrões**, porém, investem em suas parcerias com seus jogadores. Esse investimento pode propiciar um acúmulo do objeto de valor dinheiro se seus jogadores forem bem sucedidos nas partidas. A vitória de seus jogadores implica a derrota de seus adversários, em geral, **apostadores eventuais**, dos quais os patrões tomam o dinheiro.

É possível configurar um quadrado semiótico com a tipologia dos frequentadores do salão de bilhar, a partir do microssistema semântico na configuração de Greimas e Fontanille (1993, p. 115-116):

conjunção	disjunção
tomar	dar
avidez	prodigalidade
patrão / malandreco	leão / apostador contumaz / malandreco ³
ventana/policial/proprietário	



não-disjunção	não-conjunção
guardar	deixar
economia	desinteresse
curioso	otário / apostador eventual

A relação de parceria que se estabelece entre destinador (beneficiário/patrão) e sujeito (jogador) tem um estado inicial que Greimas (1983, p. 227) denomina *espera*. A espera pode ser simples e fiduciária. De acordo com Barros,

Na espera simples o sujeito deseja estar em conjunção ou em disjunção com um objeto-valor, sem, no entanto, nada fazer para isso.” [...]

Na espera fiduciária, o sujeito do estado mantém com o sujeito do fazer uma relação fundamentada na confiança. O sujeito do estado pensa poder contar o sujeito do fazer para realizar suas esperanças ou direitos, ou seja, atribui ao sujeito do fazer um /dever-fazer/. (2001, p. 63).

A espera fiduciária poderia ser representada com o seguinte programa narrativo:

$$S1 \text{ crer } [S2 \text{ dever} \rightarrow (S1 \cap Ov)]$$

O contrato baseado na confiança é fundamental nesse jogo manipulatório. Essa noção de manipulação é empregada, segundo Tatit,

³ malandreco coloca-se na paixão da avidez pelo desejo de ganhar dinheiro e, para isso, estabelece um contrato com o patrão; por outro lado, também se coloca na paixão da prodigalidade por aceitar um contrato em que ele (sujeito do *fazer*) entrega a maior parte ao patrão (destinador-manipulador do *fazer-fazer*).

sempre que houver uma situação de comunicação persuasiva envolvendo dois sujeitos, mesmo que, ao final do processo, a relação contratual não se consolide. O que importa é o esforço do destinador no sentido de despertar a confiança do destinatário (fazer crer) para, em seguida, completar a manipulação, fazendo-o fazer ou não fazer. (2006, p. 191).

É sabido que a semiótica de linha greimasiana examina o plano do conteúdo de um texto a partir de um percurso gerativo de sentido. No nível do percurso narrativo, temos os percursos do sujeito, do destinador-manipulador e do destinador-julgador (Barros, 2007, p. 26-28). No percurso do sujeito, há o encadeamento lógico dos programas de competência e de *performance*. No percurso do destinador-manipulador, o programa de competência é acompanhado da perspectiva do sujeito doador dos valores modais. No percurso do destinador-julgador, tem-se a sanção do sujeito, que é correlata à manipulação.

Enfatizamos o nosso interesse no percurso do destinador-manipulador porque partimos desta observação de Barros (2007, p. 33): “a manipulação só será bem-sucedida quando o sistema de valores em que ela está assentada for compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles.” No cenário dos salões de bilhar em que se desenvolvem as três narrativas — objetos de estudo desta pesquisa — vigora um “sistema de valores”. O contrato fiduciário que se pode estabelecer entre o destinador-manipulador e o destinatário-manipulado tem fundamento no conhecimento, na aceitação e no compartilhamento desse “sistema de valores” (ou “código de conduta”, como os frequentadores parecem preferir).

Ainda segundo Barros (2001, p. 60-61):

A semiótica, no exame das estruturas narrativas, partiu da ação, relação de produção e de transformação do sujeito com o objeto, e chegou à manipulação, relação intersubjetiva de comunicação entre o destinador e o destinatário. Quando considerou que a comunicação não se reduzia ao fazer informativo do destinador e ao fazer receptivo do destinatário, mas incluía também, e sobretudo, o fazer persuasivo do destinador e o fazer interpretativo do destinatário, enveredou a semiótica pelo caminho da modalização, já antes pressentida na definição da competência do sujeito operador. Natural, portanto, que as modalidades que se aplicam ao fazer e os enunciados modais que regem enunciados do fazer tenham sido os primeiros a serem examinados. Nada mais previsível que o passo seguinte tenha sido a abordagem da modalização do ser, que resultou na semiótica das paixões.

Essas observações iniciais sobre as relações intersubjetivas no percurso narrativo nos conduzem ao exame das possibilidades de integrar os estados e as transformações de alma e os estados e as transformações de coisas, particularmente na manipulação e sanção no nível narrativo.

1.4 A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS E A INSTAURAÇÃO DE PAIXÕES

Barros afirma que “a manipulação só será bem-sucedida quando o sistema de valores em que ela está assentada for compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles.” (2007, p. 33). É o que procura o manipulador padrão em relação ao manipulado jogador. Porém o sistema de valores de que estamos tratando está vinculado à imagem positiva ou negativa do manipulador e do manipulado, uma das bases da confiança que pode sustentar a cumplicidade entre eles. Deve ser estabelecido um contrato fiduciário entre o destinador-manipulador e o destinatário-manipulado. O destinador crê que o destinatário deva realizar a *performance*, para a qual adquiriu a competência.

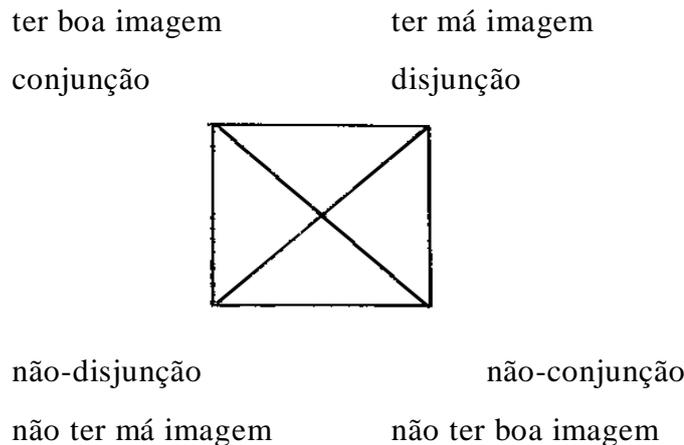
Vale ressaltar que uma competência modal pressupõe uma conjunção com o objeto-valor “imagem positiva” que um sujeito tem de si e que acredita transmitir a outros sujeitos. Naturalmente, o sujeito deve estar em conjunção com certos valores, que ele considera positivos, para se perceber em conjunção com essa “imagem positiva”. Portanto, a “imagem positiva” pressupõe um *querer* e um *dever*, que resultam de uma manipulação “dentro de um quadro de um simulacro em que S1 tem a base simbólica para o reconhecimento de si e enquanto sujeito.” (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p. 32-33).

Em seu ensaio “A construção ética e moral de si mesmo”, Harkot-de-la-Taille e La Taille fazem uma reflexão sobre a vergonha, o orgulho e a honra, “sentimentos ou paixões intersubjetivas que correspondem à mediação entre o eu e o(s) outro(s)”. (2004, p. 80). Essa idéia básica sobre a instauração desses sentimentos está ligada à idéia das

representações que as pessoas têm de si, que

[...] possuem uma característica essencial: elas são sempre valor. [...] Ora, o mesmo ocorre com este objeto singular que é o próprio eu, que, como vimos, é apreendido por meio de representações de si. A afetividade voltada para si próprio (narcisismo) faz com que tais representações sejam sempre valor. Logo, pensar sobre si é sempre julgar-se. E julgar-se implica pensar-se numa escala de valores [...]. Conseqüentemente, as representações de si devem ser pensadas em dois níveis: o que se julga ser o que se almeja ser. Ao que se almeja ser se pode dar o nome de “boa imagem”. Portanto, uma pessoa pode ver a si própria seja numa relação de *conjunção* com a(s) “boa(s) imagem(ns)” que tem de si, seja de *disjunção* com elas. (2004, p.72)

Portanto, tem-se uma categoria de termos que se opõem: ter “boa imagem” vs ter “má imagem”. São as representações que podem ser projetadas sobre si. A distribuição desses termos e seus contraditórios em um quadrado semiótico da junção (GREIMAS; COURTÉS, s.d., p.249) pode ser representada da seguinte forma:



Em uma cena de “Meninão do Caixote”, o narrador-personagem, tendo abandonado o jogo para seguir a vida convencional de estudante, tenta resistir ao assédio que lhe move o padrão de suas partidas, que procura persuadi-lo a voltar ao jogo.

Vitorino cortou com um agrado rasgado. Como escapar àquele raio de simpatia e à fala camarada? Vitorino tinha uma bossa que não acabava mais! Afinal, cedi para bater um papo. Afinal, entre tacos...
 — Nego, não dá pé.
 Tiririca. A conversa já mudou. O malandro em São Paulo, querendo jogo comigo, aquilo me envaidecia... Tiririca me procurando. (p. 140)⁴

⁴ Todas as indicações de páginas nas transcrições do conto “Meninão do Caixote” no decorrer deste estudo referem-se à edição: ANTÔNIO, J. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 4. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Naturalmente a manipulação por sedução, isto é, aplicada à imagem positiva do manipulado (“aquilo me envaidecia”), funcionou e o Meninão do Caixote não resiste e crê ser seu dever, nesse momento da narrativa, voltar à sinuca para enfrentar o famoso Tiririca, exatamente como queria Vitorino, seu patrão.

A partir das observações sobre o papel da construção e da exposição da imagem do destinador e do destinatário no jogo manipulatório, são analisados os modos como se instauram as paixões de dois grupos em nossos objetos de estudo:

a) avidez e economia e seus contrários, prodigalidade e desinteresse, além de suas relações de contraditoriedade e de implicação.

b) vergonha e culpa e seus contrários, orgulho e honra, além de suas relações de contraditoriedade e de implicação;

A semiótica das paixões começou por investigar

as condições narrativas do sujeito, a partir de uma compreensão mais exata dos elementos que articulam seus desejos, suas obrigações, suas frustrações, suas esperanças, enfim, de tudo o que provoca, ou paralisa, as ações dos personagens. Nessa ocasião, os esquemas narrativos foram empregados para analisar também os conteúdos *passionais* que aparecem nos textos, como “ciúme”, “desespero”, “vingança”, “indiferença”, “vergonha”, etc. Muito rapidamente verificou-se então que esses estudos da “paixão”, centrados no *ser* do sujeito, complementavam com o máximo proveito os estudos da “ação”, baseados no seu *fazer*, que deram origem ao modelo narrativo. (TATIT, 2006, p. 189-190)

Nas situações de conflito íntimo de personagens, muitas vezes, é possível observar a instauração simultânea de paixões de diferentes motivações. Por exemplo, quando Malagueta, Perus e Bacanaço vão a Pinheiros, como última etapa de suas andanças pelos salões paulistanos, na madrugada, procuram aplicar os mesmos golpes que haviam propiciado a eles um bom dinheiro no Centro. Deparam com o Robertinho, cuja aparência era tipicamente de um otário. No meio da partida, subitamente, Perus lembra-se de já ter visto o Robertinho e reconhece nele um jogador de muito talento e de maior picardia do que eles, tratado de “professor” no meio. Cria-se uma tensão: ou honrar o “contrato” com os parceiros e romper o “código de honra” do jogo, desistindo da partida no meio; ou desonrar o “contrato” com os parceiros e honrar o “código de

honra” do jogo, com o risco iminente da dissipação do dinheiro acumulado ao longo da noite. A decisão depende também da imagem que o sujeito quer ter de si perante os membros de seu pequeno grupo ou perante os membros da grande comunidade do jogo.

As instaurações desses sentimentos e suas relações com as imagens construídas ou a serem construídas de si e de outros são os elementos constituintes da análise dos contos “Meninão do Caixote”, “Malagueta, Perus e Bacanaço” e “Visita”, que empreendemos nas seções 2, 3 e 4 deste estudo. Em outras palavras, pretende-se examinar o envolvimento da manipulação com o uso e a construção das imagens do destinador e do destinatário, além da já mencionada negociação dos valores modais.

Quanto às paixões da vergonha, orgulho, culpa e honra, elas nascem de relações intersubjetivas, mas construídas a partir das imagens de si e de outros. Segundo Harkot-de-la-Taille e La Taille, três condições seriam necessárias para a instauração do sentimento da vergonha.

Três condições de base concorrem na instauração da vergonha, esse “sentimento penoso de desonra”, esse mal-estar moral. Em primeiro lugar, o sujeito precisa ver-se dentro de um grupo, pertencente a um “nós”, isto é, estar em uma situação de compartilhamento de valores, em que não diferencia valores seus e do grupo, na área em questão; em segundo lugar, o sujeito deve crer que a imagem de si veiculada tem pouco valor, o que lhe causa um sentimento de rebaixamento ou inferioridade [...]; finalmente, junto à comunhão de valores e ao sentimento de inferioridade, é preciso incidir a possibilidade de exposição dessa imagem a um “outro”, uma instância (alguém ou grupo) legitimada pelo sujeito para julgar negativamente essa imagem. (2004, p. 78)

Sendo o orgulho um tipo de antônimo da vergonha, o sujeito que experimenta esse sentimento passa por essas mesmas condições, porém invertendo o vetor de “inferioridade” para o de “superioridade”. Assim, para a instauração do orgulho, o sujeito precisa ver-se pertencente a um grupo, a um “nós”; em seguida, o sujeito deve crer que a imagem de si tem muito valor e, finalmente, deve haver a exposição dessa superioridade perante o(s) outro(s).

Em uma passagem do conto “Meninão do Caixote”, por exemplo, quando o Meninão começa a frequentar o bar Paulistinha e passa a ser reconhecido pelos frequentadores adultos, fica patente o sentimento de se pertencer ao grupo, primeira

condição da instauração do sentimento do orgulho. Em seguida, o sujeito Meninão crê que a imagem de si tem muito valor pelo fato de vencer tantos adultos e muitos apostarem em seu jogo. Finalmente, há a terceira condição para a instauração do orgulho: a exposição pública, quando sente seu nome se espalhando pelos bairros da cidade e muita gente vindo de lugares distantes para vê-lo jogar.

No caso, o sentimento de orgulho do Meninão satisfaz, portanto, as três condições para sua instauração: pertencer ao grupo, ter um valor extrapositivo de ser especial dentro do grupo e, finalmente, ser visto publicamente como superior aos demais. Por outro lado, o orgulho de Vitorino é do tipo transitivo, isto é, sente orgulho pelo sucesso do Meninão, como um professor sente orgulho pelo sucesso de seus alunos.

Por outro lado, na carreira do Meninão, há a instauração dos sentimentos de culpa, honra e vergonha. Em todos os momentos em que o Meninão vive a alternância entre o jogo da sinuca e a vida doméstica de ajudar a mãe e ir para a escola, como os outros meninos, pode-se observar a instauração do conflito entre a honra e a culpa.

Para a seção 5 deste estudo, partindo da consideração de que as motivações das ações dos sujeitos narrativos são atribuídas *a posteriori*, usando a fórmula de Bachelard (apud ZILBERBERG, 2006, p. 130) — “o depois explica o antes” —, utilizamos os conceitos do fazer missivo, desenvolvidos por Zilberberg (2006), para acompanhar o fluxo discursivo das andanças de seus diferentes sujeitos, ora projetando-se em ritmo acelerado no jogo, ora retornando em ritmo desacelerado para casa.

1.5 A MISSIVIDADE E O FLUXO DO DISCURSO

Para Zilberberg (2006, p. 132), partindo do conceito de Hjelmslev, de similitude das relações do plano da expressão e do plano do conteúdo, a projeção da relação eufórico *vs.* disfórico é determinada pela categoria tensiva, que se articula em tensão *vs.* relaxamento. Tem-se a tensão na conjunção com os valores disfóricos; tem-se o relaxamento na conjunção com os valores eufóricos. Na interrupção dessas conjunções, a narrativa se orienta no sentido da não-conjunção e disjunção.

Passando do regime da tensividade para o da missividade, o sentido da tensão corresponde ao fazer remissivo, que resulta em retenção; o sentido do relaxamento corresponde ao fazer emissivo, que resulta em distensão. É no sujeito da enunciação que se articulam tanto a tensividade como a missividade, com os correspondentes regimes espaço-temporais.

Sobre a projeção da missividade no tempo e no espaço, é esclarecedor o que afirma Zilberberg:

Mas se o gesto missivo subjuga o tempo, proporcionando-nos dois regimes figurais — uma temporalidade remissiva (ou expectante) e uma temporalidade emissiva (ou originante) —, o que acontece com o espaço? O poder de configuração do fazer missivo não é menor para o espaço do que para o tempo. Por uma razão óbvia porém inconcebível, tudo se passa como se o tempo e o espaço estivessem em razão inversa um do outro:

- Toda remissão pode se configurar como cronopoiese, “implosão” em relação ao tempo e como fechamento quanto ao espaço.
- Toda emissão pode se configurar como cronotrofia em relação ao tempo e como abertura quanto ao espaço. (2006, p. 137)

Após a geração dos regimes emissivo e remissivo, são geradas as modalidades específicas em cada um desses regimes. De acordo com Zilberberg, é possível sistematizar essas modalidades em factivas (relacionadas ao fazer) e em páticas (relacionadas ao ser). Além disso, é preciso considerar as dimensões pragmáticas (relacionadas ao poder) e cognitivas (relacionadas ao saber).

Pietroforte, em sua *Análise textual da história em quadrinhos* (2009), ao abordar semioticamente a obra de Luiz Gê, fundamenta sua aplicação dos conceitos de Zilberberg sobre a integração dos percursos factivos e páticos:

Ao agir apaixonado, o sujeito sabe e pode em função da dimensão factiva ou pática. Há um saber e um poder que modalizam como age, e um poder e um saber que modalizam como se apaixonou, determinando dimensões pragmáticas e cognitivas nas dimensões factiva e pática. (PIETROFORTE, 2009, p. 47-48)

Com a categorização apresentada das modalidades específicas para cada uma das dimensões — cognitiva e pragmática —, Zilberberg estabelece o seguinte “cadastro modal”:

	fazer remissivo (cessar)	fazer emissivo (cessar de cessar)
modalidades factivas	cognitiva: ignorar pragmática: dever	cognitiva: prever pragmática: querer
modalidades páticas	cognitiva: espantar-se pragmática: interromper-se	cognitiva: crer pragmática: esperar

(ZILBERBERG, 2006, p. 139)

Por exemplo, no conto “Meninão do Caixote”, quando o Meninão se determina: “Um dia peguei no taco.” (p.132), os arranjos modais de cada fazer missivo determinam o ser e o fazer dos actantes da narrativa, determinando, inclusive, as expectativas do leitor.

Nessa narrativa, nas sequências da ordem do regime emissivo, o *ser* do Meninão é modalizado pelo *crer*, na dimensão cognitiva, e pelo *esperar*, na dimensão pragmática. Enquanto *crê* ser um bom jogador, superior aos adversários com os quais aposta, ele segue adiante, rumo aos resultados que confirmem suas *expectativas*. A modalização do *fazer* se dá na dimensão cognitiva pelo *prever*, já que o Meninão *faz* o seu jogo de acordo com seu projeto. Por outro lado, a modalização na dimensão pragmática se dá pelo *querer*, já que é preciso mais do que *esperar* os resultados: ele prossegue porque investe no *querer* jogar (e ganhar).

Nas sequências da ordem do regime remissivo, o *ser* do Meninão é modalizado pelo *espantar-se*, na dimensão cognitiva, e pelo *interromper-se*, na dimensão pragmática. Ele *se espanta*, na dimensão cognitiva, com a divisão do dinheiro nas partidas em que sai vitorioso (“Ô divisão cheia de sócios, de nomes, de mãos a pegarem no meu dinheiro!” p. 136). Na dimensão pragmática, ele é modalizado pelo *interromper-se*, já que cada divisão do dinheiro (“Aquilo me desgostava”) é uma forma de *detê-lo* em sua carreira. A modalização do *fazer* se dá na dimensão cognitiva pelo *ignorar*, uma vez que as reações de sua mãe contra a sua trajetória tendem a fazer cessar seu jogo. A

modalização do *fazer* na dimensão pragmática se dá pelo *dever*, que afeta sua culpa de abandonar as responsabilidades domésticas.

A missividade se define na instância da enunciação. Nela são determinadas as categorias de pessoa, espaço e tempo, orientadas pelo fluxo discursivo. Nesse fluxo é aplicada a categoria *continuidade vs. descontinuidade*. O regime é emissivo quando o discurso segue adiante na continuidade narrativa, isto é, quando se afirma a conjunção do sujeito com o objeto de valor. O regime é remissivo quando o discurso é interrompido pela descontinuidade narrativa. Interrompe-se, então, a conjunção do sujeito com o objeto de valor.

Em virtude de se afirmar a continuidade narrativa no regime emissivo, o ritmo do tempo é acelerado e o espaço tende à abertura para outros espaços. Por outro lado, no regime remissivo, por afirmar a descontinuidade narrativa, e em função das paradas, o tempo é desacelerado e o espaço tende ao fechamento.

Quanto à relação sujeito - objeto, pode-se dizer que, no regime emissivo, o objeto é valorizado na dimensão pragmática, isto é, quando o sujeito age sobre o objeto, identifica-se com ele. É o que se observa nas sequências em que o Meninão segue adiante com a carreira, quando se observa uma evidente identificação do sujeito com o seu objeto de valor jogo de sinuca. De certa forma, como o sujeito narrativo se define nas relações com seus objetos de valor, a compreensão do objeto determina a compreensão do sujeito, pois sua compreensão se dá em função do objeto que medeia as relações na dimensão cognitiva.

2 “MENINÃO DO CAIXOTE” E A INSTAURAÇÃO DAS PAIXÕES — ORGULHO/HONRA E CULPA

Tornava à mesa com fome das bolas, e era uma piranha, um relógio, um bárbaro. Jogando como sabia.

Essas reaparições viravam boato, corriam os salões, exageravam um Meninão do Caixote como nunca fui.

(ANTÔNIO, J. 2004, p. 138 Cosac & Naif)

2.1 A CAMINHO DA MESA

Este capítulo se propõe a estudar, com base na teoria semiótica, as relações entre os núcleos da ação e da paixão do conto “Meninão do Caixote”. Essas relações são analisadas a partir dos aspectos modais responsáveis pelos efeitos de sentido passionais nas várias etapas do esquema narrativo canônico, mas principalmente o percurso do destinador-manipulador e o do destinador-julgador e sua correspondente sanção. (BARROS, 2007).

O argumento básico de “Meninão do Caixote” é a carreira vitoriosa de um menino, filho de um caminhoneiro e uma costureira, como jogador de sinuca, perambulando pelas ruas e pelos bares em meio aos profissionais do jogo em São Paulo. No meio da malandragem cresce a fama desse menino de quinze anos, tão baixinho que necessita de um caixote para alcançar altura para desenvolver o jogo. Naturalmente, essa carreira traz à tona vários conflitos em seus relacionamentos.

Retomando o texto “A construção ética e moral de si mesmo”, de Harkot-de-la-Taille e La Taille (2004, p. 80), consideramos que os sentimentos da vergonha, do orgulho, da culpa e da honra correspondem a relações intersubjetivas que correspondem à mediação entre o eu e os outros. Portanto, a instauração desses sentimentos corresponde às representações que as pessoas têm de si. O valor positivo da

representação de si é a boa imagem que se julga ter.

Para a instauração do sentimento do orgulho, segundo Harkot-de-la-Taille e La Taille (2004), concorrem três condições: o compartilhamento dos valores de seu grupo, um sentimento de superioridade em relação aos outros e a exposição dessa superioridade. Essa exposição é a conjunção de “sentir orgulho” com “ter boa imagem”. É essa conjunção que o Meninão busca em seu percurso.

Vale lembrar que, dentro dessa linha de reflexão, pode-se arriscar também a dizer que a adolescência é um período crucial da vida em que uma pessoa constrói sua representação-de-si perante o(s) outro(s). A narrativa em estudo trata exatamente desse período da vida do Meninão do Caixote.

São principalmente as instaurações dos sentimentos de orgulho, honra e culpa que serão reveladas nos vários movimentos das ações. Por questão metodológica, esta análise divide a narrativa em cinco segmentos. O critério utilizado privilegia as mudanças significativas nas relações entre os sujeitos da narrativa: o Meninão, o Vitorino e a mãe do Meninão. Seguem-se os cinco segmentos, acompanhados de uma breve notícia das ações, apenas para se situarem os diferentes momentos da narrativa.

- 1º segmento: de “Na rua vazia, calada, ...” (p. 125) até “Gente correu para dentro do bar.” (p. 129) — estado inicial de espera e frustração.

O Meninão se encontra entediado no novo bairro, sem o seu primo Duda, companheiro de jogos no antigo bairro. Sua mãe lhe pede para comprar leite; a chuva repentina o obriga a se abrigar no Bar Paulistinha.

- 2º segmento: até “Um dia peguei no taco.” (p. 132) — a superação do sentimento de frustração.

“Preso ao bar”, o Meninão fica admirado ao deparar com as mesas de sinuca e com Vitorino.

- 3º segmento: até “Ia lá e ganhava.” (p. 135) — o orgulho do vencedor.

Pelas mãos de Vitorino, o Meninão torna-se um grande jogador de sinuca.

- 4º segmento: até “Os pés pequenos voltavam a pedalar descansados.” (p. 138) — o sentimento de culpa em relação à mãe.

O orgulho pela sua carreira vitoriosa alterna-se com o sentimento de culpa por fugir às responsabilidades de ajudar a mãe em casa e de frequentar a escola.

- 5º segmento: até o final (p. 146) — A superação da culpa.

Aceitando novamente o jogo manipulatório de Vitorino, o Meninão disputa a partida decisiva. Após mais essa vitória, vê a mãe surgir no bar trazendo a marmita. O Meninão abandona definitivamente a carreira de jogador e volta para casa com a mãe.

Por esses cinco segmentos, pode-se perceber que o percurso do Meninão ocorre no seguinte sentido:

insatisfação / frustração → superação da frustração →
 orgulho / honra → culpa → superação da culpa / um novo
 orgulho

Esses sentimentos são analisados nas relações que os três sujeitos — o Meninão, o Vitorino e a mãe do Meninão — mantêm entre si e nas quais se dão as transformações de seus estados de alma.

2.2 JUNTO À MESA: A MANIPULAÇÃO E AS PAIXÕES

Pelo primeiro segmento da narrativa, logo no início (“Na rua vazia, calada, molhada, só chuva sem jeito; nem bola, nem jogo, nem Duda, nem nada.” p. 125) temos a percepção do estado de tédio em que se encontra o sujeito Meninão do Caixote. Acaba de mudar de bairro, está apartado do seu primo Duda, com quem sempre costumava brincar e jogar no antigo bairro. O seguinte trecho ilustra a relação entre o Meninão e seu primo:

Se Duda estivesse comigo eu não estaria bobeando, olhando a chuva. A gente arrumaria uns botões, eu puxaria o tapete da sala, armaria as traves. Duda, aquele meu primo, é que era meu. Capaz de fazer trinta partidas, perder as trinta e não havia nada. Nem raiva, nem nada. Coçava a cabeça, saía para outra, a gente se entendia e recomeçava. Às vezes, até sorria:

— Você está jogando muito.

Mas agora a chuva caía e os botões, guardados na gaveta da cômoda, apenas lembravam que Duda ficara em Vila Mariana. Agora a Lapa, tão chata, que é que tinha a Lapa? (p. 126)

Na percepção dessa relação de amizade com o primo, observamos que o Meninão tem um conceito muito alto de si perante o outro. É sempre o vitorioso e é sancionado como tal por si e também pelo outro. Porém, na situação inicial da narrativa, o Meninão encontra-se afastado do primo. Essa situação provoca um sentimento que Greimas (1983, p. 227) chama de frustração.

O estado original de um desenvolvimento de narrativa passional não é um estado neutro, mas um estado de um sujeito acentuadamente modalizado. E no caso do sentimento de frustração, ele implica a disjunção com um objeto de valor e a disjunção com uma vantagem que acredita ter direito de receber. Em outros termos, a frustração implicaria uma relação do sujeito com um objeto e uma outra relação quase contratual com um outro sujeito, isto é, intersubjetiva. Portanto, no início, o sujeito da espera, Meninão, está em disjunção com jogos e brinquedos de infância, representados pelo primo Duda, e com a satisfação de jogar com ele (e vencê-lo sempre).

Meninão do Caixote	U	amizade
	U	brincadeiras
	U	liberdade
	U	satisfação

Esse sujeito da espera, com muita tensão, por experimentar o sentimento de frustração, é solicitado pela mãe a buscar leite. Como não havia leite aonde rotineiramente o Meninão ia, pela primeira vez vai comprar no Bar Paulistinha. Veja-se este trecho:

[...] Quando entrei, a chuvinha renitente engrossou, trovão, trovão, um traço rápido cor de ouro lá no céu. O céu ficou parecendo uma casca rachada. E chuva que Deus mandava.

— Essa não!

Fiquei preso ao Bar Paulistinha. Lá fora, era vento que varria. Vento varrendo chão, portas, tudo. Sacudiu a marca do ponto do ônibus, levantou saias, papéis, um homem ficou sem chapéu. Gente correu para dentro do bar. (p. 129)

Na *continuidade* do seu cotidiano de tédio, de insatisfação, de frustração, dentro de casa, em um bairro novo, sentindo a falta de amigos e do pai, irrompe uma tempestade que o coloca “preso ao bar”, uma ocorrência inesperada que pode sinalizar uma *descontinuidade*. O mundo da ordem, marcado pelo máximo de previsibilidade e segurança possíveis, referido por Greimas em *Da imperfeição* (2002), sofre uma ruptura por um acidente, com marcas de imprevisibilidade e insegurança.

Como vimos, quando está dentro do bar, um temporal o impede de voltar imediatamente para casa. Passa a observar o interior do bar.

No Paulistinha havia sinuca e só então eu notei. Pedi uma beirada no banco em volta da mesa, ajeitei o litro de leite entre as pernas.

— Posso espiar um pouco?

Um homem feio, muito branco, mas amarelado ou esbranquiçado, eu não discernia, um homem de chapéu e de olhos sombreados, os olhos lá no fundo da cara, braços finos, tão finos, se chegou para o canto e largou um sorriso aberto:

— Mas é claro, garotão!

Fiquei sem graça. Para mim, moleque afeito às surras, aos xingamentos leves e pesados que um moleque recebe, aquela amabilidade me pareceu muita. (p. 129-130)

É o momento em que o Meninão encontra Vitorino, um velho e famoso jogador de sinuca, que parece imperar no salão do bar entre os outros jogadores e fregueses. Começa por admirá-lo, como se pode perceber por mais esta passagem:

— Larga a brasa, rapaz!

Aquela fala diferente mandava como nunca vi. Picou-me aquela fala. Um interesse pontudo pelo homem dos olhos sombreados. Pontudo, definitivo. [...]

Vitorino. Para mim, o nome era igualzinho à pessoa. Duas coisas nunca vistas e muito originais. O homem dos olhos sombreados sorriu aberto. (p.130-131)

O percurso das ações do Meninão na carreira que está por assumir pode se realizar após o encontro com Vitorino. Porém, “para que um sujeito comece seu percurso de ação ele precisa ser manipulado para isso.” (PIETROFORTE, 2004, p. 17). Na semiótica, o manipulador é chamado destinador e o manipulado, destinatário. O destinador manipulador usa de um saber ou um poder para que o destinatário realize seu percurso de ação. De um lado, o Vitorino assume papel de destinador-manipulador por usar seu saber jogar sinuca e transmiti-lo ao Meninão para que este realize o percurso de jogador e obtenha dinheiro para aquele. De outro lado, o Meninão assume papel de destinador-manipulador quando usa seu querer jogar sinuca para manipular o destinatário Vitorino a ensiná-lo. Como se vê, o cenário é propício a um “contrato de confiança” que eles podem estabelecer.

Quando o Meninão passa a frequentar o Paulistinha às tardes, seu querer é satisfeito, como se pode verificar por esta passagem:

Para mim, Vitorino abria uma dimensão nova. [...]
 Para mim, moleque fantasiando coisas na cabeça...
 Um dia peguei no taco. (p. 132)

Segundo Barros (1989-1990, p. 62), “pode-se representar a espera pelos programas narrativos abaixo, em que S1 é o sujeito da espera e S2 o sujeito do fazer com quem S1 conta para realizar seus desejos”:

$$S1 \text{ querer } [S2 \rightarrow (S1 \cap Ov)]$$

$$S1 \text{ crer } [S2 \text{ dever } \rightarrow (S1 \cap Ov)]$$

No percurso simples do Meninão do Caixote, tem-se que S1 (Meninão) quer que S2 (Vitorino) o ponha em conjunção com o objeto de valor — a satisfação que jogar sinuca pode dar — e crê que S2 (Vitorino) deva fazê-lo. Em seu percurso complexo, S1 (Meninão) crê que S2 (Vitorino) deva colocar S1 (Meninão) em conjunção com o objeto de valor. Como afirma Barros:

Como a espera é tanto uma espera de valores quanto um contrato fiduciário simulado, distinguem-se claramente dois grupos de paixões: as primeiras decorrem das relações que se estabelecem entre sujeito e objeto, as segundas dependem do contrato de

confiança instaurado entre os sujeitos. (1989-1990, p. 62)

Desse modo, seriam estabelecidos os seguintes programas narrativos:

- Na perspectiva do Meninão:

Meninão querer [Vitorino \rightarrow (Meninão \cap jogar sinuca)]

Meninão crer [Vitorino dever \rightarrow (Meninão \cap jogar sinuca)]

- Na perspectiva de Vitorino:

Vitorino querer [Meninão \rightarrow (Vitorino \cap ganhar dinheiro)]

Vitorino crer [Meninão dever (Vitorino \cap ganhar dinheiro)]

Para o Meninão o jogo da sinuca propiciaria o sentimento de satisfação; para o Vitorino a transmissão de seu saber para o Meninão representaria ganhar dinheiro para satisfazer o sentimento de avidez.

2.3 O JOGO DA VIDA: AS PAIXÕES EM CONFRONTO

As ações da narrativa realizam as transformações desejadas por esses sujeitos. Os trechos seguintes ilustram o segundo segmento da narrativa, a carreira vitoriosa do Meninão do Caixote:

Joguei, joguei muito, levado pela mão de Vitorino, joguei demais.

Porque Vitorino era um bárbaro, o maior taco da Lapa e uma das maiores bossas de São Paulo. Quando nos topamos, Vitorino era um taco. Um cobra. E para mim, menino que jogava sem medo, porque era um menino e não tinha medo, o que tinha era muito jeito, Vitorino ensinava tudo, não escondia nada. [...]

Eu era baixinho como mamãe. Por isso, para as tacadas longas era preciso um calço. Pois havia. Era um caixote de leite condensado que Vitorino arrumou. Alcançando altura para as tacadas, eu via a mesa de outro jeito, eu ganhava uma visão! Porque não se mostrasse, meu jogo iludia, confundia, desnorteava. Muitos não acreditavam nele. Também por isso rendia... (p. 133)

O percurso das relações juntivas, na perspectiva do Meninão, pode ser percebido desta forma:

Meninão \cup Duda \rightarrow Meninão \cup Vitorino \rightarrow

Meninão \cap Vitorino / Meninão \cup mãe

No primeiro momento, Meninão está em disjunção com o primo Duda e com o Vitorino. Ao entrar em conjunção com Vitorino, entra em disjunção com a mãe.

No momento em que a sua carreira de jogador de sinuca é vitoriosa, o quadrado semiótico das paixões simples, da perspectiva do Meninão em relação ao Vitorino se apresenta desta forma:

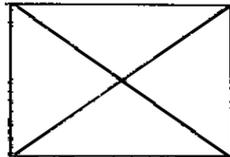
Meninão querer [Vitorino \rightarrow (Meninão \cap jogar sinuca)]

Jogar sinuca

Estudar / ajudar a mãe

Conjunção

Disjunção



Não-disjunção

Não-conjunção

Abandonar o estudo/não ajudar a mãe

Abandonar o jogo

O percurso seguido é este:

estudar/ajudar a mãe \rightarrow ficar às tardes no Paulistinha (portanto
não ajudar a mãe) \rightarrow jogar sinuca

Quanto às paixões complexas, o quadrado semiótico das paixões se apresenta desta forma:

crer ser

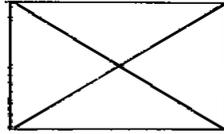
relaxamento

confiança

crer não ser

tensão

insegurança / preocupação



não crer não ser

distensão

despreocupação

não crer ser

intensão

decepção, desilusão

O percurso seguido pela carreira do menino é este:

insegurança (em relação ao grupo de jogadores) →
 despreocupação (em relação à aceitação pelo grupo) → a relação
 de confiança com Vitorino.

Em outros termos, o percurso vai da tensão (insegurança), passa pela distensão (despreocupação) e chega ao relaxamento (confiança)

Vimos que, segundo Harkot-de-la-Taille e La Taille (2004, p. 78), três condições seriam necessárias para a instauração do sentimento da vergonha: o pertencimento a um grupo, a crença de que a imagem de si veiculada tem valor inferior ao do grupo e a possibilidade de exposição pública. Considerando-se o orgulho uma espécie de antônimo da vergonha, o sujeito que experimenta esse sentimento passa por essas mesmas condições, porém invertendo o vetor de “inferioridade” para o de “superioridade”. Portanto, da mesma forma, para a instauração do orgulho, o sujeito precisa ver-se pertencente a um “nós”; o sujeito deve crer que a imagem de si tem muito valor e, finalmente, deve haver a exposição dessa superioridade perante o(s) outro(s).

Na seguinte passagem da narrativa,

As tardes e os domingos no canto do banco espiando a sinuca. Ali, ficar quieto, no meu canto, como era bom! [...]

Saía, fazia que ia brincar. Ficava lá no meu canto, procurando compreender. Os homens brincavam:

— Ô menino!

Eu sorria, como que recompensado. Aquele dera pela minha presença. Um outro virava-se:

— Ô menino, você está aí? (p. 131-132)

está evidente o sentimento de se pertencer ao grupo, primeira condição da instauração do sentimento do orgulho. O sujeito Meninão também crê que a imagem de si tem muito valor:

Porque não se mostrasse, meu jogo iludia, confundia, desnor-teava. Muitos não acreditavam nele. Também por isso rendia... E desenvolvia um jogo que enervava um santo. Jogo atirado, incisivo, de quem emboca, emboca, mas o jogo não aparece no começo. Vai aparecer no fim da partida, depois da bola três, quando não há mais jeito para o adversário. As apostas contrárias iam por água abaixo. (p. 133)

Finalmente, a terceira condição: a exposição pública:

Meninão do Caixote... Este nome corre as sinucas da baixa malandragem, corre Lapa, Vila Ipojuca, corre Vila Leopoldina, chega a Pinheiros, vai ao Tucuruvi, chegou até Osasco. Ia indo, ia indo. Por onde eu passava, meu nome ficava. (p. 134)

A instauração do sentimento de orgulho no Meninão ocorre com a conjunção das três condições para sua instauração: pertencer ao grupo, ter um valor extrapositivo de ser especial dentro do grupo e, finalmente, ser visto publicamente como superior aos demais. Por outro lado, o orgulho de Vitorino é do tipo transitivo, isto é, sente orgulho pelo sucesso do Meninão, como um professor sente orgulho pelo sucesso de seus alunos.

Para o Meninão o sentimento de orgulho parece ser a motivação para a carreira que propicia a sua satisfação ao Meninão. Na divisão do dinheiro amealhado nos jogos e nas apostas, a maior parte ficava com o Vitorino, como atesta esta passagem:

Vitorino era o patrão, eu ganhava, dividíamos a grana.
 Aquilo. Aquilo me desgostava. Ô divisão cheia de sócios, de nomes, de mãos a pegarem no meu dinheiro!
 Por exemplo: ganhava um conto de réis. Dividia com Vitorino, só me sobravam quinhentos. Pagava tempo e despesas, já eram só quatrocentos. Dava estia ao adversário: lá se iam mais dez por cento — só me sobravam trezentos. Dez por cento sobre um conto. Dava mais alguma estia... Ganhava um conto de réis, ficava só com duzentos.
 Estava era sustentando uma cambada, sustentando Vitorino, seus camaradas, suas minas, seus... (p. 136-137)

Essa consciência sustenta o quarto segmento da narrativa (o da instauração da culpa), quando o Meninão vive uma alternância entre o jogo da sinuca e a vida doméstica de ajudar a mãe e ir para a escola, como os outros meninos. Instaura-se no Meninão um conflito entre a honra e a culpa. O sujeito Meninão ora passa um tempo no jogo, integrado aos valores de Vitorino e do grupo de jogadores; ora volta às atividades esperadas de um menino, como a de frequentar a escola e ajudar a mãe nos afazeres domésticos. Estes dois trechos revelam os dois momentos de sua consciência dividida:

a) o Meninão sentindo culpa em relação à mãe:

Mamãe me via chegar, e às vezes, fingia não ver. Depois, de mansinho, eu me deitava. E depois vinha ela e eu fingia dormir. Ela sabia que eu não estava dormindo. Mas mamãe me ajeitava as cobertas e aquilo bulia comigo. Porque ia para o seu canto, chorosa.

Mamãe, coitadinha. (p. 138)

b) o Meninão não resistindo às tentações oferecidas pelo Vitorino:

Vitorino arrumava um jogo bom, me vinha buscar. Eu desguiando, desguiando, resistia. Ele dando em cima. Se papai estava fora, eu acabava na mesa. Tornava à mesa com fome das bolas, e era uma piranha, um relógio, um bárbaro. Jogando como sabia.

Essas reaparições viravam boato, corriam os salões, exageravam um Meninão do Caixote como nunca fui. (p. 138)

A honra, segundo Harkot-de-la-Taille, é “construída na história das trocas simbólicas — e, entre estas, afetivas — do sujeito, dentro de seu grupo.” (2004, p. 79). Por outro lado, a culpa, ainda segundo ela no *Ensaio semiótico sobre a vergonha*, “diz respeito à sanção que o sujeito se aplica, o foco reside nela, na sanção, não no ser e nas suas transformações de estado.” (1999, p. 23)

Segundo a honra, o Meninão não poderia macular a sua “boa imagem” diante do grupo de jogadores. Ele respeita todas as regras de convivência do meio, como, na qualidade de vencedor, dividir os ganhos com seu “patrão” Vitorino, ter de pagar as despesas da mesa, dar estia ao adversário vencido, etc.

Porém, o Meninão se aplica uma sanção pelo fato de fugir às responsabilidades de filho, na ausência do pai. A sanção que ele se aplica é o sentimento de culpa em relação à mãe.

Nesse segmento da narrativa, os percursos das relações juntas são estes:

- Na perspectiva do sujeito Meninão, ora ele está em conjunção com o Vitorino (o que implica estar em disjunção com a mãe), ora está em conjunção com a mãe (o que implica estar em disjunção com Vitorino).

Meninão \cap Vitorino , logo Meninão \cup mãe

Meninão \cap mãe , logo Meninão \cup Vitorino

- Na perspectiva do Vitorino, ora ele está em conjunção com o Meninão (o que implica ganhar dinheiro), ora está em disjunção com o Meninão (o que implica não ganhar dinheiro). Para o Vitorino, o Meninão é simultaneamente um Destinatário de sua manipulação e um Objeto de uso, que serve para lhe trazer ganhos.

Nas relações intersubjetivas que ocorrem nos momentos de alternância entre voltar aos encargos domésticos e arriscar-se nos jogos, o Meninão também alterna seus confrontos ora com Vitorino ora com a mãe.

Vale mencionar o que afirma Barros: “No léxico português encontram-se com muita frequência paixões que englobam os efeitos da insatisfação (privação do objeto) e da decepção (crise de confiança) [...]” (1989-1990, p. 65)

Nos momentos de afastamento dos dois sujeitos — Meninão e Vitorino —, pode-se notar o efeito da insatisfação de Vitorino pela privação do objeto de uso — o Meninão — para atingir o objeto de valor = ganhar dinheiro; e o efeito de decepção de Meninão, com a crise de confiança em relação ao Vitorino por perceber a exploração que sofre com a parceria. Nesses casos está em crise também o contrato fiduciário que possibilitou a parceria dos dois sujeitos no jogo.

2.4 FINAL DO JOGO: A SANÇÃO E AS PAIXÕES

O respeito às regras da honra faz com que o Meninão volte mais uma vez ao jogo, pois um jogador o desafia para uma partida-revanche. Como não se pode negar essa chance ao adversário, o Meninão, novamente patrocinado por Vitorino, volta à mesa para disputar com o Tiririca.

A seguinte passagem ilustra a partida decisiva:

Puxei o caixote, ajeitei, giz no taco, bastante giz, giz americano, do bom. E saí pela bola cinco!

Uma saída maluca. Vitorino reprovou. Mas o cinco caiu. Vitorino suspirou:

— Que bola!

A curriola se assanhou, cochichos, apostas se dobravam.

Elogiado, embalado, joguei o jogo. Joguei o máximo, na batida em que ia, Tiririca nem teria tempo de jogar, que eu ia fechar o jogo, acabar com as bolas. Ia cantando os pontos:

— Vinte e seis.

A curriola estava boba. O dono do bar parado, na mão um litro vazio de boca para baixo. Vitorino saltou da cadeira, açambarcou todas as alegrias do salão, virou o dono da festa. Numa agitação de criança, erguia o braço magrelo.

— Este bichinho se chama Meninão do Caixote! (p. 143-144)

Essa última fala de Vitorino reforça mais uma vez o tipo transitivo de orgulho que ele sente em relação ao talento do Meninão. Mais uma vez o Meninão vence. Havia prometido à mãe que voltaria para o almoço, mas a longa partida o fez esquecer as horas. E é em meio à agitação frenética dos frequentadores do bar comemorando o final da partida que chega ao recinto a mãe do Meninão.

Vinha chorosa de fazer dó. Mamãe surgindo na cortina verde, vinha miudinha, encolhida, trazendo uma marmita. Não disse uma palavra, me pôs a marmita na mão.

— O seu almoço.

Um frio nas pernas, uma necessidade enorme de me sentar. E uma coisa me crescendo na garganta, crescendo, a boca não agüentava mais, senti que não agüentava. Ninguém no meu lugar agüentaria mais. Ia chorar, não tinha jeito. (p. 145)

Após o choro, assinala-se o momento em que o Meninão faz um julgamento interpretativo do contrato fiduciário com Vitorino.

O choro já serenando, baixo, sem os soluços. Mas era preciso limpar os olhos para ver as coisas direito. Pensei, um infinito de coisas batucaram na cabeça. As grandes paradas, dois anos de taco, [...] E agora, mamãe me trazendo almoço... Eu ganhava aquilo? (p. 145)

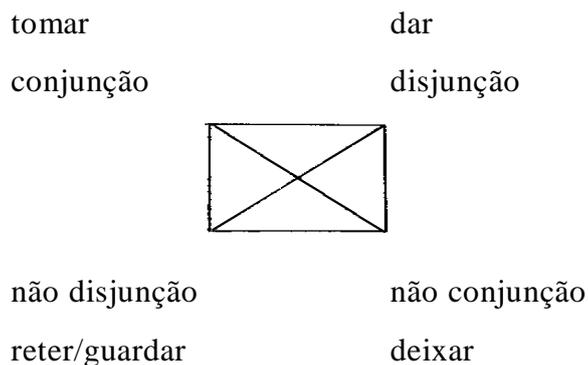
Explicita-se na passagem a crise de confiança nos dois sentidos que pode ter a expressão “era preciso limpar os olhos para ver as coisas direito.” Vendo as coisas “direito”, o Meninão decide abandonar o jogo, isto é, o grupo com o qual compartilhava os valores até esse momento.

Não ia mais pegar no taco. Tivessem paciência. Mas agora eu estava jurando por Deus.

Larguei as coisas e fui saindo. Passei a cortina num passo arrastado. Depois a rua. Mamãe ia lá em cima. Ninguém precisava dizer que aquilo era um domingo... Havia namoros, havia vozes e havia brinquedos na rua, mas eu não olhava. Apertei meu passo, apertei, apertando, chispei. Ia quase chegando.

Nossas mãos se acharam. Nós nos olhamos, não dissemos nada. E fomos subindo a rua. (p. 145-146)

A cena do surgimento da mãe do Meninão com a marmita revela, no fundo, um jogo extra que se trava na narrativa, paralelamente aos jogos de sinuca do Meninão e aos jogos internos entre a honra e a culpa nos seus sentimentos. Ao lado da relação entre Meninão e Vitorino e da relação entre Meninão e a mãe, trava-se esse jogo extra em que o Meninão funciona como o objeto-prêmio. Trata-se do jogo que travam Vitorino e a mãe do Meninão. Pelo quadrado semiótico da junção, recobrimo os elementos com as paixões envolvidas nesse jogo, pode-se perceber:



O percurso de Vitorino em relação ao Meninão como objeto de uso segue este sentido no momento da ascensão da carreira:

dar → reter → tomar

No processo de quebra de confiança, o percurso segue este outro sentido:

tomar → deixar → dar

O percurso da mãe em relação ao Meninão como objeto de valor segue este sentido no movimento de afastamento dele em direção ao jogo:

deixar → dar

No processo de reconquista da confiança do Meninão, o percurso segue outro sentido:

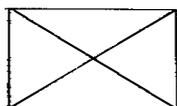
dar → reter → tomar

Esses percursos do quadrado semiótico da junção revelam a oposição total das posições ocupadas por Vitorino e a mãe do Meninão. Eles travam um jogo curioso porque um não cruza o caminho do outro. Na narrativa, cada um desses contendores faz a sua tacada e aguarda a do outro, como em partida de sinuca. Porém, no caso deles, não jogam na mesma mesa. Cada um respeita “a mesa” (o espaço próprio) do outro. Em nenhum momento Vitorino aproxima-se da casa da mãe do Meninão. A mãe nunca havia entrado em nenhum dos bares de sinuca. Quando ela “invade” o espaço de Vitorino no final do conto, utiliza uma “tacada” no estilo ousado do Meninão. Essa ousadia será decisiva para o julgamento (sanção) interpretativo final feito pelo Destinator Meninão em relação ao “contrato de confiança” inicialmente assumido com Vitorino.

Na disputa dos espaços, o quadrado semiótico da junção poderia ser representado desta forma:

Mãe
casa

Vitorino
bar



rua (em direção a casa)

rua (em direção ao bar)

Meninão

Meninão

O julgamento interpretativo do acordo de manipulação do Meninão como Destinator para que o Destinatário Vitorino o colocasse em conjunção com o jogo, com a satisfação, com o sentimento de orgulho, teria sido positivo se a honra de compartilhar os valores do grupo se mantivesse e se o “contrato de confiança” não estivesse em crise. Porém, os valores que o Meninão passa a compartilhar são os do mundo da mãe. Nesse mundo resgatado ao final, o novo orgulho sentido pelo Meninão manifesta-se como transitivo pela “tacada” decisiva da mãe, isto é, orgulho pela mãe.

É significativo o fato de o orgulho do tipo transitivo ter sido o primeiro sentimento do Meninão ao encontrar Vitorino pela primeira vez, quando se descortinou o mundo da sinuca. O orgulho de ser aceito pelo Vitorino foi decisivo para a superação do estado inicial de tédio e insatisfação do Meninão. É o orgulho também do tipo transitivo que alimenta todo o sentimento de Vitorino pelo sucesso do Meninão em sua carreira vitoriosa. E é justamente esse tipo transitivo de orgulho que faz o sujeito Meninão tomar a decisão de abandonar os valores do mundo de Vitorino e entrar, por fim, em conjunção com os valores da mãe. De mãos dadas.

3 “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO” — A AVIDEZ E A DISSIPACÃO

Os dois quebrados, quebradinhos. Sem dinheiro, o maior malandro cai do cavalo e sofredor algum sai do buraco. (ANTÔNIO, J., 2004, p. 150)

3.1 TER OU NÃO TER DINHEIRO

No capítulo “A propósito da avareza”, de *A semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille (1993) consideram que:

[...] a avareza só pode ser concebida se as riquezas forem consideradas como objetos em circulação numa sociedade; o excesso da acumulação, bem como da retenção, só pode ser interpretado em relação a uma norma que regulamenta as trocas entre os sujeitos numa comunidade. A retenção, por exemplo, e em particular o julgamento pejorativo que a acompanha, só pode ser compreendida se se supõe uma disposição geral à redistribuição. Da mesma forma, a acumulação aparece ao exame como superposição entre dois processos: adquirir novos objetos e reter ao mesmo tempo os que já foram adquiridos. A avareza não é, portanto, a paixão daquele que possui ou busca possuir, mas a paixão daquele que entrava a circulação e a redistribuição dos bens em dada comunidade. Esse é, na verdade, um fato de uso, pelo qual uma práxis enunciativa própria de uma comunidade transforma em paixão certo dispositivo sintático produzido no nível semionarrativo. (1993, p. 106-107)

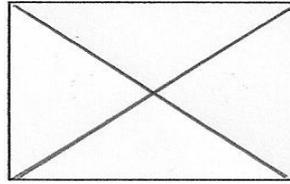
Após discutir as orientações possíveis a partir da relação fundamental *conjunção vs disjunção*, aplicada à relação dos termos contrários *adquirir* e *gastar*, Greimas e Fontanille apresentam a configuração de um quadrado semiótico com estes processos prototípicos:

CONJUNÇÃO

adquirir

DISJUNÇÃO

gastar



NÃO-DISJUNÇÃO

não gastar

NÃO-CONJUNÇÃO

não-adquirir

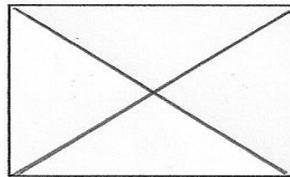
Essa configuração pode ser reformulada por uma outra, com arquipredicados do enunciado elementar:

ADQUIRIR

tomar

GASTAR

dar



NÃO GASTAR

guardar

NÃO ADQUIRIR

deixar

Trata-se de uma configuração das relações possíveis na ligação de um sujeito ao dinheiro. Essas considerações de Greimas vêm a propósito quando se analisam as relações intersubjetivas da narrativa de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, em que acompanhamos as andanças de três jogadores de sinuca⁵, durante uma noite em São Paulo. Os três combinam agir em parceria com o intuito de tomar dinheiro dos diversos tipos de frequentadores dos salões de sinuca, utilizando artimanhas que ocultariam os golpes que aplicariam. No início da noite, no estado inicial de disjunção com o dinheiro, partem da área conhecida como a Lapa de Baixo, passam por Água Branca, Barra Funda,

⁵ A título de ilustração, vale lembrar que, em uma carta à amiga Ilka Brunhilde Laurito, João Antônio confidencia/conta a gênese de “Malagueta, Perus e Bacanaço”: “Bacanaço é rufião, Malagueta é um trapo e Perus, coitado.” (Revista Remate de Males, nº 19 – Unicamp, Campinas, SP, p. 27) (apud Suzana Cazula Bernaci – PUC – SP – O jogo, a forma e a recepção: uma leitura metalingüística – João Antônio e o Processo Construtivo em *Malagueta, Perus e Bacanaço*.)

Centro, até chegar ao Largo de Pinheiros. Até a chegada aos salões do Centro, as trapaças e as dissimulações utilizadas pelos três são bem sucedidas e acumulam um bom montante de dinheiro. Ao depararem com um inspetor de polícia que sabe de suas artimanhas, têm de parar de jogar no Centro. Entregam-lhe parte do dinheiro acumulado para evitar problemas com a polícia e afastam-se do Centro novamente. Em Pinheiros, encontram um jogador que eles julgam ser a vítima ideal para mais um golpe. Ocorre de esse jogador ser mais talentoso e mais esperto do que os três e acaba por deixá-los sem dinheiro algum, exatamente como estavam no início de sua peregrinação noturna.

São principalmente as instaurações das paixões de avidez e dissipação que podem ser reveladas nos vários movimentos das ações da narrativa. Por questão metodológica, esta análise divide a narrativa em seis segmentos. O critério utilizado privilegia as transformações que ocorrem nas relações dos três parceiros com a obtenção e com a perda do seu objeto de valor, o dinheiro. Seguem-se os seis segmentos, acompanhados de uma breve notícia das ações, apenas para se situarem os diferentes momentos da narrativa.

- 1º segmento: de “O engraxate batucou na caixa mostrando que era o fim.” (p. 149)⁶ até “Pela charla que diziam e pela manha com que vinham... Ali não havia dinheiro.” (p. 159) — estado inicial de espera

Os três jogadores de sinuca, Malagueta, Perus e Bacanaço, encontram-se em um salão da Lapa-de-Baixo. Constatam estarem os três sem dinheiro e discutem sobre meios de obtê-lo.

- 2º segmento: até “Malagueta, capenga, se arrastava na retaguarda, tropicando nas calçadas, estalando os dedos e largando pragas. Tripudiava: — Esta Lapa não dá pé!” (p. 163) — a parceria estabelecida entre os três.

Sem dinheiro, os três resolvem estabelecer uma parceria para tomar dinheiro dos “trouxas.”

- 3º segmento: até “Alcançaram o Largo Santa Efigênia, a igreja de um lado, a

⁶ Todas as indicações de páginas nas transcrições de conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” no decorrer deste estudo referem-se à edição: ANTÔNIO, J. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 4. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

sinuca do outro.” (p. 189) — a aquisição do dinheiro e o orgulho dos vencedores.

Utilizando-se de artimanhas, dissimulações e trapaças, ganham muito dinheiro em um salão da Água Branca. Com avidez de ganhar mais, chegam ao Centro.

- 4º segmento: até “Não disseram nada, caminharam. Um sentir de quem perdeu, um sentimento abafado os arrasava e os unia e lentos, tangidos, caminharam.” (p. 196) — dissipação parcial do dinheiro e humilhação

Os três encontram Silveirinha, um policial da noite. Perus sofre extorsão do policial e Bacanaço é obrigado a entregar-lhe quase todo dinheiro acumulado na noite.

- 5º segmento: até “Foi quando surgiu no salão um tipo miúdo, lépido, baixinho, vestido à malandra, terno preto, gravata estreita, sapatos pequenos de bicos quadrados.” (p. 215) — a expectativa de tomar dinheiro de algum novo “otário”.

Chegando a Pinheiros, os três parceiros jogam de brincadeira, aguardando a chegada de algum “otário”.

- 6º segmento: até “Falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados.” (p. 156) — a dissipação final do dinheiro e nova humilhação.

Os três parceiros estão, pela manhã, de volta ao ponto de partida da noite anterior.

Por esses seis segmentos, pode-se acompanhar o percurso dos três companheiros para aquisição do objeto dinheiro no seguinte sentido:

estado inicial de disjunção com dinheiro → formação da parceria

→ tomada de dinheiro de otários nas mesas →

avidez por mais dinheiro → nova tentativa de tomada de dinheiro

→ derrota e dissipação de dinheiro → estado final de disjunção

com dinheiro

3.2 EM BUSCA DO DINHEIRO

Pelo primeiro segmento da narrativa, logo no início temos a percepção do estado de disjunção com dinheiro em que se encontram os sujeitos Bacanaço e Perus, como ilustra esta passagem:

Vestido de branco, com macio rebolado, Bacanaço se chegou:

— Olá, meu parceirinho! Está a jogo ou está a passeio?

O menino Perus encolheu-se no blusão de couro. Os dedos de Bacanaço indo, vindo, atiçando. Desafiavam.

— Está a jogo ou a passeio?

Calado. O anelão luzia no dedo do outro e o apequenava, largava-o de olhos baixos, desenxabido. O menino Perus chutou para longe uma ponta de cigarro, arriou no banco lateral. Três dedos enfiaram-se nos cabelos.

— Que nada! Tou quebrado, meu — os dedos voltaram a descansar nos joelhos.

Avistavam-se todas as tardes, acordados há pouco ou apenas mal dormidos. Dois tacos conhecidos e um amigo do outro não pretendem desacato sério. Os desafios goram, desembocam num bom entendimento. Perus e Bacanaço, de ordinário, acabavam sócios e partiam. Então, conluiados, nem queriam saber se estavam certos ou errados. Funcionavam como parilha fortíssima, como bárbaros, como relógios. [...] Um, o martelo; o outro era o cabo. (p. 149-150)

O modo como Bacanaço cumprimenta Perus (“Está a jogo ou está a passeio?”) coloca como excludentes as atividades de jogar e de passear. Se “passear” está no campo da distração, do divertimento, o “jogar” está no do trabalho. Naturalmente, para quem vive do jogo, jogar é o modo como obtém dinheiro, sua fonte de renda, seu trabalho. No nível superficial das aparências, em princípio, um jogo implica adversários e uma razoável dose de imprevisibilidade, que é, aliás, um dos nutrientes principais do poder de atração de um jogo.

O ambiente do jogo, como atividade remunerada, insere-se no mundo dos malandros. A respeito desse universo narrativo de João Antônio, vale lembrar uma observação de Vima Lia Martin:

No contexto perverso na modernização conservadora flagrado por João Antônio, os pobres podem assumir um dos dois papéis que são paradigmáticos de uma mesma condição de exclusão: o de otário ou o de malandro. Os otários — termo utilizado no universo da malandragem — são os trabalhadores que se submetem às regras que regulamentam o mundo do trabalho, vivendo de acordo com as normas instituídas, enquanto que os malandros sobrevivem no mundo da “viração”, transgredindo essas mesmas normas. (2008, p. 70).

O desejo de superar o estado de disjunção com dinheiro aproxima os dois sujeitos, que se colocam desse modo em disponibilidade mútua, em uma relação de complementaridade produtiva (“um, o martelo; o outro era o cabo”). Talvez ainda faltasse um terceiro elemento, como um prego. É Malagueta, que aparece no salão e vem completar o trio de jogadores.

Sete horas.

Capiongo e meio nu, como sempre meio bêbado, Malagueta apareceu. No pescoço imundo trazia amarrado um lenço de cores, descorado; da manga estropiada do paletó balançavam-se algumas tiras escuras de pano.

Bacanaço lhe buliu:

— Quer jogo, parceiro velho?

O velho se escapuliu, foi procurar o último banco do salão, o seu lugar e se sentou. Era um velho acordado e gostava de explicações. Dali tudo via, pernas cruzadas, na dissimulada, como quem não visse nada. E ali embiocado não o enxergavam bem.

Bacanaço e Perus lhe voltaram.

— Está a jogo ou a recreio, meu? (p. 158-159)

Pelo contrato de confiança, revelam-se os seguintes programas narrativos:

- Na perspectiva de Bacanaço

Bacanaço querer [Perus e Malagueta \rightarrow (Bacanaço \cap dinheiro)]

Bacanaço crer [Perus e Malagueta dever \rightarrow (Bacanaço \cap dinheiro)]

- Na perspectiva de Perus

Perus querer [Bacanaço e Malagueta \rightarrow (Perus \cap dinheiro)]

Perus crer [Bacanaço e Malagueta dever (Perus \cap ganhar dinheiro)]

- Na perspectiva de Malagueta

Malagueta querer [Bacanaço e Perus \rightarrow (Malagueta \cap dinheiro)]

Malagueta crer [Bacanaço e Perus dever (Malagueta \cap dinheiro)]

As ações da narrativa desenvolvem-se no sentido de realizar as transformações desejadas por esses sujeitos. Os três sabem de seu estado e da falta de perspectivas naquele salão.

Estavam os três quebrados, quebradinhos. Mas imaginavam marotagens, conluios, façanhas, brigas, fugas, prisões — retratos no jornal e todo o resto — safadezas, tramóias; arregos bem arrumados com caguetes, trampolinagens, armações de jogo que lhes dariam um tufo de dinheiro; patrões caros aos quais faziam marmelo, traição; imaginavam jogos longínquos, lá pelos longes dos subúrbios, naquelas bocas do inferno nem sabidas pela polícia; principalmente imaginavam jogos caros, parceirinhos fáceis, que deixariam falidos, de pernas para o ar. E em pensamento funcionavam. E os três comendo as bolas, fintando, ganhando, beliscando, furtando, quebrando, entortando, mordendo, estraçalhando... (p. 161-162)

Naturalmente, Bacanaço já sabia, logo que avistou Perus, que o caminho em busca do dinheiro passaria pela formação de um conluio e pela procura de salões de outros bairros, como sempre faziam.

Funcionavam como parelha fortíssima, como bárbaros, como relógios. Piranhas. Lapa, Pompéia, Pinheiros, Água Branca... Ou em qualquer muquinfo por aí, porque todo muquinfo é muquinfo, quando se joga o joguinho e se está com a fome. (p. 150)

3.3 FORMAÇÃO DE PARCERIAS

O caminho da formação de uma parceria e a busca de outros salões de jogo implicam obviamente que as partes envolvidas tenham um acordo, ao menos tácito, para

o qual concorrem os vários tipos de manipulação. São eles que podem proporcionar a eles a competência para a realização de suas ações transformadoras no sentido da conjunção com seus objetos de valor.

Barros afirma que:

Manipulação e competência são correlativos, ou seja, são pontos de vista diferentes sobre o programa de aquisição por doação. Na manipulação, adota-se a perspectiva do sujeito do fazer; na competência, a do sujeito do estado que ‘recebe’ os valores modais. (2001, p. 37)

Desse modo, o destinador-manipulador doa competência semântica e modal ao destinatário, o sujeito do fazer. No primeiro segmento da narrativa, o destinador-manipulador ocorre na forma de comunidade dos jogadores de sinuca, cujos valores (adquirir talento, prestígio e dinheiro) motivam o sujeito a querer-fazer, com a dotação da competência semântica. Bacanaço, detentor do capital inicial, põe-se nesse percurso ao estabelecer inicialmente um contrato de confiança com Perus e Malagueta, “quebrados”, mas com talento para o jogo. Em suma, os três sujeitos assumem o contrato de confiança pelo estado em que se encontram:

Bacanaço \cap Perus \cap Malagueta

[Bacanaço \cap Perus \cap Malagueta] \cup dinheiro

[Bacanaço \cap Perus \cap Malagueta] \cap talento para jogo

[Bacanaço \cap Perus \cap Malagueta] \cup otários

[Bacanaço \cap Perus \cap Malagueta] \cap talento para trapaça

Portanto, de forma mais esquemática, o percurso das relações juntivas, na perspectiva dos três parceiros, pode ser percebido desta forma, no segundo segmento da narrativa.

Bacanaço \cup dinheiro \rightarrow Perus \cup dinheiro \rightarrow Malagueta \cup
dinheiro \rightarrow Bacanaço \cap Perus \cap Malagueta \rightarrow Bacanaço / Perus
/ Malagueta \cup trouxas / otários

Para ir em busca do dinheiro, os três se juntam, uma vez que têm talento para jogar, e vão procurar otários e fazer valer suas trapaças. A relação conjuntiva dos três parceiros (ou contrato fiduciário) manifesta-se, de forma explícita, na proposta de Malagueta aos dois companheiros.

— A gente se junta, meus. Faz marmelo e pega os trouxas. (p. 159)

A proposta, um contrato de confiança entre os três, é prontamente aceita por eles. A prática da malandragem é como se funcionasse como um denominador comum para suas diferentes motivações, como afirma Martin:

As particularidades que singularizam as personagens centrais — Perus, de apenas dezenove anos, fugiu do quartel e vive precariamente na casa da tia; Bacanaço, cafetão boa-vida, mantém-se através da exploração de pessoas mais frágeis que ele; e Malagueta, velho sofrido, sente-se humilhado por não ter como sustentar sua companheira Maria, vendedora de pipocas — expressam diferentes motivações para a prática da malandragem. (2008, p. 100)

3.4 TOMADA E ACÚMULO DE DINHEIRO

A partir da constatação de que “Esta Lapa não dá pé” (p. 111), os três parceiros, agora em parceria, seguem para Água Branca, para o salão de jogos Joana d’Arc, onde estava formada uma roda de jogo de vida.

O conluio dos três parceiros entra em ação. Nele, Bacanaço finge ser apenas um observador e apostador enquanto exerce a função de patrão; Perus participa como um jogador como qualquer um do salão; Malagueta entra para a “marmelada” já ajustada.

Corria no Joana d'Arc o triste jogo de vida.

Bacanaço cutucou o menino Perus, passou-lhe duas notas de cinquenta. Sorrateiro, falou baixo, nos dentes.

— Vai lá e desempenha, meu.

Enviou, fez um pouco de tempo, bafejou nas unhas, esfregou-as no paletó.

Mandou Malagueta:

— Vai lá e faz marmelada.

Estava armado o conluio funcionando a trapaça. (p. 112)

Malagueta jogava se defendendo e defendendo as jogadas de Perus. No final, surpreendentemente, como se fosse um golpe de sorte, Perus “matava” as bolas dos demais adversários e tomava o montante de dinheiro em jogo. Durante as partidas, os três parceiros se comunicavam por meio de sinais convencionados, como o assovio de “Garufa”, um velho tango argentino que falava de um otário. Assim, para os três parceiros, “Garufa” sinalizava a presença de otários na mesa de jogo.

Enquanto Perus vai ganhando, tomando todo o dinheiro das rodadas, pouco a pouco um jogador, um velho policial aposentado, começa a desconfiar da trapaça. Havia momentos em que Malagueta não derrubava bolas fáceis, naturalmente com o intuito de defender a bola de Perus. Esse tipo de comportamento começou a provocar desconfianças. Seria, então, o momento de deixar o salão, como se nenhum dos três se conhecesse, com uma grande soma de dinheiro arrecadado.

No momento em que os três parceiros realizam a *performance* das jogadas planejadas, das trapaças ajustadas, as dissimulações (escamoteadas, disfarçadas, convincentes), o quadrado semiótico das paixões simples, da perspectiva de cada um dos parceiros se configura desta forma:

(os três parceiros) querer [Bacanaço \rightarrow (Perus \cap ganhar) (Malagueta \cap defender)]

Perus

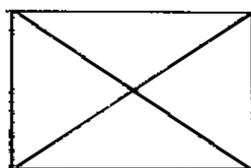
Adversários

Atacar / Ganhar

Atacar / Perder

Conjunção

Disjunção



Malagueta

Bacanaço e outros frequentadores

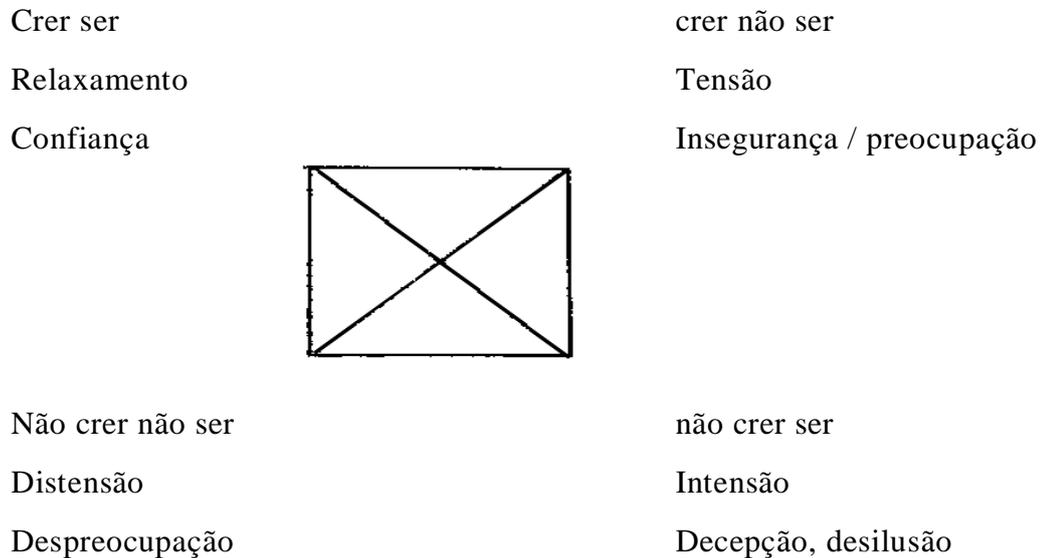
Não-disjunção

Não-conjunção

Defender / não perder

Não jogar

Quanto às paixões complexas, o quadrado semiótico das paixões se apresenta desta forma:



O percurso seguido pelo conluio formado e executado no salão é este:

insegurança (em relação aos jogadores do salão) →
 despreocupação (quanto à aceitação pelos demais adversários) →
 a relação de confiança entre os três no conluio →
 a revelação do conluio →
 insegurança (pelos adversários desconfiarem do conluio).

Em outros termos, o percurso vai da tensão (insegurança), passa pela distensão (despreocupação) e pelo relaxamento (confiança), chegando de volta à tensão (insegurança/preocupação).

Se refletirmos sobre a modalização veridictória nessa situação, a manifestação do comportamento dos três parceiros é de que *não parece* haver um conluio. Porém, no nível da imanência, sabemos que *é* um conluio. Trata-se, portanto, de um *segredo*, cuja revelação desmascararia a ação dos três parceiros. Seria preciso promover a chamada retirada estratégica.

Lima balançou o indicador no ar e mudou o tom daquela roda.

— Botem fé no que digo, qu'eu não sou trouxa não e nessa canoa não viajo. 'Tá muito amarrado o seu jogo, seu velho cara de pau. Botem fé. Eu pego marmelo neste jogo, arrumo uma cadeia pros dois safados.

Bacanaço se alertou, a mão jogou o cigarro, o rosto se frisou. Diabo. Malagueta facilitara, deixara entrever a proteção. Também não havia outra saída; derrubasse a bola quatro, teria quebrado Perus num só lance, estariam os dois no buraco. Diabo. Aquele jogo poderia render mais.

— Lugar de ladrão eu costume mostrar — Lima continuava.

Os homens da curriola fecharam as bocas, rostos crisparam-se, os olhos jogaram-se em Malagueta e Perus, ameaçaram. O velho se livrou, teve um cinismo, encarou Lima.

— Tem nada não. Eu estou demais nesta roda? Eu sou de jogo e sou de paz. Me retiro. (p. 172-173)

Apesar da descoberta do *segredo* do conluio, o sentimento que se instaura nos três parceiros é o de orgulho. Compartilhando os valores do meio da sinuca, a *performance* dos três parceiros revelou-se superior em relação aos adversários, que viram exposta a superioridade de Perus (secretamente auxiliada por Bacanaço e Malagueta). O reconhecimento da vitória, em forma de aquisição do dinheiro, sanciona o contrato fiduciário da parceria. O estado dos três parceiros é de conjunção com o dinheiro.

Do lado de lá da rua, quase em cima dos trilhos do bonde, o carro freou e os apanhou. Bacanaço meteu-se no banco dianteiro. Contou, demorou, distribuiu. O cigarro na boca se mexeu:

— O que é meu — e apontou a parte mais gorda: três mil e quinhentos cruzeiros, era a parcela do patrão.

O resto era do trato. Malagueta ganhou dois contos e Perus, outros dois.

Receberam. O auto rodava. As notas deram sossego e depois considerações e depois se lamentaram os dois, que a roda de vida no Joana d' Arc poderia ter dado até dez contos. Aquele jogo, de fácil, era um mingau. Não fora o velho Lima...

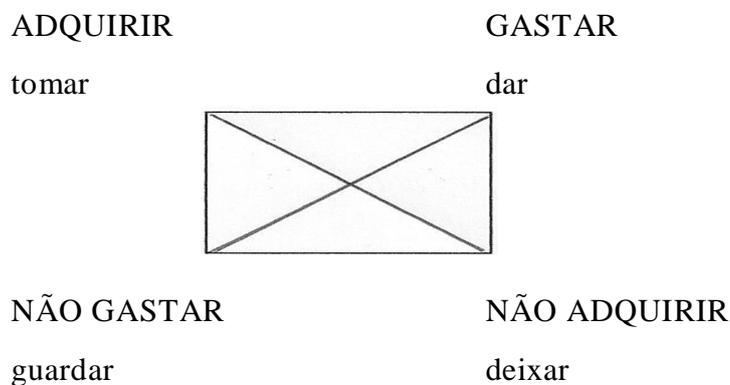
— O bicho é um escamoso.

Bacanaço estendeu a mão, apontou para as cédulas. Houvesse tranqüilidade. Atentassem, começaram a noite sem nenhum e já se ganhara.

— Está de bom tamanho. (p. 174-175)

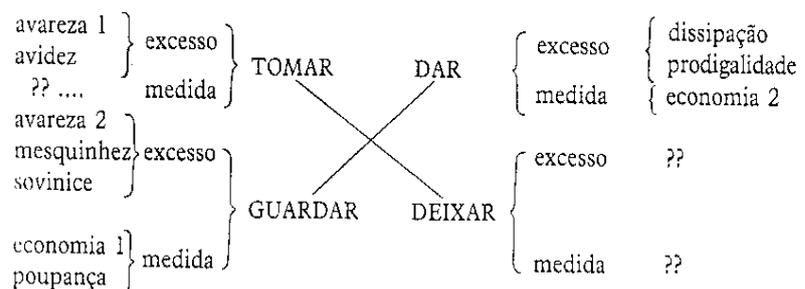
3.5 AVIDEZ E DISSIPACÃO

Vimos que, ao saírem os três do salão de Água Branca, o seu estado é de conjunção com o objeto desejado, o dinheiro. “Está de bom tamanho” afirma o equilíbrio, a medida. Por que, então, a permanência do estado de insatisfação? É interessante voltarmos ao texto “A propósito da avareza”, de Greimas e Fontanille (1993), em que conceituam as paixões relacionadas com o apego e o desapego em relação ao dinheiro e a outros bens: “Ser ‘ávido’ é ter ‘desejo imoderado’, ‘desejar imoderadamente’ o alimento, os bens ou até o conhecimento.” (1993, p. 107). Em outra passagem do mesmo texto, afirmam: “A avidez consiste apenas em querer mais que uma parte e, portanto, em considerá-la (ilegitimamente) como extensível.” (1993, p. 125). Querer *mais* alguma coisa é uma questão de excesso vs medida. A partir da seguinte configuração do quadrado semiótico



com os arquipredicados do enunciado elementar, Greimas e Fontanille prosseguem:

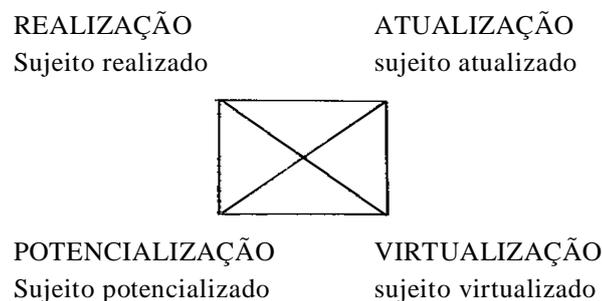
Os diferentes papéis, temáticos e patêmicos, descobertos na configuração, definem-se cada um em relação com um desses arquipredicados, ao qual é aplicado previamente um julgamento de excesso ou de medida. Obtém-se assim o microsistema semântico da configuração considerada:



(GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 116)

Nas quatro grandes posições que o sujeito pode assumir em seus simulacros existenciais, diante dos objetos de valor, as questões de excesso e medida estão ligadas às relações entre as imagens quantitativas que o indivíduo e as que a coletividade projetam para delimitação de seus padrões. De certa forma, quando Perus ganha excessivamente nas partidas do salão em Água Branca, fora dos padrões, desperta a desconfiança dos adversários. Normalmente, jogos baseados em acaso têm resultados ligados ao excesso. Nesses jogos, é justamente o excesso o nutriente de sua atração dentro da coletividade. Porém, ocorre que o jogo dos três parceiros é atividade que lhes proporciona a remuneração. Nesse aspecto, da mesma forma que qualquer tipo de trabalho convencional dentro da coletividade, essa forma de jogar é passível de ter padrões de medida. O modo de existência desses “trabalhadores” do jogo cria status próprio dentro da comunidade da sinuca.

Greimas e Fontanille propõem o seguinte modelo de base a partir das diferentes posições, ou simulacros, do sujeito em seu imaginário passional:



O percurso dos simulacros existenciais constituirá um dos embasamentos sintáticos dos dispositivos modais dinamizados e da paixão. Assim, o avarento retensivo é um sujeito potencializado (não-disjunto) que se transforma, tornando-se sujeito cumulativo, em sujeito realizado (conjunto); da mesma forma, o desinteressado é um sujeito virtualizado (não-conjunto) que se torna atualizado (disjunto) quando se mostra generoso. (1993, p. 128)

A generosidade não é considerada como intensidade excessiva. A sua moralização dentro do coletivo é positiva. Porém, quando transpõe a medida e se torna excessiva, a coletividade considera-a prodigalidade ou a dissipação. É essa paixão que se instaura quando os três parceiros, ávidos por acumular mais dinheiro, chegam ao Centro. Bacanaço, Perus e Malagueta, ao chegarem ao salão Paratodos, deparam com Silveirinha, policial que vive de cobrar o chamado “pedágio” no meio da malandragem.

Piranha esperava comida.

Mal entraram no Paratodos, deram com a voz do negro intimando Perus e o brinquedo acabou-se, e tudo o mais se confundiu, ficou cinzento.

Escuro nas mesas, salão silente, tacos jogados, pontas de cigarros no chão. Luz só no balcão do Paratodos vazinho, sem jogo, sem parceirinhos.

[...]

O menino foi e se deu mal, que era Silveirinha, o negro tira. Perus se desnorteava em erradas, começava pela timidez de não dizer nada. Chumbado no chão.

Bacanaço se pôs de largo, calmo; Malagueta se foi para o escuro de uma mesa, dobrou-se, aguardou. Jogo? À cata dele chegaram e toparam polícia à boca de espera. Estrepe pesado e duro. Só o homem da caixa contando notas e espiando por cima das lentes redondas como quem nada visse. O homem mais Silveirinha.

Piranha esperava comida.

— Moleque, você já pagou imposto?

[...]

Malagueta acompanhava. Aquela zombaria e aquela humilhação eram suas velhas conhecidas. Necessário dinheiro para tapar e a boa conversa de Bacanaço, conhecido dos homens da polícia. Malandro de sua classe sempre contorna esbregue com os homens da lei. Na situação nada boa, Bacanaço não trairia, agüentaria o repuxo, iria contemporizar. Nem o menino pegaria xadrez por falta de um entendimento. Aquilo era um conluio, um ali era do outro, diferenças não haveria. (p. 190-192)

Perus, fugido do quartel e que foge da Polícia do Exército e da polícia dos vadios, está sem saída, está desnortado. Por instantes, a parceria parece desfazer-se. Para que o conluio seja um segredo, é preciso que os três parceiros não pareçam ser conhecidos. É preciso que eles cheguem aos salões como se estivessem sós. Perus, “naquele seu quieto humilhado não engrolava nada.” (p. 132).

A humilhação é um sentimento que se instaura em uma situação de inferioridade. Harkot-de-la-Taille, ao conceituar o sentimento de inferioridade, afirma que ele

resulta de uma operação de comparação entre competências modais e/ou imagens pessoais, orientada de maneira decrescente. Pressupõe um querer, um desejo de conjunção com o objeto-valor ‘boa imagem’. Pressupõe também, subjacente a esse querer, um dever, pivô da instauração de uma imagem virtual como ‘boa imagem’, componente ‘socializante’ da mesma. (1999, p. 31-32)

Segundo essa afirmação, a imagem virtual da “boa imagem” pressupõe um *dever* e um *querer*. Da perspectiva do menino Perus, ele se vê dotado de um *dever* e um *querer* realizar uma “boa imagem”. Porém, não se vê com competência para realizá-la. Pelo

contrário, ele se vê dotado de um *não-poder* e um *não-saber* realizar a “boa imagem”. Reconhecida essa falta, a sua liquidação pode implicar a sua resignação ou a sua humilhação, que é uma forma de auto-destruição.

De acordo com Harkot-de-la-Taille,

A humilhação está, desde tempos remotos, intimamente relacionada ao respeito, compreendido como submissão a uma autoridade; dentro de zonas de limites variáveis, é frequentemente aceita como “recurso pedagógico”. [...] a humilhação é mais do que um programa de destruição da ‘boa imagem’, mais do que um simples rebaixamento (por mais doloroso que este possa ser para o sujeito). O que ela tem de mais específico e profundo é sua característica de *rebaixamento moral* e, como tal, *rebaixamento do quadro axiológico em SI se reconhece enquanto sujeito*. Ela é uma forma de ação particularmente violenta, por não se limitar a destruir um objeto-valor, mas por visar à deslegitimação de grande parte, senão da totalidade, do universo simbólico subjacente a esse objeto-valor para o sujeito. (1999, p. 35-37)

Desse modo, o policial Silveirinha, em sua *performance* de humilhar Perus no salão de sinuca, não se satisfaz em fazer o menino reconhecer sua incompetência. Por meio de sua manipulação, o policial age sobre as paixões de Perus, levando-o a transformar o *saber-não-ser* em *não-querer-não-ser*.

Malagueta se continha mal e mal. A perturbação que o menino sofria era muito comprida, larga e pesada. Uma purgação do capeta. Em que buraco caíra o coitado... E estava apagado, apagadinho, não falava um a. Chumbado no chão feito poste de iluminação. Silveirinha? Um cadelo. Esperava um gesto só de Bacanaço e já partiria e desempenharia seu papel e iria apanhar ou surrar muito — pensou. Cachorrada tem limite. Imaginava correr o pé por baixo, partiria para Silveirinha já com o taco na mão. Chutaria os rins, o sexo, depois chutaria a cara balofa. Usaria o bico dos sapatos, os chutes valendo.

Estes e outros pensamentos, entretanto, esbarraram com uma realidade e se esfriaram depressinha.

O que viria depois do arranca-rabo? Baixou os olhos, um vagabundo era um vagal e só. Aquilo, aquilo sempre — vadio é o que fica debaixo da sola do sapato da polícia. O velho se fechou; doía mas Malagueta se trancou. Com as mãos e com a cabeça pediu a Bacanaço. Ajeitasse.

O malandro se chegou.

— O menino é gente minha — sorriu, maneiro, mais pedia que falava. — Podemos conversar, chefe?

— De boas falas é que eu gosto, Bacana. Por isso lhe considero — abriu-se no riso gozoso. — Você é meu, Bacana. (p. 135)

O resultado do acerto que Bacanaço faz com o policial é a dissipação da maior parte do dinheiro acumulado na noite, além da impossibilidade de realizar as trapagens planejadas naquele território comandado por Silveirinha.

Uma carga humilhada nos corpos, uma raiva trancada, o moral abaixo de zero. Secos, apenas se olhavam, quando em quando, sem reclamações. Fazer o quê? Eram três vagabundos e iam.

[...]

Era nada engraçado. O silêncio pesou mais.

Não era exatamente o dinheiro. Quinhentos cruzeiros não machucam quem se atira a partida de até dois contos ou atravessa dias sem comer, combatendo em volta da mesa. Dinheiro é do jogo e para o jogo — donde vem e para onde vai. O sofrimento não era pequeno não. Seu tamanho não era o da nota de quinhentos. O que doía era sofrerem uma apoquentação e não poderem malhar o abusado que a vomitara.

Só vagabundo entende aquele espeto. Mocarongo, trouxa, pixote, cavalo-de-teta, otário, vida mansa algum nunca perceberia o que se passava com Malagueta, Perus e Bacanaço. Só um vagabundo.

— A gente inda vai à forra, velhão — Bacanaço deu um tapa no paletó imundo de Malagueta. — Deix'estar'. Tenteia, velho. (p. 137-138)

O sentimento de que “não era exatamente o dinheiro” sintetiza o estado patêmico dos três parceiros à saída do salão. Retomamos aqui as condições para a instauração do sentimento da vergonha, de acordo com Harkot-de-la-Taille e La-Taille (2004, p. 78):

1. O sentimento de estar compartilhando valores de seu grupo;
2. O sentimento de rebaixamento por crer que a imagem de si tem pouco valor;
3. A exposição dessa imagem de pouco valor junto ao seu grupo.

Portanto, “não era exatamente o dinheiro” que provocava o sentimento de vergonha nos três parceiros, que se acreditavam com competência para realizar as trapagens nos salões do Centro. É a vergonha, para eles humilhante, de ver exposta a imagem de rebaixamento diante de sua comunidade, com a qual compartilha um código da malandragem, um código que eles reconheceram não ter tido competência para fazer realizar.

O sentimento da vergonha da perda no Centro contrapõe-se ao sentimento do orgulho da vitória na Água Branca.

Dinheiro nos bolsos havia, que sobrara algum das divisões de Bacanaço e da exploração de Silveirinha, mas por dentro iam batidos, batidinhos. E Malagueta, Perus e Bacanaço curtiram aquela de pensar. (p. 203)

Com a “carga humilhada”, seguem com a peregrinação pelo Centro, pelos diversos salões de sinuca, por onde haviam passado as rondas policiais. Resolvem seguir para Pinheiros.

3.6 A CIRCULARIDADE DA PEREGRINAÇÃO MARGINAL

Os três parceiros alcançam já de madrugada o Largo de Pinheiros.

Quase quatro horas da manhã. Terminaram a Teodoro Sampaio, com mais um pouco, Malagueta, Perus e Bacanaço estariam no centro do bairro, alcançariam o Largo de Pinheiros.

Havia em Pinheiros, junto ao posto maior de gasolina, a Pastelaria Chinesa, fecha-nunca de rumor e movimento, que se plantava defronte aos pontos iniciais dos bondes e ônibus, que dali seguiam para todos os cantos da cidade. A Chinesa fervia, dia e noite sem parar, que ônibus expressos vindos de longe, ou caminhões de romeiros de São Bom Jesus de Pirapora e de Aparecida do Norte ali faziam escala para reabastecimento, paradas, baldeações... Ali se promiscuíam tipos vadios, viradores, viajantes, esmoleiros, operários, negociantes, romeiros, condutores, surrupiadores de carteira, estudantes, mulheres da vida, bêbados, tipos sonolentos e vindos da gafieira famosa do bairro, o Tangará; apostadores chegados do hipódromo de Cidade Jardim... (p. 145)

Na Pastelaria Chinesa, pararam para comer alguma coisa. Havia no andar de cima um salão com mesas de sinuca. Como não havia mais adversários, passaram os três a jogar de brincadeira. No começo, apenas diversão, pouco a pouco, tacos na mão, cada um dos três passa a encarar os demais como adversários de fato. Por momentos, o conluio novamente é desfeito.

Perus vai mostrando seu talento de atirador, com ousadia.

No finzinho daquela partida de brinquedo, houve necessidade de Perus aplicar um golpe de vinte pontos. Embocar de estalo a bola seis na caçapa do canto, foi tarefa de um golpe, e a bola branca correu, mansinha, por toda a mesa, fez colocação natural na bola sete, a preta de muito valor. Firme, um atirador que era, Perus embocou o sete duas vezes. (p. 212)

Malagueta vai medindo as forças de um e de outro, como se fosse um jogo para valer dinheiro.

Malagueta media as duas forças — Perus, um atirador; Bacanaço, um atirador. Bem. Se se batessem com ele num joguinho a valer, muito provavelmente fritaria os dois; primeiro, um; depois, o outro. Trancar-lhes-ia o jogo com tamanha amarração intrincada e tantos espetos seguidos, que ambos ficariam como baratas tontas, sem bolas a jogar. (p. 213)

Bacanaço, por sua vez, pensava já em tirar mais vantagem sobre os outros dois, pela sua condição de patrão.

Bacanaço pediu um avental para proteger a calça de linho. Imaginava também um jogo valendo uma grana. Afinal devia tomar-lhes o dinheiro; não fora ele quem os patroara? Engendrou — que jogo lhes proporia? Vida, não. Água Branca? E não era o patrão? Iria perder tempo em Pinheiros? Não, não, nada disso. Malandro vive é com dinheiro. Golpe certo seria quebrá-los através de um marmelo — sugeriria um torneio, uma terceirada e para o jogo partiria ligado com Perus. Perus e ele, trapaceando, comeriam Malagueta. Depois, bem depois, encarar e desacatar o menino seria fácil. Bacanaço era taco melhor, dar-lhe-ia uma vantagem qualquer no marcador e no jogo, estraçalharia Perus. (p. 213)

O estado de conjunção entre os três jogadores vai se transformando novamente em estado de disjunção do início da noite. O contrato fiduciário só não é desfeito, porque chega ao salão um sujeito, desses “que fazem suas coisas muito à pressa, passos curtos, rápidos, jeitosos, com o bigodinho aparado que costumam pendurar na cara”. (p. 215) Para Bacanaço, a figura acabada de um otário: “— Esse tostãozinho de gente aí é algum otário oferecido.” (p. 215).

É interessante observar como surge a crise de confiança entre os três jogadores que, nos momentos do conluio em ação, funcionavam “como um relógio”. Na ausência da *performance*, a competência obtida pelo contrato fiduciário das trapaças planejadas

perde sua utilidade. O desapego forçado ao dinheiro, pela dissipação provocada pela extorsão do policial Silveirinha, parece resultar também no desapego ao contrato de parceria. Como, para eles, o jogo e o trabalho não têm limites, um simples jogo de “cada um por si”, de brincadeira, sem valer absolutamente nada, vai despertando em cada um deles um sentimento de egoísmo que está prestes a derrubar os outros dois.

Quando os três jogadores se preparavam para se devorar, surge a possibilidade de recuperar o dinheiro perdido no Centro.

Dentro da *continuidade* do estado de vazio, de insatisfação, de frustração, em que se encontram os três parceiros, após terem sido obrigados a sair do Centro, buscando novamente o bairro, adentra o salão um “otário”. uma ocorrência inesperada que pode sinalizar uma *descontinuidade*, a esperança do transformação da insatisfação em satisfação. É como se o mundo da ordem, marcado pelo máximo de previsibilidade, referido por Greimas em *Da imperfeição* (2002), sofresse uma ruptura por um acidente, com marcas de imprevisibilidade e insegurança, enfim, traços típicos de um jogo.

Perus se esforça por lembrar em que condições já havia visto aquele jogador, que parecia à primeira vista um otário, principalmente para Bacanaço. Acaba por reconhecer o Robertinho, um grande jogador, um mestre na sinuca, contra quem eles não teriam chance de vitória.

O homem cumprimentou o dono do bar, sorriu, bebeu lá o seu copo, veio se encostando à mesa. Num minuto batia papo com Bacanaço.

— Olá, parceirinho, está a jogo ou está a passeio?

Perus sofria. O homem era Robertinho, dos maiores tacos de Pinheiros, um embocador, fino dissimulador de jogo. Conhecera-o no Aimoré, muquinfô da Rua Teodoro Sampaio e haviam se dado bem. Camaradas.

— Depende de um entendimento, meu.

Camaradas. Em pensamento, Perus pedia a Bacanaço, não marcasse jogo. Robertinho, um bárbaro, piranha manhosa e o pior — escondia jogo. Se quisesse, bolava um plano, passava duas-três horas perdendo, malandro de capital, que era. Depois, mordida, dobrava paradas, ia à forra — largava o parceirinho falando sozinho, sem saber por que perdera. Bacanaço e Malagueta o desconheciam, aquilo era um esbregue que o mulato ia arrumar. E a mais a mais, naquele salão, naquelas mesas, conhecidas de Robertinho como a palma de sua mão... Tacaria como um professor. (p. 215-216)

É interessante observar o dilema em que se encontra o menino Perus. Ele está de conluio com Bacanaço e Malagueta, portanto deve agir no sentido do sucesso da parceria acertada no início da noite. Nesse caso, naturalmente, ele deve alertar Bacanaço de que conhece o Robertinho, um mestre no jogo, por quem Perus e Malagueta seriam vencidos facilmente.

Por outro lado, Perus se reconhece pertencente à comunidade dos jogadores que vivem da sinuca como atividade profissional e compartilha dos procedimentos, da postura e dos valores que essa comunidade preserva como pontos de honra.

Diante dessa situação de difícil escolha, diríamos até de “sinuca”, em que se encontra Perus, ocorre a seguinte afirmação de Greimas e Fontanille:

A modalização tem por função regular, entre outras coisas, a relação dos sujeitos individuais à axiologia coletiva. Esta encontra-se presente de duas formas diferentes: como sistema de valores objetivos, projetando quereres e deveres sobre os objetos, e como rede de códigos de boa conduta e de bom uso que permitem saber sob que condições a junção de um objeto com dado sujeito não entrava a circulação no conjunto da comunidade. (1993, p. 124)

Nesse reconhecimento, põe-se um dilema para Perus: para a economia do dinheiro acumulado até o momento, *deve ser* o informante do fato aos seus parceiros da noite; para a axiologia da comunidade, isto é, para o sistema de valores de conduta dos jogadores de sinuca, *deve ser* um perdedor que valoriza o pertencimento à comunidade, em defesa de sua honra no grupo maior.

Instaura-se um sentimento misto de vergonha e medo no menino Perus em condições similares às expostas por Fiorin:

Estabelece-se um simulacro (no conjunto de modalidades e de papéis actanciais e temáticos) do que deve ser um membro de um dado grupo social e agir em relação de não conformidade com ele é motivo de vergonha ou de medo.

Tanto a vergonha quanto o medo podem derivar de uma sanção negativa, cognitiva no primeiro caso e pragmático no segundo. Nos dois casos, estabelece-se para o sujeito um dever fazer/ser correlacionado a um não poder não fazer/ser. Se o sujeito agir em não conformidade com essa modalidade deontica receberá, no caso da vergonha, uma sanção cognitiva negativa, a reprovação própria ou alheia, segundo o destinador da sanção esteja ou não em sincretismo com o sujeito do fazer. Essa reprovação gera a vergonha. (1992, P. 56-57).

Por outro lado, observando-se outro sentimento correlato, a honra, ela é, segundo Harkot-de-la-Taille, “construída na história das trocas simbólicas — e, entre estas, afetivas — do sujeito, dentro de seu grupo”. (2004, p. 79). Segundo essa conceituação, Perus não poderia macular a sua “boa imagem” diante da comunidade mais abrangente da sinuca. Ele respeita todas as regras de funcionamento do meio, da mesma forma como o velho inspetor Lima, na Água Branca, aceitou ter perdido para Perus e Malagueta, que trapacearam com ele. Pelas regras da comunidade, ele deveria ter denunciado o conluio antes ou no meio da partida. Depois de perder, seria uma desonra, como se denunciasse em grande parte por ter perdido. Da mesma forma, Perus, descobrindo quem era o Robertinho, uma vez aceita a partida, não poderia desistir do jogo.

A sanção que Perus se aplica é o sentimento de culpa em relação aos seus parceiros das andanças da noite. Vale mencionar novamente a afirmação de Barros: “No léxico português encontram-se com muita frequência paixões que englobam os efeitos da insatisfação (privação do objeto) e da decepção (crise de confiança) [...]” (1989-1990, p. 65)

Nesse segmento da narrativa, os percursos das relações juntivas são estes:

- Na perspectiva dos sujeitos Bacanaço e Malagueta, eles estão em conjunção com Perus, mas em disjunção com o saber quem é Robertinho e em disjunção com a vitória, o que vale dizer com o dinheiro.
- Na perspectiva do sujeito Perus, ele está em conjunção com o saber quem é Robertinho, mas em disjunção com a vitória.
- Na perspectiva de Robertinho, ele está em conjunção com o saber jogar melhor e em conjunção com a vitória, o que vale dizer, com o dinheiro.

Naquele encontro de Perus com Robertinho, de acordo com as leis compartilhadas por todos os jogadores do meio da malandragem, nenhum dos dois deveria manifestar o conhecimento mútuo.

Quando o malandro deu de cara com Perus, fez não reconhecê-lo, que na velha regra da sinuca, naquela situação, ambos deviam silenciar e primeiramente esperar jogo. Assim fazem os malandros entre si; é regra. E, regra, Perus não podia avisar Bacanaço, nem Malagueta. Não devia entregar Robertinho, que o jogo era muito bom para ele. Nada poderia dizer. Se abrisse o bico, ouviria de Robertinho a palavra "cagueta", que é o que mais dói para um malandro. E ainda arrumaria briga séria. Bacanaço ia entusiasmado, atijando. Perus sofria. Não podia arrancar os companheiros daquele lobo e em havendo jogo, já sabia na ponta da língua a continuação negra daquela parada — Robertinho ia-lhes deixar tortos, tortinhos, sem dinheiro para um café. Nem Bacanaço, nem Malagueta, nem Perus teriam força de jogo para o seu ritmo. (p. 216)

Para um jogador de sinuca, mesmo para um jogador novo no meio, como Perus, a “boa imagem” junto à sua comunidade é fundamental, mais importante do que tomar ou gastar dinheiro. O objetivo de realizar a “boa imagem” faz com que ele *deva ser* desinteressado no seu apego ao dinheiro.

Robertinho beliscava, dominando as coloridas no pano verde.

Malagueta deu fé, buscou Bacanaço, arrastou-o a um canto, falou baixo. Propôs parar jogo, já se perdera muito, o joguinho virara, ingrato. O mulato pediu o dinheiro de Perus, recebeu-o, jogou-o na mesa. Largou a palavra final.

— Nada disso, velho! Não paro o jogo perdendo. Vai lá e joga o jogo. (p. 220)

No momento em que Malagueta descobre que está diante de um mestre na sinuca, propõe a parada a seu patrão, Bacanaço. Também, por respeito às regras da axiologia da comunidade da malandragem, recusa-se a parar o jogo, dizendo em tom rompante: “Não paro o jogo perdendo”. Da mesma forma que Perus, Bacanaço tem de preservar a honra, mesmo perdendo dinheiro. Novamente, “não era exatamente o dinheiro”, mas um outro tipo de sentimento que é preciso preservar para a sobrevivência dentro da comunidade.

Robertinho ganhava. Classe, jogo limpo. Respeito ao parceiro, era um taco. Pouco falava, sério e firme nos seus passos pequenos, rápidos, em torno da mesa. Olhava para as bolas, para o marcador, não motivava encabulações, desacatos, perdas de atenção. Jogava para ele, não assobiava, não cantarolava, acatava Malagueta. Jogava o jogo.

Perus emendava cigarros. Não era de hoje que conhecia bem aquele estilo de jogo e a picardia de seu dono. Fora muito azar caírem nas unhas de um professor.

Acabou o jogo. Malagueta olhava o chão. (p. 220)

Nesse momento, o percurso das relações juntivas dos três parceiros é este:

Bacanaço \cap dinheiro \rightarrow Perus \cup dinheiro \rightarrow Malagueta \cup
 dinheiro \rightarrow Bacanaço \cup dinheiro \rightarrow Robertinho \cup dinheiro \rightarrow
 Robertinho \cap talento \rightarrow Robertinho \cap dissimulação \rightarrow
 Bacanaço / Malagueta / Perus \cup dinheiro \rightarrow Robertinho \cap dinheiro

Na opção entre a honra do pertencimento ao grupo e a perda do dinheiro, de um lado, e a desonra de transgredir as normas do pertencimento ao grupo e a aquisição do dinheiro, de outro lado, a decisão de Bacanaço também, da mesma forma que a decisão tomada por Perus, é pela primeira opção (“Não paro o jogo perdendo.”).

Novamente no estado de disjunção com o dinheiro, os três parceiros voltam ao ponto de partida, na Lapa, no mesmo estado em que se encontravam no início da peregrinação noturna.

A curriola formada no velho Celestino contava casos que lembravam nomes de parceirinhos.

Falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados. (p. 156)

Observando a circularidade da peregrinação dos três malandros, que voltam no início do dia seguinte ao ponto de partida no início da noite anterior, é interessante confrontá-la com as observações de Martin:

As particularidades que singularizam as personagens centrais — Perus, de apenas dezenove anos, fugiu do quartel e vive precariamente na casa da tia; Bacanaço, cafetão boa-vida, mantém-se através da exploração de pessoas mais frágeis que ele; e Malagueta, velho sofrido, sente-se humilhado por não ter como sustentar sua companheira Maria, vendedora de pipocas — expressam diferentes motivações para a prática da malandragem. Os três homens — um jovem, um adulto e um velho que vestem, respectivamente, uma jaqueta de couro, um terno alinhado com sapatos engraxados e roupas surradas —, revelam a ascensão, o apogeu e a queda típicos da trajetória de um malandro. (2008, p. 133)

Essa trajetória, apesar de circular, não tem traços de continuidade, uma vez que as imprevisibilidades que se apresentam para quem vive do jogo, que envolve um tanto de talento e outro tanto de acaso, alimentam o excesso com que se “atiram” às suas paixões, sejam elas ligadas ao *tomar*, *acumular*, *dar* ou *deixar*.

Malagueta, Perus e Bacanaço, como tantas outras personagens de João Antônio, apresentam-se com sentimentos intensificados pelo excesso, como afirma Aguiar (2006, p. 147, apud PEREIRA, 2008, p. 108):

O essencial é que nenhum personagem de João Antônio está em sua medida. Um sopro transformador os desengonça a todos: eles se fazem símbolos, ao invés de ‘retrato fiel’, à la naturalismo do século XIX. São símbolos de uma peregrinação universal, daqueles que não têm nas mãos o próprio destino. João Antônio não bate fotos. Pinta quadros apaixonadamente deformados.

Poderíamos acrescentar que o “quadro” da peregrinação circular contém o sentido trágico e absurdo do “mito de Sísifo”, na medida em que o jogo de sinuca e todas as implicações que ele tem para os três parceiros — aparentemente sua fonte de renda — funcionam como o único sentido (ou a sua falta) de suas existências.

4 “VISITA” E AS MODALIZAÇÕES DO SER

Mas que jogo triste! Fosse outrora e eu fechava este joguinho num instante. Hoje tremo, cachaça e medo, peço com os olhos para as bolas caírem. Ora, eu fazendo este joguinho sovina de cinqüenta cruzeiros a mão!
(ANTÔNIO, J., 2004, p. 121)

4.1 EM CASA — PREPARATIVOS PARA A VISITA

No conto “Visita”, voltamos a encontrar alguns elementos significativos de “Meninão do Caixote” e de “Malagueta, Perus e Bacanaço”. A mesma oscilação entre os espaços de casa e de rua, acompanhando as hesitações do Meninão do Caixote, está presente neste conto. A mesma imagem da peregrinação ou da perambulação das três personagens de “Malagueta, Perus e Bacanaço” é recorrente no narrador deste conto.

O argumento básico do conto “Visita” é muito simples. Uma noite, o narrador, um ex-jogador de sinuca, em férias escolares, resolve fazer uma visita ao amigo Carlinhos, um antigo parceiro nos jogos de sinuca. Não o encontrando, como o ônibus que o levaria de volta para casa demora para passar, resolve voltar a pé. No caminho, passa por um bar em que há mesas de sinuca. Entra no jogo, tem dificuldades para jogar, perde algumas partidas, mas consegue voltar para casa com algum dinheiro. De volta, divaga sobre o tédio de sua vida no trabalho do escritório, que deve retomar no dia seguinte.

Para o exame dos estados e das mudanças de estados por que passa o narrador, a narrativa pode ser segmentada, por questões metodológicas, da seguinte forma:

- 1º segmento: de “Sonhei que voltara às grandes paradas.” (p. 109) até “Uma calma gostosa.” (p. 112)⁷.

O narrador decide visitar Carlinhos e prepara-se para sair.

⁷ Todas as indicações de páginas nas transcrições do conto “Visita” no decorrer deste estudo são da seguinte edição: ANTÔNIO, J. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 4. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Estado de tédio e insatisfação. Busca da transformação desse estado.

- 2º segmento: até “Entrei no Bar e Café Colombo. No fundo havia sinuca, pedi café, me fui encostando.” (p. 118).

O narrador não encontra Carlinhos em casa e perambula pelas ruas.

Estado de frustração/insatisfação.

- 3º segmento: até “Vou é para a casa.” (p. 122).

O narrador volta a jogar sinuca, procurando resgatar sua boa imagem.

A *performance* para a transformação de seu estado passional.

- 4º segmento: até “Mas amanhã, a repetição dos relatórios. Meus olhos viajarão do teclado aos corpos taludos dos homens da sacaria. E nas paredes brancas do escritório, balbúrdia, persianas entreabertas, ingleses a perambular.” (p. 122).

O narrador volta para casa.

Retorno ao estado inicial de tédio/insatisfação.

No primeiro segmento da narrativa, entediado em casa, dispõe-se a visitar um antigo companheiro de jogos de sinuca, parceiro de muitas vitórias no passado. A imagem de Carlinhos resgata a “boa imagem” que o narrador tem de si nesse passado vitorioso.

Sonhei que voltara às grandes paradas. Eu e Carlinhos.

Desprezando para sempre nossos empregos, sozinhos no mundo e conluiados, malandros perigosos, agora. Vagabundeávamos, finos na habilidade torpe de qualquer exploração.

[...]

Uns dois meses sem ver Carlos. Desde o tempo da refinaria. Não sei bem como era — mas eu não vivia mandado como agora, tinha sempre mais dinheiro, meu jogo era bom, tinha um estilo e rendia.

Quando deixei aquilo, deixei-o e deixei outros colegas. Emprego novo, vida diferente. Qualquer mudança me impinge ocupações novas, esquecer amigos, abandonar certas coisas. Parceiros em tudo, parceirões. Dois tacos considerados e de respeito, viris nas partidas caras. (p. 109-110)

O estado de satisfação que a imagem de Carlinhos traz contrapõe-se ao estado de insatisfação que o cotidiano doméstico provoca no narrador. Aliás, o cotidiano doméstico é complementar ao cotidiano do trabalho formal do narrador em um escritório.

As oposições são claras:

- na vida de sinuca, em parceria com Carlinhos, “não vivia mandado” X na vida do trabalho formal, “vivia mandado como agora”
- amigos X emprego
- sensação de ter sempre dinheiro X sensação de ter um “salário mingado”
- reconhecimento público na sinuca X obrigações privadas para com as atividades rotineiras da mãe e da irmã

Diabos, toda noite esta história. Mal entro em férias, é isto. Não basta o escritório, não basta. Os chefes, as idiotices. Tudo em promiscuidade e eu a aturar. Quando a noite chega, hora da gente descansar, cinema, mulher, qualquer coisa... não. Latinha de flite, sabonete, caixa de alfinetes, nem sei. Minha mãe tem a mania de me arranjar estes probleminhas domésticos. Pelo ano inteiro, este tonto trabalha e agüenta escola noturna. Dorme seis horas, acorda atordoadado de sono, vai buscar dinheiro numa profissão inútil. Dia todo somando, dividindo, subtraindo, multiplicando. Por que diabo mandam-me tantos relatórios? Os dedos pretos de fumo são fins de braços sem bíceps, sem tríceps, nada. Pudera! Às vezes, vejo na expedição homens da sacaria, braços enormes. Imagino-me vivendo à sombra deles. Parece-me que a vida teria músculos e sossego, não cálculos e ocupações domésticas. (p. 109-110)

Considerando a sintaxe narrativa desse segmento inicial, recorreremos à noção de modalização do ser, partindo do quadro apresentado por Greimas e Courtés em *A semiótica das paixões* (s.d., p. 283):

Os critérios de interdefinição de classificação das modalidades devem ser ao mesmo tempo sintagmáticos e paradigmáticos, definindo-se cada modalidade por um lado como uma estrutura modal hipotática, e por outro como uma categoria capaz de ser representada no quadrado semiótico. Assim, tomando-se em consideração o percurso tensivo que leva à realização, podem-se agrupar as modalidades, até aqui reconhecidas, de acordo com o quadro seguinte:

MODALIDADES	virtualizantes	atualizantes	realizantes
exotáticas	dever	poder	fazer
endotáticas	querer	saber	ser

(s.d., p. 283)

Analisando esse quadro, Barros explica que:

As modalidades virtualizantes instauram o sujeito e as atualizantes o qualificam para ação posterior. O sujeito definido pelo dever ou pelo querer-fazer é chamado *sujeito virtual*; se na organização modal de sua competência incluem-se também o saber e/ou o poder-fazer, tem-se um *sujeito atualizado* ou competente, qualificado para fazer. Só o fazer o torna *sujeito realizado*.

Uma modalidade é chamada exotática ou extrínseca quando, na estrutura modal de que faz parte, o sujeito modalizador for diferente do sujeito modalizado, e endotática ou intrínseca quando os dois sujeitos estiverem sincretizados no mesmo ator. Decorrem daí os efeitos de sentido de “subjetividade” ou de “individualidade”, das modalidades endotáticas, e de “objetividade” ou “sociabilidade”, das exotáticas. O dever-fazer é, assim, um querer do destinador, e o querer-fazer, um dever autodestinado. (2001, p. 53)

No estado contínuo de tédio, de espera, ocorre uma descontinuidade com a disposição do narrador de sair de casa para visitar seu antigo parceiro. No caso, pode-se dizer que o sujeito modalizador e o sujeito modalizado estão sincretizados no mesmo ator. Trata-se de uma modalidade endotática, que resulta em efeito de sentido de subjetividade. Em outras palavras, o seu querer-fazer (querer fazer visita) é um dever autodestinado. Instaurado o sujeito pela modalidade virtualizante querer-fazer, ele é qualificado pelas modalidades atualizantes poder-fazer e saber-fazer.

“O ônibus quase vazio me dá calma. Entrando vento pela janela. Bom. Mãos cruzadas, olhando coisas lá fora. A casa do ótimo Carlinhos — perto. Poderia ir a pé. Prefiro o ônibus; basta a cansaça do dia.” (p.112)

4.2 NA RUA – FLANANDO PELAS RUAS

Quando chega à casa de Carlinhos, o narrador não o encontra. A ausência do amigo faz com que o narrador fique frustrado.

— Boa noite. Carlos está?

— Não. Saiu. O senhor...

Coço a cabeça. Sempre me desajeito ante mulheres. E esta, agora, me chamando de senhor! Torço as mãos, desespero-me à toa. Deve ser a irmã de Carlinhos. Namorando ou noivando. Bonita, boas pernas. O sujeito que aí está — bem apessoado. Voz firme e não corou, quando apareci interrompendo abraços. Como essas pessoas que não se intimidam ante outras me parecem superiores! Tiro o postal do bolso interno do paletó, vem junto um cigarro amassado que guardo com atropelo.

[...]

Despeço-me, deixo-os sossegados. Curvo esquinas, subo ladeiras, acendo cigarros maquinalmente. Encabulado. Pena não ter encontrado o excelente Carlinhos. Chateado. Perdi uma noite agradável.

— Também... isto não deve ser hora de visitas.

É. Quem sabe... não entendo dessas coisas. Tanto faz. Vou perambulando, a admirar coisas do caminho, mulheres que passam. Cedo, nove horas. (p. 114-115)

Como o ônibus demora para chegar, resolve voltar andando. Como acha que está cedo, não volta logo para casa, segue perambulando pelas ruas, observando os lugares, as pessoas, os anúncios de publicidade, os namoros. Dois pensamentos passam a persegui-lo: “por que não arranjo uma namorada?” e “Pena não encontrar Carlinhos”. Vai recordando seu tempo de “vagabundagem”, quando podia acordar tarde e andar pelas ruas à tarde.

A situação de andar pelas ruas nos leva à imagem entediada e irreverente do *flâneur*. Comentando esse traço significativo e recorrente em personagens de João Antônio de perambular pelas ruas, Martin destaca a diferenciação feita por Walter Benjamin (1989) entre transeunte e *flâneur*.

O primeiro é aquele que convencionalmente caminha com uma direção definida, enquanto o segundo é caracterizado como um ocioso, que caminha “protestando contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em

especialistas”. Assim, é possível afirmar que, em termos ideológicos, o *flâneur*, com sua atitude contemplativa, expressa a rejeição sistemática aos valores burgueses do trabalho e do acúmulo do capital.

[...]

Ao perambular pela cidade, o *flâneur* opera uma espécie de “vingança passiva” contra a situação a que está submetido. Recusando os espaços fechados que aglutinam os elementos caracterizadores da vida burguesa, inconscientemente acaba se igualando à mercadoria e entorpecendo-se entre a multidão. (MARTIN, 2008, p. 94-95)

O narrador de “Visita” inscreve-se, nesse aspecto, no mesmo grupo em que já estão Malagueta, Perus e Bacanaço, com sua mania de peregrinação noturna à procura de jogos de sinuca. Entorpecido em sua andança, o narrador não está propriamente à procura de sinuca, mas, com o seu estado de insatisfação, quer-fazer algo que o coloque em estado de satisfação. Vale lembrar que satisfação implica também o reconhecimento de sua boa imagem. Dessa forma, é natural que acabe por entrar em um bar de sinuca.

4.3 NO BAR — JOGO DE SINUCA

Os dois pensamentos que acompanham o narrador em sua andança, “Por que não arranjo uma namorada?” e “Pena não encontrar Carlinhos” refletem a oscilação de suas escolhas na vida: de conformidade com as normas sociais ou de não-conformidade com elas, isto é, na malandragem. Essa hesitação pode ser constatada nesta passagem:

Entrei no Bar e Café Colombo. No fundo havia sinuca, pedi café, me fui encostando. Uns me reconheceram. Outros reconheceram e fizeram que não. Sujeitos bestas, muita vez um terno a mais, um tico de ordenado a mais e torcem o nariz. Arrogância besta.

— Sujeitos bestas - digo baixinho, para justificar-me de que estou acima deles.

Logo caio em mim, reconheço que sou pobre-diabo como os que jogam. Corno reconheço que já vivi disto e eles não. Cada um no seu emprego.

— Vinte-e-um, Gazuza?

O mulato meneou a cabeça. Aquele sim, um bicho, mas sabe o que é e não é balão.

— Aberto, cinqüenta a mão.

— Posso entrar?

Os quatro se entreolharam. Também a sentinela e a maloqueira entreolharam-se quando apareci. (p. 118)

Para entender o modo como o narrador decide entrar novamente nas partidas de sinuca, vale recorrer ao esquema passional canônico apresentado por Bertrand (2003, p. 274), em que a cada etapa do percurso gerativo do sentido no nível narrativo corresponde uma etapa do percurso passional. A *disposição* equivaleria ao contrato ou à manipulação; a *sensibilização*, à competência; a *emoção*, à *performance*; e *moralização*, à sanção. Desse modo, o esquema passional canônico seria encadeado da seguinte forma:

disposição → *sensibilização* → *emoção* → *moralização*

Em “Visita”, o narrador tem a disposição, correspondendo ao estado inicial em acolher o sentido de efeito passional de acolhida, isto é, de instaurar o sentimento juntivo da parceria com Carlinhos como eufórico. A sensibilização opera em seguida à saída de casa. Todas as lembranças das grandes partidas vencidas com a parceria feita com Carlinhos manifestam o efeito de sensibilização em seu percurso. A fase patêmica da emoção manifesta-se a partir da entrada do narrador nas partidas de sinuca. Jogando sozinho, sem a parceria de seu velho companheiro, o seu antigo talento não se manifesta como ele espera.

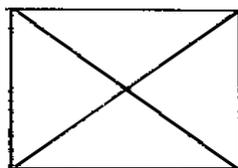
O seguinte quadrado semiótico pode configurar os estados possíveis do narrador diante do jogo de que irá participar.

vitória

derrota

ganhar partidas a dinheiro

perder partidas a dinheiro



não-derrota

não-vitória

jogar de brincadeira

jogar de brincadeira

No salão de sinuca, se ele jogar de brincadeira, apenas por esporte, ficaria no estado de não-vitória ou de não-derrota. Porém, jogando a dinheiro, terá a conjunção com a vitória ou com a derrota: ganhará ou perderá dinheiro. Com a parceria de Carlinhos, ambos fariam trapaças e o seu jogo não dependeria apenas do talento ou da sorte, como depende nesse momento em que está sozinho.

Vejam a branca... Se caísse, eu teria um sete e um cinco de boca. Cinco e sete: doze. Doze com pedra nove, faria os vinte-e-um e faria os duzentos cruzeiros. Um sujeito bateu a rodada, agora. E eu tinha bom jogo! Diabo de branca, por que não era minha vez? Meto a mão no bolso, enfio a cédula na caçapa. Saio para outra. (p. 119-120)

Greimas faz uma observação interessante a respeito da espera do inesperado, que constitui uma das atrações do jogo para quem dele participa sem uma parceria estabelecida.

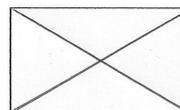
[...] esse gasto de energia em vão, essa ideologia da “ação pela ação” que não faz muito tempo engendrou todos os fascismos, também pode significar outra coisa: sabe-se que a rapidez do ritmo metaforiza — semioticamente falando — a atualização do deslocamento, que a intensidade do movimento executado no local anuncia a transformação do sujeito de estado em sujeito de fazer, condições necessárias, porém não suficientes, de um programa de busca ao qual falta apenas a injeção de um ou outro valor no lugar vazio previsto para o objeto pretensivamente visado. O umbral da insignificância, por pouco que apareça no horizonte algum Vietnam pessoal, poderia então ser facilmente superado. (2002, p. 83)

Retomamos aqui as observações de Barros sobre o quadro das modalidades do ser para analisar a emoção no percurso passional do narrador, que faz com que ele retorne ao jogo de sinuca.

As modalidades virtualizantes do querer-fazer e do dever-fazer dão ao sujeito as condições mínimas para o fazer e, projetadas no quadrado semiótico (GREIMAS & COURTÉS, s.d., p. 117), apresentam-se como:

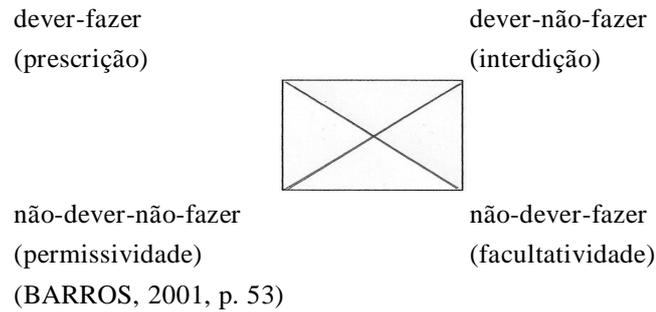
querer-fazer
(vontade ou volição)

querer-não-fazer
(abulia)



não-querer-não-fazer
(vontade passiva)

não-querer-fazer
(má vontade ou nolição)



Quanto às modalidades endotáxicas, o estado inicial do narrador, empregado em trabalho formal, já tendo abandonado o jogo da sinuca, é o de manter-se afastado do jogo, isto é, no estado de abulia (querer-não-fazer). Toda manifestação do processo de sensibilização, com as boas lembranças das grandes partidas com o Carlinhos, com a visita à casa do amigo, embora frustrada, contradiz a abulia. Encontrando um bar e nele entrando, instaura-se a vontade. O querer-fazer atualiza-se na *performance* do narrador em suas partidas.

Quanto às modalidades exotáxicas, é o mesmo percurso que leva o narrador à *performance* na sinuca. Tendo abandonado o jogo, o estado seria o da interdição (dever-não-fazer). As boas lembranças, principalmente de sua própria imagem de jogador, fazem o percurso.

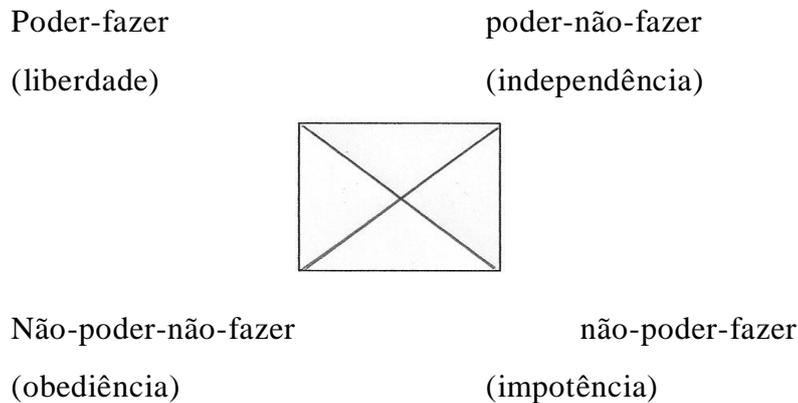
dever-não-fazer → não-dever-fazer →dever-fazer

Porém a *performance* do narrador não se realiza dentro de suas expectativas.

Caiu a branca. Minha vez. O álcool rondava-me a cabeça. Terceiro, quarto copo, nem sei. Uns quarenta minutos ali de pé, repetição de cigarros, pegando no taco de longe em longe. Angústia me vem, cada vez que penso em coisas sérias, quando bebo. Começos de desmaio, muita vez, quando bêbado, penso em coisas sérias; com um estremecimento empurro a idéia de tê-las agora. Lassidão, o amargo começando na boca, a cansa na coxas e na barriga das pernas. Pedra dez, é fácil, fácil. Deus do céu! Estava ali a deixa. Bola cinco meio difícil, é certo, porém o seis... a um palmo da caçapa. Era só empurrar. Derrubava a rosa, colocava a azul, fechava o jogo. Pagava meu tempo, meia-noite e tanto, ia dormir. Não agüentava nas pernas.

Mas que jogo triste! Fosse outrora e eu fechava este joguinho num instante. Hoje tremo, cachaça e medo, peço com os olhos para as bolas caírem. Ora, eu fazendo este joguinho sovina de cinquenta cruzeiros a mão! (p. 121)

Retomando mais uma vez as observações de Barros (2001, p. 53) sobre as modalizações do ser, ela configura as modalidades atualizantes do poder-fazer da seguinte forma:



Do estado inicial de obediência às normas sociais convencionais, o narrador passa para o sentimento de liberdade de poder-fazer. Meses sem jogar, além da ausência de seu parceiro Carlinhos, o sentimento é de negação da liberdade de poder-fazer, isto é, de impotência (não-poder-fazer). No estado de impotência, o único recurso é a sorte. Em outras palavras, passa a jogar como um “otário”, um jogador que negaria a competência ou o talento para o jogo. Como “otário”, tem de participar do jogo com as características da imprevisibilidade, dependendo da sorte.

O fato de ter de depender da sorte provoca a instauração do sentimento de vergonha. As condições estão presentes na situação: o sentimento de pertencimento ao grupo de jogadores, uma imagem de inferioridade em relação à imagem que tinha de si e exposição pública dessa imagem de não superioridade.

Por que não esqueço duma vez esse negócio de namorada? A cara dura, os beijos duros, a cabeça doendo pela cachaça. Olho a branca, posso fechar o jogo, acabar com a alegria desses parceiros. Não me lembro da cor dos cabelos do modelo de propaganda. Amanhã passo por ali, reparo naquilo. O mundo de dimensões do pano verde de uma mesa de sinuca. Quase bicou o seis, não tropiquei por bem pouco. Estou nervoso, é este medo sem jeito. Os parceiros olham-se, olham-me. Na porretada, a azul. Diabos, não caiu na caçapa em que mirei. Por que veio cair aqui em cima, na sorte? Mal, péssimo. Eu não queria na sorte. Vejam a que meu jogo ficou reduzido. Sujo; é só sujeira, só me encontrando na sorte. Vou é para a casa. (p. 80)

4.4 EM CASA — DE VOLTA

Voltando para o ponto de partida, sua casa, o narrador faz uma espécie de avaliação, de julgamento, de sua peregrinação noturna. Da mesma forma que em “Meninão do Caixote” e “Malagueta, Perus e Bacanaço”, a narrativa termina com o retorno ao ponto de partida. Porém, diferentemente de “Meninão do Caixote”, em que a volta é um valor positivo para o sujeito, e de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, em que a volta é sancionada negativamente pelos observadores, no caso de “Visita”, a sanção é do próprio narrador.

Por considerarmos o nível das paixões, é pertinente utilizarmos o termo *moralização*, de acordo com o esquema passional canônico (BERTRAND, 2003, p. 374):

disposição → *sensibilização* → *emoção* → *moralização*

Aborrecimento sem motivo. Para final, não vi o excelente Carlinhos, vi as pernas brancas da irmã, ganhei trezentos cruzeiros (tirante o tempo), deixei o postal, desertei uma noite das ocupações domésticas.

Mas amanhã, a repetição dos relatórios. Meus olhos viajarão do teclado aos corpos taludos dos homens da sacaria. E nas paredes brancas do escritório, balbúrdia, persianas entreabertas, ingleses a perambular. (p. 122)

A peregrinação noturna resulta em fracasso.

O final da narrativa retoma o estado inicial de tédio e insatisfação do narrador. O sentimento de fracasso é similar ao das três personagens de “Malagueta, Perus e Bacanaço”. Pode-se recorrer à afirmação de Greimas em *Da imperfeição*, sobre o fracasso que frustra o projeto do sujeito:

O fracasso que ameaça um tal projeto de vida, inspirado pelas artes e letras, vem provavelmente do próprio excesso de sua estetização, da demasiadamente

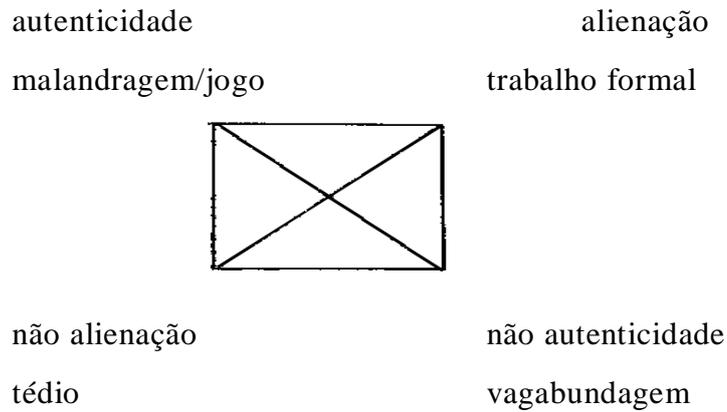
copiosa memória cultural, enquanto que o seu deliberato enxugamento — que é uma aposta e um risco ao qual se expõe toda ambição estética — talvez desse a tal projeto alguma oportunidade. Pode-se sonhar: e se, no lugar de uma ambição totalizante que procura transfigurar toda a vida e põe em jogo o conjunto do percurso do sujeito, este pudesse proceder a um desmembramento de seus programas, à valorização do detalhe do “vivido”? Se um olhar metonímico e demorado se dedicasse a abordar com seriedade as coisas simples?... Uma vida assim aplanada — pode-se pensar nesse jardineiro japonês que a cada manhã dispõe um pouco distintamente as pedras e a areia de seu jardim — poderia então produzir, com “quase nada”, um inesperado quase imperceptível, anunciando uma nova jornada. (2002, p. 89)

Realmente, pode-se sonhar, como o narrador inicia seu relato: “Sonhei que voltara às grandes paradas.” (p. 109). Porém, tanto no sonho como no jogo real, a bola branca o perturba. É o fracasso que o persegue, quando vai descobrindo que quer jogar, mas não tem certeza se deve jogar, se pode jogar e, o mais dramático, se sabe jogar. Nesse estado, o inesperado que pode romper o seu estado de espera, “anunciando uma nova jornada”, provavelmente não será muito além da “repetição dos relatórios” no escritório onde tem seu trabalho formal.

Martin já destacou a oposição que se coloca diante do narrador de “Visita” diante de suas perspectivas de vida:

[...] o mundo da sinuca é oposto ao universo do trabalho formal e ao universo doméstico. “A ‘vida do joguinho’, rememorada com nostalgia e certa vaguidão pelo narrador, tem sempre suas vantagens ressaltadas: ‘Não sei bem como era — mas eu não vivia mandado como agora, tinha sempre mais dinheiro, meu jogo era bom, tinha um estilo e rendia’. Para a personagem, jogar significa transgredir a ordem e afirmar uma identidade: não se submeter a regras sociais, possuir mais dinheiro do que um “otário” e ser reconhecido por uma habilidade específica. (2008, p. 121)

A questão que se coloca para o narrador na relação malandragem vs. trabalho formal, se passarmos para o plano interno do sujeito narrador, é a relação autenticidade (que ele vê na sua atividade de jogar sinuca) vs. alienação (como ele vê o trabalho formal no escritório). Essa relação de contrários pode ser configurada neste quadrado semiótico, complementado com os termos contraditórios e suas implicações:



Nas divagações que o narrador vai fazendo durante as suas andanças, a autenticidade estaria na vida de malandragem que levava com o parceiro Carlinhos. Porém, a simples negação da autenticidade o levaria à situação de vagabundagem, à mera rejeição da norma social. Afirmando a alienação, ele vive o estado de viver do trabalho formal, na esfera do dever, mas não na do querer, como já vimos. A negação da alienação o leva ao estado de não-trabalho, de tédio. Para superar o tédio, a sua perspectiva é caminhar em direção à malandragem, repetição de percurso que remete novamente ao absurdo essencial do mito de Sísifo.

5 FAZER MISSIVO

Todo conhecimento é um reconhecimento — algo de que a tragédia nos havia prevenido, quer esse reconhecimento se dê na desgraça ou na alegria.
(ZILBERBERG, 2006, p. 130)

5.1 TENSIVIDADE E MISSIVIDADE NAS NARRATIVAS

Este capítulo apresenta uma proposta de aplicação dos conceitos sobre o fazer missivo, formulado por Zilberberg (2006), nas suas reflexões sobre o movimento da tensividade para a missividade. Segundo ele, o sentido é gerado a partir do processo de colocação discursiva das categorias de pessoa, espaço e tempo.

Nesse sentido, o fazer missivo se define na própria instância da enunciação. É nela que são determinados o “eu”, o “aqui” e o “agora”, orientados pelo fluxo de colocação em discurso dessas categorias. Nesse fluxo discursivo produzido na enunciação é aplicada formalmente a categoria *continuidade vs. descontinuidade*. A continuidade do fluxo está vinculada à relação de junção entre o sujeito narrativo e seu objeto de valor. Assim, o fazer é chamado emissivo quando o discurso segue adiante na continuidade narrativa. Essa continuidade se dá quando se afirma a conjunção do sujeito com o objeto e quando o sujeito está no processo de aquisição de competência para a realização da *performance*.

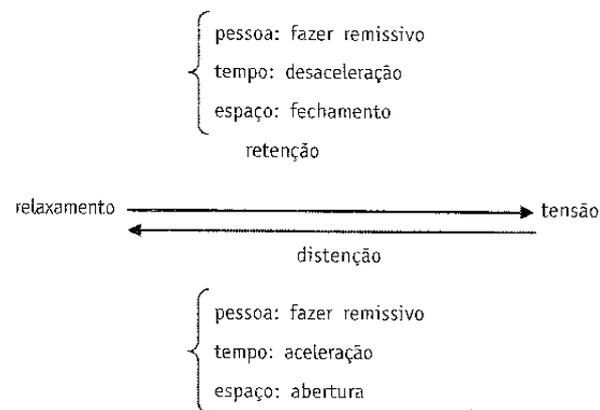
Porém, há o regime missivo que segue orientação contrária: o chamado fazer remissivo. É o fazer missivo que interrompe o fluxo do fazer emissivo quando se afirma a descontinuidade sobre a continuidade narrativa. Interrompe-se a conjunção do sujeito com o objeto de valor ou o processo de aquisição de competência e a realização da *performance*.

Como se afirma a continuidade narrativa no fazer emissivo, o espaço tende à abertura para outros espaços e o ritmo temporal é acelerado. Por outro lado, no regime

remissivo, por afirmar a descontinuidade narrativa e em função das paradas, o espaço tende ao fechamento e o tempo é desacelerado no regime remissivo.

A missividade está vinculada também à tensividade, na medida em que o relaxamento e a tensão estão em relação direta com os regimes emissivo e remissivo, como afirma Pietroforte (2009, p. 47):

Em termos tensivos, do relaxamento à tensão, o remissivo promove a retenção; e, da tensão ao relaxamento, o emissivo promove a distensão:



De todo modo, na conceituação de Zilberberg sobre a missividade, é fundamental a colocação discursiva, pois é a partir dela que se determina o seu fluxo. Examinamos, em seguida, esse fluxo discursivo nos três contos.

5.2 A MISSIVIDADE EM “MENINÃO DO CAIXOTE”

A colocação discursiva de “Meninão do Caixote” pode ser disposta nesta estratégia:

- 1 Na Lapa, Meninão está entediado, sem o pai e sem o primo Duda.
- 2 Meninão recebe a ordem da mãe para buscar leite.
- 3 Meninão vai ao Bar Paulistinha, espantando-se com as mesas verdes de sinuca e com a figura de Vitorino.
- 4 Meninão vai todas as tardes ao Bar Paulistinha; é aceito no meio dos jogadores de sinuca.

5 Meninão, orientado por Vitorino, começa a jogar sinuca em cima de um caixote, o que lhe dá o apelido de Meninão do Caixote.

6 Meninão se torna um grande jogador de sinuca.

7 A mãe fica desgostosa com a carreira do Meninão.

8 Meninão começa a ficar desgostoso com a parceria com o patrão Vitorino.

9 Meninão abandona a sinuca várias vezes, tocado pelo desgosto da mãe.

10 Meninão retoma a carreira à sinuca várias vezes por insistência de Vitorino.

11 Meninão aceita jogar com um famoso jogador, Tiririca.

12 Meninão vence Tiririca.

13 A mãe leva silenciosamente a marmita para o Meninão.

14 Meninão deixa o bar e alcança a mãe, com quem segue para casa definitivamente.

O fazer missivo na enunciação está determinado sobre o Meninão (o “eu”). O primeiro parágrafo propriamente narrativo da enunciação em “Meninão do Caixote” afirma a disjunção do “eu” com os objetos de valor: “bola”, “jogo”, “Duda”. São figurativizações da ideia do jogo.

Na rua vazia, calada, molhada, só chuva sem jeito; nem bola, nem jogo, nem Duda, nem nada.

Quando papai partiu no G.M.C., apertei meu nariz contra o vidro da janela, fiquei pensando nas coisas boas de Vila Mariana. (p. 125)

No regime remissivo, que afirma a disjunção com o objeto de valor, o Meninão experimenta a continuidade desse estado, com sentimento de insatisfação, de tédio, de frustração. A continuidade é interrompida com a ordem da mãe: “— Menino, vai buscar leite.” (p. 128).

A sequência passa para o regime emissivo, pois afirma a conjunção com o objeto de valor — jogo.

Peguei o litro e saí.

Na rua brinquei, com a lama brinquei. O tênis pisava na água, pisava no barro, pisava na água, pisava no barro, pisava na água, pisava no barro, pisava... (p. 128-129)

Quando descobre o jogo de sinuca no fundo do bar Paulistinha e conhece Vitorino, contrai uma relação com ele. Nela se manifesta a relação destinador-manipulador — destinatário-manipulado em função do objeto de valor “jogo de sinuca”. O movimento de todo o fazer do “eu” é na direção desse objeto de valor. O destinador representado pela figura de Vitorino *faz* o sujeito Meninão *jogar*. O Meninão é vulnerável à manipulação utilizada por Vitorino porque ele *quer jogar*. O jogo é o objeto com o qual ele quer estar conjunto. Desse modo, é o fazer emissor que se manifesta nas sequências 2, 3, 4, 5, e 6 da estratégia apresentada.

Nessas sequências todo fazer segue adiante. Os verbos de ação marcam essas sequências, com velocidade e excesso.

Joguei, joguei muito, levado pela mão de Vitorino, joguei demais.

[...]

... minha fama correu, tive parceirinhos que vinham, vinham de muito longe à Lapa para me ver. [...] Eu jogando, as apostas corriam, as apostas cresciam, as apostas dobravam em torno da mesa.

[...]

Crescia, crescia o meu jogo no tamanho novo do meu nome.

[...]

Combati, topei paradas duras. Combati com Narciso, com Toniquinho, Quaresmão, Zé da Lua, [...] Ia lá e ganhava. (p. 133-135)

Como em todas as sequências do regime emissor a tensão tende ao relaxamento, o tempo é conseqüentemente acelerado. Com o tempo acelerado, o espaço tende para abertura e o jogo de sinuca e a carreira do Meninão alcançam sempre novos salões, novos bairros.

Porém as sequências 7, 8 e 9 são remissivas. Nesse discurso, os atores que, na perspectiva do “eu” são os antissujeitos, atuam no sentido de interromper a conjunção determinada pelo fazer emissor, a conjunção com o objeto de valor — jogo de sinuca.

A mãe do Meninão está desgostosa com a carreira do Meninão, com os dias e dias nos bares de sinuca, no meio da malandragem. Chorosa pelos cantos da casa, procura interromper a continuidade da conjunção do “eu” com o jogo de sinuca.

Eu evoluí um truque para a janela do meu quarto em noite alta eu chegando. Meter o ferro enviesado, por fora; destravar o fecho vertical...

Mamãe me via chegar, e às vezes, fingia não ver. Depois, de mansinho, eu me deitava. E depois vinha ela e eu fingia dormir. Ela sabia que eu não estava dormindo. Mas mamãe me ajeitava as cobertas e aquilo bulia comigo. Porque ia para o seu canto, chorosa. (p. 138)

O modo como se dá a divisão do dinheiro arrecadado com as vitórias do Meninão também faz surgir uma crise de confiança na manipulação mútua em que estão envolvidos Vitorino e Meninão.

Aquilo. Aquilo me desgostava. Ô divisão cheia de sócios, de nomes, de mãos a pegarem no meu dinheiro!

Por exemplo: ganhava um conto de réis. Dividia com Vitorino, só me sobravam quinhentos. Pagava tempo e despesas, já eram só quatrocentos. Dava estia ao adversário: lá se iam mais dez por cento. (p. 91)

São sequências que forçam um direcionamento do “eu” de volta para o estado de disjunção com o jogo de sinuca, de volta para casa, para as responsabilidades domésticas, para a escola.

O sentimento de honra em relação aos valores do grupo da sinuca faz com que o Meninão reassuma a conjunção com o jogo da sinuca. Um famoso jogador, vencido anteriormente pelo Meninão, está propondo revanche. Retoma a parceria com Vitorino e o Meninão, em um domingo, joga com Tiririca mais uma vez, dizendo à mãe que voltaria para o almoço. Em conjunção com o jogo de sinuca, o fazer retoma o regime emissor.

Mais uma vez a continuidade da conjunção com o objeto de valor é interrompida, desta vez com a chegada da mãe do Meninão no salão de sinuca, trazendo marmitta para

o filho. Na perspectiva da mãe do Meninão, é o lance ousado e decisivo para interromper a conjunção do Meninão com o jogo.

A última sequência fecha a narrativa no regime remissivo, com o Meninão novamente em disjunção com o objeto de valor – jogo de sinuca. Essa disjunção gera a conjunção com outro objeto de valor: a mãe. Esse retorno ao fazer remissivo, no entanto, leva ao relaxamento, uma vez que está sendo euforizado o objeto de valor — a mãe. É a continuação da conjunção com o objeto euforizado que mantém o relaxamento.

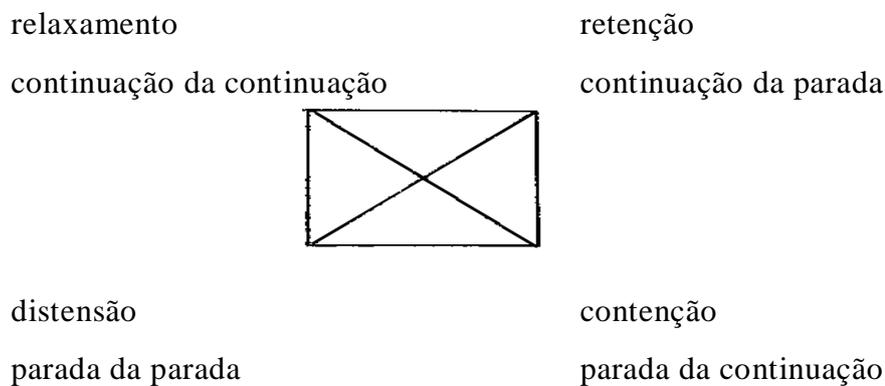
Em termos de foria, a tensividade orienta a euforia por este percurso:

retenção → distensão → relaxamento

e a disforia, por este:

relaxamento → contenção → retenção

Desse modo, em termos de continuação e parada do relaxamento, Tatit propõe a seguinte configuração do quadrado semiótico



No regime emissivo, o Meninão tem o estado inicial na contenção quando acabou de se mudar para Lapa. O estado seguinte é o da retenção, continuando a parada dos jogos e brincadeiras com Duda. O percurso tende à distensão quando começa a frequentar o bar Paulista e a aprender a jogar sinuca, até alcançar o relaxamento com a conjunção com o jogo de sinuca.

No regime remissivo, com a chegada da mãe ao bar, o Meninão faz a parada da continuação da conjunção com o jogo de sinuca, continuando a parada ao acompanhar a mãe de volta para casa.

5.3 A MISSIVIDADE EM “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO”

No caso de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, a colocação discursiva está disposta nesta estratégia:

- 1 Bacanaço se encontra com Perus no bar Celestino, na Lapa.
- 2 Malagueta se junta aos dois no bar.
- 3 Os três formam uma parceria para ganhar dinheiro, utilizando trapaças, nessa noite.
- 4 Os três não encontram adversários nem “trouxas” na Lapa.
- 5 Os três seguem para Água Branca e chegam ao salão Joana d’Arc.
- 6 Os três aplicam seus golpes e acumulam muito dinheiro na Água Branca.
- 7 As trapaças são descobertas por um inspetor de polícia aposentado.
- 8 Os três seguem para o Centro.
- 9 Os três deparam com Silveirinha, policial que “protege” o salão de sinuca.
- 10 Silveirinha ameaça prender Perus.
- 11 Bacanaço tem de entregar uma boa parte do dinheiro acumulado na noite.
- 12 Os três abandonam o Centro e seguem para Pinheiros.
- 13 No salão de sinuca da Pastelaria Chinesa, os três jogam sinuca de brincadeira.
- 14 Gradativamente, o jogo de brincadeira tende a se transformar em jogo sério.
- 15 Chega ao salão um provável “otário”.
- 16 Bacanaço propõe jogo ao suposto “otário”.
- 17 Perus descobre que o suposto “otário” é Robertinho, um grande jogador de sinuca.
- 18 Os três perdem o resto do dinheiro para Robertinho.
- 19 Os três estão de volta à Lapa, onde pedem café fiado no bar.

São emissivas as sequências 1, 2, 3, 5, 6, 8, 12, 13, 14, 15 e 16. São sequências que se movimentam no sentido da conjunção com o objeto de valor — dinheiro.

Quando Bacanaço encontra Perus, imediatamente percebe que este está totalmente em disjunção com o objeto dinheiro. Vão brincando no salão, como se estivessem se preparando para o jogo.

Avistavam-se todas as tardes, acordados há pouco ou apenas mal dormidos. Dois tacos conhecidos e um amigo do outro não pretendem desacato sério. Os desafios goram, desembocam num bom entendimento. Perus e Bacanaço, de ordinário, acabavam sócios e partiam. Então, conluiados, nem queriam saber se estavam certos ou errados. Funcionavam como parrelha fortíssima, como bárbaros, como relógios. Piranhas. Lapa, Pompéia, Pinheiros, Água Branca... Ou em qualquer muquinfo por aí, porque todo muquinfo é muquinfo, quando se joga o joguinho e se está com a fome. Negaça, marmelo, trapaça, quando iam os dois. Um, o martelo; o outro era o cabo. (p. 149-150).

A parceria iniciada com as primeiras brincadeiras entre Bacanaço e Perus se completa com a chegada de Malagueta, também em disjunção com o objeto dinheiro. De posse de um capital inicial, Bacanaço funciona como patrão e propõe a parceria que pode colocá-los em conjunção com o dinheiro, utilizando-se de trapaças e dissimulações. As três sequências iniciais colocam Bacanaço em conjunção com os objetos de uso — os jogadores e companheiros Perus e Malagueta — para se arremeter em busca do objeto de valor dinheiro. Nesse regime emissivo, pode-se notar o ritmo acelerado de suas ações, que se expandem no espaço que tende à abertura.

Foi num átimo, foi num susto. Bacanaço deu fé do relógio, seu Movado com corrente de ouro.

— Meus, com uma quina...

A gana nos olhos do malandro. Um tapa de estalo no joelho de Perus, o indicador apontou para Malagueta. Falou depressa, outro Bacanaço, com palavras que se atropelavam e com dedos se esfregando. Com uma quina já poriam meio pé fora do buraco. Correriam, então, a todas as bocas do inferno da cidade, cortariam aquela onda besta de azar raiado. Claro. (p. 162)

É remissivo tudo o que pode interromper o sentido da conjunção com o objeto de valor. Uma vez formada a parceria, a falta de adversários — os possíveis “otários” — paralisa o movimento em busca do dinheiro. Nesse sentido, podemos dizer que a sequência 4 é regida pelo fazer remissivo. O espaço do bar Celestino na Lapa parece estar fechado para eles e o ritmo das ações se desacelera com a interrupção de seus planos.

À noitinha, grupos de estudantes encheram o salão com jogos a leite-de-pato. Não jogavam a dinheiro. Algazarra, um barulhão, mas não jogavam a dinheiro. Aquilo faziam todos os dias, antes das aulas noturnas.

Bacanaço se chateava com os frangalhos e levantava-se. Machucava-os:

— Vocês são é de coisa nenhuma. Fica aí toda a curriola nesse pé-pé-pé... pé-ré-pé-pé, fazendo o quê? Punheta? Um chove-não-molha do capeta! Vamos lá no jogo valendo uma nota! (p. 157)

A Lapa já era perda de tempo. [...]

— Esta Lapa não dá pé! (p. 163)

Novamente, os parceiros se põem no sentido da conjunção com o dinheiro, quando decidem caminhar em direção a salões de outros bairros. Na Água Branca, no salão Joana D’Arc, encontram o cenário ideal para a *performance* de suas trapaças. Os três se movimentam no salão seguindo o acordo previamente estabelecido, aplicando sucessivos golpes nos incautos adversários, ganhando e acumulando uma boa soma de dinheiro.

Corria no Joana d’Arc o triste jogo de vida.

Bacanaço cutucou o menino Perus, passou-lhe duas notas de cinquenta. Sorrateiro, falou baixo, nos dentes.

— Vai lá e desempenha, meu.

Enviou, fez um pouco de tempo, bafejou nas unhas, esfregou-as no paletó. Mandou Malagueta:

— Vai lá e faz marmelada.

Estava armado o conluio funcionando a trapaça.

[...]

As bolas corriam. E Bacanaço sorria.

À sua segunda tacada, o menino Perus assobiou.

Era o "Garufa", velho tango argentino falando das desventuras de um otário ofertado, inveterado protetor de prostitutas e falso malandro de uma noite lá num parque japonês... Um incorrigível, um papagaio enfeitado, um malandro de café com leite e pão com manteiga e o resto era engano. O "Garufa" assobiado — um sinal convencionalizado com que os finos malandros de jogo avisam-se que há otário nas proximidades ou trapaça funcionando e lucro em perspectiva.

Do lado de lá do balcão, Bacanaço também assobiou o "Garufa".

E os olhos malandros dos três se encontraram, se riram, se ajustaram, gozozamente, na sintonia de um conluio que nasceu dissimulado. (p. 165-169)

Malagueta “tropicando” nas jogadas, mas preparando as bolas para Perus e este marcando todos os pontos, ambos realizam a *performance* combinada, ao som da trilha musical do tango argentino “Garufa” assobiado pelos três parceiros. Os três entram em conjunção com o objeto dinheiro. Nesse fazer emissivo, o ritmo é acelerado, seguindo as jogadas e os movimentos rápidos das bolas indo para as caçapas. O espaço tende a se abrir para os movimentos dos três parceiros em conluio.

Esses movimentos, porém, são interrompidos. Um dos adversários, Lima — um velho policial aposentado — descobre a trapaça.

Ali tinha coisa. A bola era fácil, fácil. Malagueta não liquidara. Por que raios o velho Malagueta só amarrava o jogo, defendendo e defendendo aquela bola quatro? Lima não era um velho coió. A quem pertencia a bola? Havia coisa.

Lima balançou o indicador no ar e mudou o tom daquela roda.

— Botem fé no que digo, qu'eu não sou trouxa não e nessa canoa não viajo. 'Tá muito amarrado o seu jogo, seu velho cara de pau. Botem fé. Eu pego marmelo neste jogo, arrumo uma cadeia pros dois safados.

Bacanaço se alertou, a mão jogou o cigarro, o rosto se frisou. Diabo. Malagueta facilitara, deixara entrever a proteção. Também não havia outra saída; derrubasse a bola quatro, teria quebrado Perus num só lance, estariam os dois no buraco. Diabo. Aquele jogo poderia render mais. (p. 172)

O espaço do bar Joana D'Arc se fecha para os três parceiros com a descoberta das trapaças. O ex-policial ameaça os três, dizendo “Lugar de ladrão eu costume mostrar” (p. 118). Novamente ocorre a paralisia nas ações dos três parceiros. A alternância entre os dois regimes ainda continua. Alternadamente, uma sequência de movimentos que leva adiante os três parceiros, em busca do objeto dinheiro, é interrompida por algo que a

paralisa. É o que ocorre novamente quando os três se dirigem ao Centro. O ritmo se acelera e abre-se o espaço para os três tentarem mais uma aquisição do objeto dinheiro. No Centro, eles são barrados por um inspetor de polícia, Silveirinha, que conhece os problemas legais por que passa o menino Perus.

— Vem cá, moleque!

O negro chamando, apoiado ao balcão. De branco, pele brilhando, chapéu de preço, cara redonda, enorme, onde um riso debochado se escarrapachava.

O menino Perus ensaiou maquinalmente a meia volta. Bacanaço desaprovou, a mão parou, palma para cima; imprimiu:

— O jeito é enfrentar. Piranha esperava.

O menino foi e se deu mal, que era Silveirinha, o negro tira. Perus se desnorteava em erradas, começava pela timidez de não dizer nada. Chumbado no chão.

[...]

Piranha esperava comida.

— Moleque, você já pagou imposto?

Azucrinava, exigia, demorava-se no exame do menino. Ali, cantava de galo, dava cartas, jogava de mão, mexia e remexia, a condição de mando era sua. Infeliz algum abria o bico. Levantou-se, fez a volta ao redor de Perus. Esperou a fala.

O menino tinha um bolo na garganta, feito espeto atravessado. (p. 190-191)

A parceria é paralisada não só para a continuidade das trapaças como a própria parceria está ameaçada na continuidade de sua própria formação. Para funcionar de acordo com seus planos, a parceria não pode *parecer-ser* uma parceria. Cada um deve entrar nos salões como estranhos para que as trapaças possam funcionar sem que os adversários descubram o “segredo” (isto é, *não parecem* parceiros, mas *são*). Desse modo, a paralisia que acomete Perus, aparentemente, não afetaria Bacanaço nem Malagueta. Em um grupo, o sentimento de honra pode instaurar-se em momentos em que a imagem do que se espera ser a “boa imagem” de um membro do grupo está colocada à prova. Em Bacanaço, presentificam-se as seguintes condições para a instauração da honra: o sentimento de pertencimento ao grupo dos três parceiros, a possibilidade de exposição de sua ação perante o grupo e a sua imagem identificada com a do grupo. A identificação de sua imagem com a do grupo é um constituinte marcante para Bacanaço tentar contornar a situação com o policial Silveirinha.

O malandro (Bacanaço) se chegou.

— O menino é gente minha — sorriu, maneiro, mais pedia que falava. — Podemos conversar, chefe?

— De boas falas é que eu gosto, Bacana. Por isso lhe considero — abriu-se no riso gozoso. — Você é meu, Bacana.

A zombaria continuando naquele "Bacana"...

[...]

Bacanaço aturou e foi acedendo. Pagou o conhaque. O tira sabia de suas vontades presas e se prolongava nos minutos de prosa fiada, se divertia.

Sentiu que não agüentaria mais, ia explodir, boa coisa não faria. Entregou-se, uma ruga nas sobrancelhas. Abriu o jogo, mostrou a nota de quinhentos.

— É o que se tem.

Pretextou pressa, escorregou a cédula, pediu licença. Ganhou a escada de madeira, o amargo na boca.

Silveirinha rematou a bebida, recolheu a nota, examinou as unhas.

— Até, meu camarada.

Lá no Largo, os três ouviram ainda a risada que se escarrapachava forte.

Não disseram nada, caminharam. Um sentir de quem perdeu, um sentimento abafado os arrasava e os unia e lentos, tangidos, caminharam. (p. 195-197)

Os três parceiros retomam a caminhada, deixando o Centro. Rumam para Pinheiros e chegam à Pastelaria Chinesa, onde há um salão de sinuca. As sequências novamente estão no regime emissivo, direcionadas para a conjunção com o jogo e, conseqüentemente, com o objeto dinheiro. Tendo perdido para Silveirinha quase todo dinheiro acumulado antes de chegarem ao Centro, é preciso recuperá-lo. Estavam novamente jogando de brincadeira, como na Lapa, no início da noite, quando surge um provável "otário". Novamente os três parceiros se põem em movimento para a *performance* das trapaças e dissimulações planejadas.

Foi quando surgiu no salão um tipo miúdo, lépido, baixinho, vestido à malandra, terno preto, gravata estreita, sapatos pequenos de bicos quadrados. Desses sujeitos que fazem suas coisas muito à pressa, passos curtos, rápidos, jeitosos, com o bigodinho aparado que costumam pendurar na cara.

Bacanaço deu-lhe de olhos, fez um estudo.

— Esse tostãozinho de gente aí é algum otário oferecido.

O homem cumprimentou o dono do bar, sorriu, bebeu lá o seu copo, veio se encostando à mesa. Num minuto batia papo com Bacanaço.

— Olá, parceirinho, está a jogo ou está a passeio? (p. 215)

Para Bacanaço, a imagem era de um “otário”: “desses sujeitos que fazem suas coisas muito à pressa, passos curtos, rápidos, jeitosos, com o bigodinho aparado que costumam pendurar na cara.” Todo o fazer até esse momento da proposta de Bacanaço leva adiante para a conjunção com o jogo e o dinheiro. O ritmo continua acelerado e as ações caminhariam para tomar o dinheiro do “otário”.

A partir dessa sequência, o ritmo se desacelera e o espaço tende ao fechamento. Perus descobre que o “otário” é um grande mestre de sinuca, Robertinho, que nem Bacanaço nem Malagueta conheciam. A sequência emissiva começa a ser interrompida quando Perus descobre que o suposto “otário”, Robertinho, parece, mas não é “otário”. É mentira que ele seja um “otário”. Ou, colocando em outra perspectiva, ele não parece ser um grande jogador, mas é. Esse é o *segredo* de Robertinho, que só Perus conhece. O menino faz reflexões nesse momento e não sabe se deve alertar os seus companheiros Malagueta e Bacanaço ou se deve calar e respeitar a estratégia de Robertinho, que é a mesma que os três parceiros vinham utilizando até esse momento. No conflito íntimo de Perus, o ritmo é lento, carregado, pesado, tenso. O espaço está fechado nesse regime remissivo.

Robertinho começava a mostrar os dentes de piranha. Efeitos na bola branca com puxadas. Jogava uma bola de valor, embocava-a de estalo, já preparando uma outra, que era a bola da vez.

Diante daqueles começos de tacada longa, Malagueta se apavorava, Bacanaço se punha atento, Perus mais amuado. O velho não conseguia prender aquele suspiro comprido. O jogo não estava prestando... (p. 218)

Nesse momento, a estratégia da dissimulação é do adversário. Quando Malagueta e Bacanaço descobrem, a situação é similar à do salão Joana D’Arc na Água Branca, mas com os atores em posições invertidas. O dinheiro escorre das mãos de Bacanaço nesse regime remissivo.

Finalmente, o fazer remissivo traz os três parceiros de volta ao ponto de partida da noite anterior, o bar Celestino, na Lapa. O estado inicial de disjunção com o objeto dinheiro fica evidenciado no pedido de café fiado.

A curriola formada no velho Celestino contava casos que lembravam nomes de parceirinhos.

Falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados. (p. 222).

5.4 A MISSIVIDADE EM “VISITA”

Em “Visita”, a colocação em discurso se dá nesta disposição:

- 1 O narrador está em casa conversando com a irmã.
- 2 O narrador sai para visitar Carlinhos, antigo parceiro de sinuca.
- 3 No ônibus, o narrador vai recordando as grandes partidas com a parceria de Carlinhos.
- 4 O narrador não encontra Carlinhos em casa.
- 5 O narrador espera ônibus no ponto.
- 6 Como o ônibus demora, o narrador resolve voltar a pé.
- 7 Na caminhada, vai novamente divagando sobre as diferenças entre a época de sinuca e a atual época de trabalho formal em escritório.
- 8 O narrador chega a um bar onde há um salão de sinuca.
- 9 O narrador pede para entrar no jogo.
- 10 O narrador se espanta ao perceber que tem dificuldades para vencer as partidas.
- 11 O narrador se angustia ao perceber que depende mais da sorte do que de seu talento.
- 12 O narrador volta para casa, entediado prospectivamente para o trabalho do dia seguinte.

“Visita” também, da mesma forma que “Meninão do Caixote” e “Malagueta, Perus e Bacanaço”, é um conto sobre a sinuca. Porém, diferentemente dos outros dois, o ponto de vista do “eu” é de alguém que não pertence mais ao grupo de jogadores de

sinuca. O “eu” tem um trabalho formal, dentro de um escritório, mas conta que foi um jogador de sinuca, fazendo parceria com Carlinhos. Teriam sido, segundo ele, “dois tacos considerados e de respeito, viris nas partidas caras.” (p. 110).

Tudo o que no conto é euforizado está vinculado ao jogo da sinuca e à parceria que o “eu” havia formado com Carlinhos. Nesse sentido, a trajetória em direção ao resgate do jogo de sinuca e da parceria estaria no regime do fazer emissor. Na busca desse resgate, o “eu” se movimenta, procura se expandir e executa as ações. Nesse sentido, as sequências 2, 3, 6, 7, 8 e 9 apresentam o fazer emissor.

A narrativa se inicia com um sonho. O objeto do sonho é o jogo de sinuca e a parceria com Carlinhos. É o objeto do querer do “eu”: “Sonhei que voltara às grandes paradas. Eu e Carlinhos.” O sonho anuncia um movimento com o tempo acelerado, com o espaço tendendo à abertura. Nesse sentido, haveria o fazer emissor. Porém, ao contrário, o movimento é inverso: “Era quando a branca caía.” Com a branca caindo, o regime seria remissor, pois o jogo tende à parada, desacelerando o tempo e fechando o espaço.

Sonhei que voltara às grandes paradas. Eu e Carlinhos.

Desprezando para sempre nossos empregos, sozinhos no mundo e conluídos, malandros perigosos, agora. Vagabundeávamos, finos na habilidade torpe de qualquer exploração. E fisgávamos mulheres, donos de bar, zeladores de prédios, engraxates, porteiros de hotel, meninos que vendem amendoim...

Era quando a branca caía.

No jogo, no quente jogo aberto das paradas duras, partidas caríssimas, eu tropicava, repetidamente. Aquilo não se explicava! A tacada final era dolorosa e era invariável- era a minha — e eu me perdia. Aquilo, aquilo nos arruinava. (p. 109).

A sequência inicial das ações propriamente ditas, com o “eu” no ambiente doméstico, após seu retorno do trabalho formal em escritório, apresenta-o em estado de insatisfação. Tem sentimento de pertencimento ao grupo familiar, porém os valores com os quais se identifica não são partilhados por outros membros do grupo, sua mãe e sua irmã.

Diabos, toda noite esta história. Mal entro em férias, é isto. Não basta o escritório, não basta. Os chefes, as idiotices. Tudo em promiscuidade e eu a aturar. Quando a noite chega, hora da gente descansar, cinema, mulher, qualquer coisa... não. Latinha de flite, sabonete, caixa de alfinetes, nem sei. Minha mãe tem a mania de me arranjar estes probleminhas domésticos. Pelo ano inteiro, este tonto trabalha e agüenta escola noturna. Dorme seis horas, acorda atordoado de sono, vai buscar dinheiro numa profissão inútil. Dia todo somando, dividindo, subtraindo, multiplicando. Por que diabo mandam-me tantos relatórios? Os dedos pretos de fumo são fins de braços sem bíceps, sem tríceps, nada. Pudera! Às vezes, vejo na expedição homens da sacaria, braços enormes. Imagino-me vivendo à sombra deles. Parece-me que a vida teria músculos e sossego, não cálculos e ocupações domésticas. (p. 109-110).

Duas idéias são, entre outras, recorrentes no conto: a de ser mandado e a de mandarem tantos relatórios. A questão da autoridade parece realmente incomodá-lo no mundo formal do trabalho com carteira assinada. Além disso, a importância dada a relatórios nesse mundo é sintomática. Relatórios são registros, não são ações. Relatórios em si não têm movimento. Essas duas ideias incomodam o “eu”, justamente porque são antagônicas em relação às duas idéias que lhe são caras no mundo da malandragem: a de liberdade, isto é, de não ter ninguém mandando; e a de ação, já que jogo é movimento, agitação. Essa oposição se apresenta de maneira clara, o que torna natural seu desejo de caminhar em direção ao jogo e ao parceiro Carlinhos.

Uns dois meses sem ver Carlos. Desde o tempo da refinaria. Não sei bem como era — mas eu não vivia mandado como agora, tinha sempre mais dinheiro, meu jogo era bom, tinha um estilo e rendia.

[...] A aproximação de dezembro, agora, trouxe-me a lembrança de revê-lo e levar um cartão. Carlos se alegraria, abraços, café, apresentar-me-ia sua irmã (ele deveria ter uma irmã linda); bate-papo sobre futebol, a velha sinuca, umas horas longe de latinhas de flite e sabonetes. (p. 110)

O curioso é que o objeto do querer que “eu” busca prospectivamente está na sua imagem localizado em um tempo passado. Busca, portanto, no presente da narrativa o estado de conjunção com o objeto euforizado jogo/parceria do passado. Esse objeto traz junto outros motivos de satisfação: “não vivia mandado como agora” e “tinha sempre mais dinheiro”. Dois objetos estão agregados ao jogo/parceria: sentimento de liberdade,

isto é, de não ter a quem obedecer, e poder do dinheiro. Vale dizer que no momento em que empreende a locomoção até a casa de Carlinhos, ele se encontra em estado de disjunção com esse objeto.

O ônibus quase vazio me dá calma. Entrando vento pela janela. Bom. Mãos cruzadas, olhando coisas lá fora. A casa do ótimo Carlinhos — perto. Poderia ir a pé. Prefiro o ônibus; basta a canseira do dia. Gente como eu, bobagem economizar níqueis. Jamais se tem alguma coisa. A taxa do colégio, uma farra qualquer, levam tudo. O diabo é que eu não nasci trouxa, aqueles tempos de jogo, quando desempregado, me ensinaram que eu não nasci trouxa. Agora, o salário minguado dá para cigarros de vinte cruzeiros e cachaça de quando em quando. Se o mês aperta, corta-se isso. (p. 112)

“O ônibus quase vazio... entrando vento pela janela. Bom”. A tensão da discussão com a irmã, no espaço fechado da casa, cede espaço ao relaxamento no espaço em movimento do ônibus, que tende à abertura do espaço, mesmo que pela “janela”. A divagação do “eu” coloca em oposição o jogo e o trabalho formal. Nessa reflexão, a ideia de “trouxa” está vinculada ao trabalho formal, com o “salário minguado”. Esse conflito íntimo revela o estado de insatisfação com o trabalho formal, o que pode arremetê-lo à sinuca e à parceria com Carlinhos. É nesse sentido que se faz sua locomoção dentro do ônibus.

— Boa noite. Carlos está?

— Não. Saiu. O senhor...

Coço a cabeça. Sempre me desajeito ante mulheres. E esta, agora, me chamando de senhor! Torço as mãos, desespero-me à toa. Deve ser a irmã de Carlinhos. Namorando ou noivando. Bonita, boas pernas. O sujeito que aí está — bem apessoado. Voz firme e não corou, quando apareci interrompendo abraços. Como essas pessoas que não se intimidam ante outras me parecem superiores! Tiro o postal do bolso interno do paletó, vem junto um cigarro amassado que guardo com atropelo.

— Pode-lhe, por favor, entregar isto?

— Pois não. (p. 114-115)

Uma descontinuidade vem interromper a continuidade do fluxo emissivo: Carlinhos não está em casa. O encontro com Carlinhos poderia funcionar como aquisição de competência para o resgate da parceria nas partidas de sinuca. Portanto a ausência de Carlinhos paralisa esse programa de competência. Desencaminhado pela

paralisia do movimento em direção ao jogo, o “eu” retoma a direção de retorno para casa.

[...] Chateado. Perdi uma noite agradável.

— Também... isto não deve ser hora de visitas.

É. Quem sabe... não entendo dessas coisas. Tanto faz. Vou perambulando, a admirar coisas do caminho, mulheres que passam. Cedro, nove horas. Um bar, entro. Num sobrado gente conversando na sacada.

— Cachaça pequena, faz favor.

Um sujeito solícito me enche o copo. Encosto-me ao balcão, fico olhando para a calçada, onde besouros caem e gente passa de longe em longe. Remato a bebida, saio. E agora, o quê? Cinema? Meio tarde para cinema. Besouros voam, caem. A última sessão termina pela meia-noite passada, o último ônibus parte às onze e meia. Porcaria de subúrbio! O sujeito que abraçava a irmã de Carlos era alto e era loiro. Havia se arranjado muito bem.

— Por que não arranjo uma namorada?

Um engraxate batuca na caixa, me convida para limpar os sapatos. Viro a esquina, entro para os lados do ponto do ônibus. Lendo um letreiro de propaganda de dentifrício.

— Por que não arranjo uma namorada? (p. 115)

O “eu” abandona a ideia de voltar para casa e, como o ônibus não chega, resolve caminhar. Divaga um pouco: “Meio tarde para cinema” e “Para a cama a esta hora, asneira”, acaba por chegar ao Bar e Café Colombo, no fundo do qual há sinuca. Novamente se retoma o fluxo emissivo, o movimento em direção ao jogo está em ação.

Chego. Sapatos cheios de pó, sapatos cheios de pó, vivem sempre empoeirados. Porcaria de vila! Para a cama a esta hora, asneira. Estava, ficava até mais tarde. Gente povoava o largo do correio. Entrei no Bar e Café Colombo. No fundo havia sinuca, pedi café, me fui encostando. Uns me reconheceram. Outros reconheceram e fizeram que não. Sujeitos bestas, muita vez um terno a mais, um tico de ordenado a mais e torcem o nariz. Arrogância besta. [...]

— Posso entrar?

Os quatro se entreolharam. Também a sentinela e a maloqueira entreolharam-se quando apareci. Na várzea havia mosquitos bravos, não lobos. Um tipo musculoso mediu-me de soslaio, tinha a camisa apertando braços enormes, uma cara enorme, um queixo enorme, de gringo. Talvez quisesse jogar. Se quisesse, que fosse dizendo. Polidez com essa gente é tempo perdido.

— Vai, entra. Tira pedra.

Desatei o paletó, acendi um cigarro, escolhi taco, peguei num giz. (p. 118-119)

Agora, com taco na mão, o “eu” está em conjunção com o jogo de sinuca, objeto de seu *querer*. O fluxo discursivo tem continuidade, é direcionado para frente. O espaço tende à abertura e o ritmo é acelerado, pelo menos, no início do jogo. Pouco a pouco o jogo vai se arrastando e a bebida fazendo efeito em sua cabeça. O fluxo emissivo vai sendo interrompido pela percepção de que o “eu” não está mais com tanta habilidade quanto imaginava em suas divagações sobre o passado, isto é, a sua “boa imagem”, que julgava ter, não se revela na *performance*. Além disso, a falta de um parceiro tira qualquer possibilidade de trapaça. A afirmação humilhada — “Hoje tremo, cachaça e medo, peço com os olhos para as bolas caírem” — expressa o estado de disjunção, não com o jogo, com o talento para vencer. Nesse sentido, ora o fluxo é emissivo no jogo como esperança ou reabilitação, ora é remissivo no jogo como frustração ou tensão.

Caiu a branca. Minha vez. O álcool rondava-me a cabeça. Terceiro, quarto copo, nem sei. Uns quarenta minutos ali de pé, repetição de cigarros, pegando no taco de longe em longe. Angústia me vem, cada vez que penso em coisas sérias, quando bebo. Começos de desmaio, muita vez, quando bêbado, penso em coisas sérias; com um estremecimento empurro a idéia de tê-las agora. Lassidão, o amargo começando na boca, a canseira nas coxas e na barriga das pernas. Pedra dez, é fácil, fácil. Deus do céu! Estava ali a deixa. Bola cinco meio difícil, é certo, porém o seis... a um palmo da caçapa. Era só empurrar. Derrubava a rosa, colocava a azul, fechava o jogo. Pagava meu tempo, meia-noite e tanto, ia dormir. Não agüentava nas pernas.

Mas que jogo triste! Fosse outrora e eu fechava este joguinho num instante. Hoje tremo, cachaça e medo, peço com os olhos para as bolas caírem. Ora, eu fazendo este joguinho sovina de cinqüenta cruzeiros a mão! (p. 121)

No estado de disjunção com a competência (no sentido de habilidade), não se realiza a *performance* do jogo hábil e da vitória. A sequência seguinte evidencia a tensão e a insegurança do jogador. Com sentimento de estar em disjunção com o talento, com a cumplicidade e ajuda de Carlinhos, com as trapaças, apenas o acaso pode salvá-lo. Agora tem o sentimento de estar jogando como os “otários” jogam, isto é, como se a sinuca fosse meramente um jogo de sorte ou azar. Dependendo da sorte faz instaurar o sentimento de vergonha, isto é, a sua *performance* não condiz com a “boa imagem” que julgava ter. Esse sentimento paralisa o movimento na direção do resgate do jogo e da parceria com Carlinhos. Essa parada assinala o fazer remissivo.

O mundo de dimensões do pano verde de uma mesa de sinuca. Quase bicou o seis, não tropiquei por bem pouco. Estou nervoso, é este medo sem jeito. Os parceiros olham-se, olham-me. Na porretada, a azul. Diabos, não caiu na caçapa em que mirei. Por que veio cair aqui em cima, na sorte? Mal, péssimo. Eu não queria na sorte. Vejam a que meu jogo ficou reduzido. Sujo; é só sujeira, só me encontrando na sorte. (p. 122)

O sentimento de vergonha faz com que ele se sinta humilhado perante o grupo. Porém, mais do que isso, a humilhação que provoca a parada da conjunção com o jogo assinala uma crise de confiança entre o destinador e o destinatário, funções do mesmo sujeito narrador. A imagem que tinha de si não está de acordo com a imagem que se apresenta no bar. O fluxo das sequências finais é remissivo. Em ritmo desacelerado, promove o retorno ao ponto de partida: sua casa. O espaço tende de novo ao fechamento e o estado é de tensão.

Aborrecimento sem motivo. Para final, não vi o excelente Carlinhos, vi as pernas brancas da irmã, ganhei trezentos cruzeiros (tirante o tempo), deixei o postal, desertei uma noite das ocupações domésticas.

Mas amanhã, a repetição dos relatórios. Meus olhos viajarão do teclado aos corpos taludos dos homens da sacaria. E nas paredes brancas do escritório, balbúrdia, persianas entreabertas, ingleses a perambular. (p. 122)

De volta para casa, a imagem de ciclo se destaca: “Mas amanhã, a repetição dos relatórios.” Nesse espaço restritivo do trabalho formal, o verbo pode indicar o porvir (“viajarão”), mas não o futuro inesperado. Trata-se de um porvir que repete os movimentos do passado e do presente. Nessa ideia da repetição, o fluxo é de continuidade da conjunção com um objeto disfórico, o modo de viver dos chamados “trouxas” pelos jogadores de sinuca.

De volta ao ponto de partida de sua peregrinação noturna, a sanção que se tem é o desacordo entre o destinador e o destinatário. Zilberberg nomeia essa relação de outro modo, partindo da ideia de que o fazer tensivo e o fazer missivo “instruem valores que aparecem como pregnâncias actanciais, já que esses valores são primeiramente sintáxicos e contrastivos” (2006, p. 140). Ele aplica os dados categoriais do fazer missivo do seguinte modo:

No interior de uma sequência e, nesse caso, estaremos tratando da problemática da recção.

Entre duas sequências — e por recursividade à cadeia — e, nesse caso, estaremos diante do conceito de direcção.

Qual a vantagem? Os termos categóricos sujeito e objeto são promovidos à categoria de funções e, nessa condição, devem ser dispostos numa estrutura mais homogênea:

	Direcção	recção
fazer emissivo	transujeito / sujeito	sujeito / subobjeto
fazer remissivo	sujeito / antissujeito	sujeito / abjeto

(ZILBERBERG, 2006, p. 140).

Quanto às relações subjetais, nas sequências regidas pelo fazer emissivo, o transujeito leva o sujeito ao fluxo contínuo da conjunção com o objeto euforizado. No caso de “Meninão do Caixote”, Vitorino (transujeito) leva o Meninão (sujeito) à conjunção com o jogo de sinuca. O fazer remissivo que interrompe essa conjunção é o sentimento de culpa que se instaura no Meninão, funcionando como antissujeito. No caso de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, Bacanaço (transujeito) leva Malagueta e Perus à conjunção com a parceria, com as trapaças, com o jogo dissimulado, com a vitória e com o dinheiro. Esse fazer emissivo sofre várias paradas, que são regidas pelo fazer remissivo: a descoberta das trapaças na Água Branca, a extorsão do policial Silveirinha no Centro e o golpe de Robertinho, que se faz passar por “otário” para ludibriar os três parceiros. Finalmente, no caso de “Visita”, o “eu” que narra a peregrinação exerce tanto a função de transujeito como a de sujeito.

Quanto às relações objetais, Zilberberg afirma que:

A relação sujeito/subobjeto visa a inscrever na relação de coexistência, que é a alma da sintaxe, uma certa dose de identidade entre sujeito e objeto: como se a identidade fosse a competência e a dependência, a performance; como se a identidade fosse a razão da dependência. (2006, p. 141).

Nos três contos, vimos como a relação entre sujeito e objeto no interior das sequências inscreve a relação de coexistência, baseada na identidade e na dependência. Os sujeitos das três narrativas mantêm uma relação com o jogo de sinuca, baseada na identidade e na dependência. Os sujeitos procuram a identidade total com o jogo como se fosse um programa de aquisição de competência. Uma vez com a identidade, a

dependência mútua — sujeito e o objeto (jogo) — ocorreria na *performance* das partidas. No caso dos sujeitos das três narrativas, a sua *performance* exemplifica a afirmação de Madvig (apud ZILBERBERG, 2006, p. 141): “o objeto é sempre um sujeito escondido”. No caso de “Visita”, nas sequências finais, quando a *performance* não se realiza como o imaginado, causando o impacto afetivo da disjunção, causando a perturbação da identidade.

6 PONTO DE CHEGADA

Parece-nos que o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado “humano” na medida em que significa alguma coisa. (GREIMAS, 1973, p. 11).

As primeiras preocupações da nossa análise se voltaram para os dispositivos responsáveis pelos efeitos de sentido passionais nos três contos. Tais preocupações nos levaram a destacar o nível narrativo, uma vez que esses dispositivos modais são tratados pela semiótica nesse nível. De todo modo, procuramos incorporar esses dispositivos às várias etapas do percurso gerativo para a verificação de sua coerência nas narrativas em relação à coerência geral do modelo. Para isso, foram utilizados alguns fundamentos da semiótica greimasiana. No estudo do sentido manifestado em forma de textos, Pietroforte explica que a semiótica trata de “determinar o que o ‘texto diz’, mas, sobretudo, de como ele faz para ‘dizer o que diz’”. (2008, p. 10). Ele prossegue:

Em “como se diz”, a semiótica busca estabelecer regularidades formais capazes de determinar as articulações sintáticas e semânticas que dão forma ao sentido, pensado como a realização de uma rede dessas relações. (PIETROFORTE, 2008, p. 11)

Nos contos, é possível acompanhar as articulações determinadas por algumas regularidades que se observam na sua construção. A demarcação clara dos universos da malandragem e do trabalho formal é uma das mais acentuadas e significativas. Os contos de João Antônio revelam que o universo euforizado é o da malandragem. Oliveira e Pereira observam:

É notável a preferência do escritor por personagens representativos do mundo menos favorecido, o mundo do oprimido, onde se sobrevive, literalmente. Assim, a luta dramática dos desfavorecidos é narrada da perspectiva deste, ou seja, o mundo, nas histórias de João Antônio, é visto do ponto de vista de quem está em posição social inferior. É o mundo visto pelo operário do subúrbio, pelo menino engraxate, pelo jogador de sinuca, pelo morador do conjunto habitacional construído pelo governo, pela prostituta, pelo soldado, enfim, pelos chamados malandros. (OLIVEIRA e PEREIRA, 2003, p. 144)

A oposição entre os dois mundos — da norma e da malandragem — reflete uma tensão para além das relações meramente interpessoais. Revela o confronto entre os espaços da cidade grande, isto é, o confronto centro x periferia.

É interessante neste momento revelar um trecho da provavelmente última carta escrita por João Antônio, dirigida a seu velho amigo jornalista dos velhos tempos da revista *Realidade*, Mylton Severiano:

Todos os meus amigos, conhecidos, parentes e chegados estão atrapalhados no país que sofre de melancolia da escravidão e em que somos tratados como massa de manobra. O miserê que vi no Largo de Pinheiros, no Largo da Batata é um quadro asiático sem a cultura da Ásia, claro. Camelô acabou. Agora são uma legião triste, de cor enferrujada, só os empregados dos contrabandistas. No Largo de Osasco se planta um pedaço do Nordeste miserável. E a alegria está mais longe dali do que da lua. É o Brasil das periferias esquálidas.⁸ (2005, p. 29-30)

“É o Brasil das periferias esquálidas”. Trata-se de uma frase que afirma disforicamente a condição de periferia. A periferia pressupõe a não-periferia ou o centro. Essa tensão centro vs. periferia é recorrente nos três contos analisados. Em “Meninão do Caixote”, todo cenário é da periferia. O Meninão jogava escondido, tinha de jogar na periferia: “Só joguei em bilhares suburbanos onde a polícia não batia, porque era um menino.” (p. 133). Bacanaço, Perus e Malagueta são escorraçados do Centro pelo policial Silveirinha, que aplica extorsão sobre os três parceiros. Em “Visita”, o espaço da perambulação do narrador ocorre inteiramente na periferia da cidade.

A perambulação é uma imagem privilegiada de um texto de 1908, *A alma encantadora das ruas*, do cronista João do Rio (2007). Na crônica “A rua” se lê:

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível; é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flunar: É fatigante o exercício?

Para os iniciados sempre foi grande regalo. A musa de Horácio, a pé, não fez outra coisa nos quarteirões de Roma. Sterne e Hoffmann proclamavam-lhe a profunda virtude, e Balzac fez todos os seus preciosos achados flinando. Flunar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não

⁸ O trecho faz parte da possível última carta escrita por João Antônio.

pertence a nenhuma língua! Que significa flunar? Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da populaça, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido dilettanti, de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja... (2007, p. 28).

As personagens dos contos de João Antônio, de certa forma, também caminham pelas ruas flinando. Porém, deve-se ressaltar que há um traço de ociosidade no flunar. Pelo menos no caso de Meninão do Caixote, Bacanaço, Perus e Malagueta, pode-se notar que há muito pouco espaço para a ociosidade. Os malandros de João Antônio têm uma visão das ruas como o espaço de sua sobrevivência, como se elas fossem trajetórias das bolas em uma cidade/mesa de sinuca. Isso poderia explicar o ir e vir dos malandros em trajetórias com direções alteradas a todo momento.

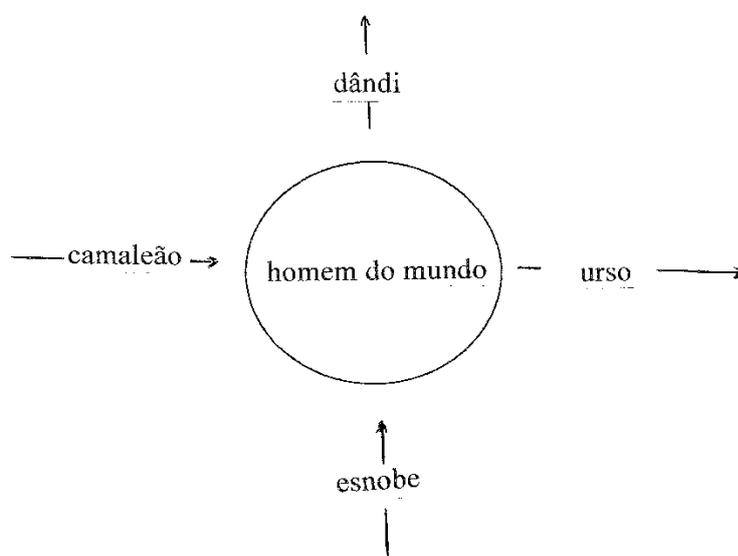
Por isso, segundo Oliveira e Pereira,

Essa visão .de fora do mundo. expressa-se numa linguagem também .de fora., a gíria. O malandro fala uma linguagem que tudo rebatiza: o sentido do mundo muda para quem vê de baixo para cima, exigindo um vocabulário novo, uma linguagem nova. É a forma que assume a linguagem como expressão de uma visão enraivecida do mundo: agressão e defesa. (2003, p. 145)

Uma outra visão interessante a respeito da ocupação do espaço periférico nos traz Rosa, em sua tese de doutorado sobre João Antônio: *O malandro brasileiro: do lirismo ao rancor* (2008): “Os espaços marginalizados parecem encarnar a imagem de uma *mise-en-abyme*, isto é, uma estrutura em abismo, de engolidores mastigando outros seres.” (ROSA, 2008, p.97). As áreas periféricas são acuadas e “empurradas” pelas áreas centrais. Da mesma forma, são acuados os moradores da periferia, os profissionais da periferia, os artistas da periferia, e assim por diante. No fundo, esse embate — periferia x centro — é mais da geografia humana do que da geografia física.

Na geografia humana do centro dentro dos contos de João Antônio, teríamos a mundanidade. Na da periferia, teríamos o mundo dos malandros.

É interessante referir-se aqui aos princípios de uma dinâmica identitária apresentados por Landowski em *Presenças do outro* (2002). Trabalhando com a esfera da mundanidade e tomando a figura do homem do mundo como ponto de referência em relação ao qual outras figuras são observadas em sua mobilidade, Landowski estabelece o seguinte gráfico (2002, p. 39):

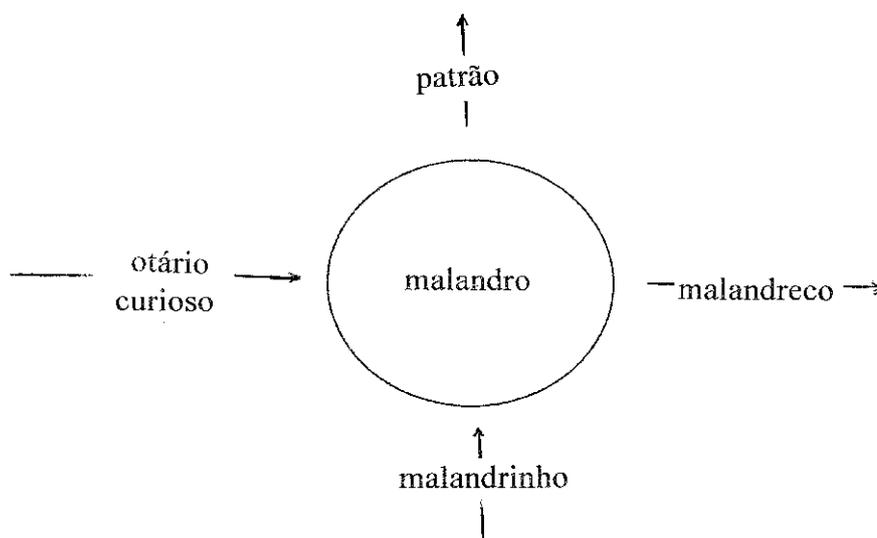


Por esse gráfico, segundo Landowski, o *esnobe* tem na figura do homem do mundo um modelo a seguir, desejando a conjunção com a elite, apesar de sua origem remetê-lo a um outro lugar. O *dândi*, ao contrário, está disposto a tudo para estar em disjunção com essa sociedade, portanto para se afastar dela. O *camaleão*, apesar de sua habilidade em se passar por outro que já pertence a essa sociedade, nunca deixa de estar em conjunção com sua origem e para onde sabe poder retornar em algum momento. Finalmente, o *urso* seguirá a trajetória que traçar e ninguém o desviará da rota, mesmo que isso custe a ruptura com antigos vínculos. Para completar esses dados, segundo Landowski,

as manobras do esnobe e do dândi têm como motivo comum uma vontade de “ascensão” que pressupõe a visão de um espaço social organizado como uma superposição de níveis desigualmente valorizados, ao passo que os comportamentos do camaleão e do urso implicam antes a justaposição num

mesmo plano (e a comparação) de mundos, de formas de vida e, em geral, de morfologias heterogêneas entre si, assim como em relação a uma forma de referência”. (2002, p. 39)

Passando da mundanidade analisada por Landowski para a malandragem dos contos de João Antônio, mas utilizando a mesma sintaxe do gráfico apresentado, poderíamos ter, como figura de referência, o *malandro*. Na posição sintática do *esnobe*, teríamos o *malandrinho*, que quer se elevar ao status de malandro, ser respeitado como malandro no ambiente do jogo. Em seguida, no eixo vertical ascendente, poderíamos ter o *patrão*, geralmente um ex-jogador mais hábil em atuar em torno da mesa do que sobre a mesa. No eixo horizontal, pode-se partir de qualquer iniciante no jogo, um “otário” ou um “curioso” (como Meninão do Caixote, quando se iniciou), que deseja também o status de malandro. Por fim, teríamos a figura do malandreco, o malandro fino ou o malandro dos malandros.



Na busca de ocupar o lugar do outro, entram em cena as imagens-de-si e do outro que se relacionam paralelamente às ações das narrativas. Essas relações formam um núcleo de regularidades que se articulam de modo recorrente nos três contos. São as instaurações das paixões da avidez (e suas correlatas) e do orgulho (e suas correlatas),

que acompanham os estados de conjunção ou disjunção dos sujeitos com seus objetos de valor.

Em *Semiótica das paixões* (1993), no capítulo “A propósito da avareza”, Greimas e Fontanille observam que “apenas os bens acumuláveis e não-consumíveis (riqueza, dinheiro) convêm a uma “avidez” que seria sinônima de “avareza” (1993, p. 108).

“Acumuláveis” e “não-consumíveis” não caracterizam senão as propriedades sintáticas dos objetos e não seu conteúdo semântico; mais precisamente, tratar-se-ia de modalizações projetadas sobre a junção e impostas pela forma sintática dos objetos: “acumuláveis” se glosaria assim como “poder ser conjunto em vários exemplares a um mesmo sujeito”; “não-consumível”, como “não poder ser destruído pela conjunção com um sujeito”, isto é, mais explicitamente, “poder ser conjunto a um sujeito n depois de ter sido conjunto a um sujeito ($n - 1$). Tais modalizações recaem, percebe-se, explicitamente sobre a junção e sobre um componente quantitativo que se encontra, por exemplo, nas noções de “participação” e de “exclusão” [...] (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 108).

Em “Meninão do Caixote”, é possível evidenciar-se a instauração da avidez em Vitorino na sua relação de parceria com o Meninão do Caixote. Para Vitorino, o Meninão era a principal fonte de renda. Por isso, “Vitorino ensinava tudo, não escondia nada.” (p. 88). Sobre a época áurea de sua carreira o Meninão relata:

Meus olhos interrogavam os olhos sombreados de Vitorino. Sua mão subia no velho gesto, o indicador batendo no médio e no ar fica o estalo. Enviava.

— Vai pras cabeças! Belisca esse homem, Meninão! — e eu beliscava, mordida, furtava, tomava, entortava, quebrava.

Vitorino era o patrão, eu ganhava, dividíamos a grana. (p. 136)

Da mesma forma, Bacanaço, em “Malagueta, Perus e Bacanaço”, tem seu percurso motivado pela avidez. O objeto da avidez é da categoria dos bens “acumuláveis” e “não-consumíveis”. São bens que se caracterizam por sua circulação interpessoal. Por isso, a natureza do programa de junção com esse objeto de valor é do tipo privação transitiva, que se pode chamar de *espoliação*. Bacanaço e Vitorino programam *tirar* de outros (“otários” e parceiros) o objeto de valor dinheiro. A questão é que esse objeto de valor “acumulável” e “não-consumível”, cuja marca é a circulação

interpessoal, pode ser tirado de outros por Bacanaço e Vitorino, mas também outros podem tirá-lo de Bacanaço e Vitorino.

O narrador de “Visita” também divaga sobre o seu passado de malandro e o modo como euforiza o mundo da malandragem se vincula principalmente à possibilidade de acumular muito dinheiro. O espaço para o acúmulo desse objeto de valor no universo da malandragem, na divagação do narrador, é amplo e aberto: “[...] eu não vivia mandado como agora, tinha sempre mais dinheiro.” (p. 110). Em outro momento de divagação: “[...]naquele tempo eu fumava cigarros estrangeiros e mandava polir as unhas. Não engolia um desaforo. Dinheiro? Eu tinha muita cabeça e era um taco de verdade. Noites de levantar quatro-cinco contos!” (p. 113).

Porém, exatamente como acontece com Vitorino e com Bacanaço, o dinheiro circula para o narrador de “Visita”. Acumula-se e dissipa-se o dinheiro. “Mas jogo é jogo e eu não nego — peguei rebordosas medonhas — não foi uma vez que deixei o salão sem dinheiro para o ônibus.” (p. 113).

Avidez e dissipação são os termos da relação de contrariedade. São paixões fora da medida, marcadas pelo excesso: no tomar e no entregar. Nos três contos sobre a sinuca, observa-se um movimento da narrativa com ações que marcam o acúmulo pela avides (de Vitorino, de Bacanaço e do narrador de “Visita”). Depois, observa-se o movimento contrário, da dissipação de todo o dinheiro acumulado, com os mesmos sujeitos narrativos. Trata-se de um movimento circular que se observa também:

- Nas três narrativas, que, no final, retomam o ponto inicial.
- Nas perambulações das personagens das narrativas, que sempre retornam ao ponto de partida.
- Nas movimentações do dinheiro, que sempre tem o início disjunto dos sujeitos, um momento intermediário conjunto dos sujeitos e volta a estar disjunto no final.

Além de olhar o mundo segundo a perspectiva dos “chamados malandros”, a principal propositura do projeto literário de João Antônio é a literatura de “corpo-a-

corpo com a vida” (1987, p. 313). Segundo ela, muito mais do que olhar ou retratar o mundo, a literatura é visceral, isto é,

Literatura de dentro para fora. Isto é pouco. Realismo crítico. É pouco. Romance-reportagem-depoimento. Ainda pouco. Pode ser tudo isso trançado, misturado, dosado, conluiado, argamassado uma coisa da outra. E será bom. Perto da mosca. A mosca — é quase certo — está no corpo-a-corpo com a vida.

Escrever é sangrar. Sempre, desde a Bíblia. Se não sangra, é escrever? (ANTÔNIO, 1987, p. 324)

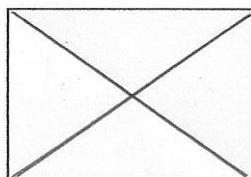
A “literatura de corpo-a-corpo com a vida” pode significar uma literatura em conjunção total com a vida. A idéia da conjunção com a vida, apesar de ser proposta no nível discursivo do texto de João Antônio, remete-nos às estruturas fundamentais do percurso gerativo do sentido. Elas podem ser configuradas em um quadrado semiótico fundamental:

Conjunção com a vida

disjunção com a vida

Vida

morte



Não disjunção com a vida

não conjunção com a vida

Não-morte

alienação

A partir dos conteúdos disseminados nos contos de João Antônio, a conjunção com a vida pode estar relacionada com a sobrevivência pura e simples, como se pode perceber nos movimentos de Malagueta. Porém, essa conjunção se manifesta também privilegiando outros aspectos ligados ao apego à vida nos percursos de:

- No caso de Meninão do Caixote, as vitórias no jogo de sinuca podem constituir seu objeto de valor, mas descobre outro objeto de valor, representado pela mãe.
- Em Bacanaço, a conjunção com a vida vai além do objeto de valor jogo de sinuca. O objeto euforizado é a vida da malandragem, como meio de acumular riquezas.

- Em Perus, a conjunção com a vida significa adquirir mais talento e malícia para jogar sinuca nos salões promissores de Vila Alpina.
- No caso do narrador de “Visita”, problematiza-se a conjunção com a vida, dirigida ora à vida da malandragem, ora à vida integrada nos padrões da sociedade.

São, como podemos notar, diferentes formas de conjunção com a vida, mas todos buscam um objeto de valor que lhes dê o sentido para a vida. Tais diferentes formas de conjunção revelam os vários núcleos de tensão que se destacam:

- Os conflitos gerados em torno da sinuca como reflexos dos confrontos da vida — comprometimento no jogo x alienação no trabalho.
- As paixões que se instauram no jogo e na vida — os núcleos da avidez e do orgulho.
- Os confrontos nos espaços da cidade — centro x periferia.

A utilização da metáfora “escrever é sangrar” justifica o projeto de literatura de corpo-a-corpo com a vida, ressaltando o movimento de dentro para fora. Seria como se dissesse que o conteúdo estaria a própria vida e a literatura a sua expressão. Um projeto apregoado dessa forma destaca o aspecto de confronto, já que a expressão “corpo-a-corpo”, na primeira acepção apresentada pelo dicionário Houaiss, é “luta física entre duas ou mais pessoas” (fonte eletrônica). Por essa acepção, a “literatura de corpo-a-corpo com a vida” ressaltaria o confronto da literatura em contato direto com a vida. Ocorre que o projeto defendido por João Antônio é uma declaração delimitada no tempo, que nasce dos questionamentos feitos pelo autor sobre esse contexto:

A maioria dos depoimentos que tenho lido me parecem testemunhos de uma época em que quase todos estão preocupados com o acessório, o complementar, o supérfluo, ficando esquecidos o fundamental, o essencial. Assim, grande parte dos escritores que depõem hoje sustenta preocupação vinculada à forma, sob a denominação de um “ismo” qualquer. Lamentável ou incrível. As posições beletristas não mudaram entre nós, sequer um milímetro, nos últimos quinze anos.” (1987, p. 315).

Portanto, trata-se de um projeto para o momento (década de 70, quando o texto-manifesto é publicado), a partir das manifestações literárias dos “últimos quinze anos”. Esse aspecto é relevante para se entender esse confronto com a vida proposto no manifesto: trata-se da vida daquela época, marcada no país pela ditadura militar. Por isso, é possível entender esse confronto com a vida como um confronto com a opressão.

Nesse confronto, o objeto euforizado pelos sujeitos dos percursos narrativos nos contos é a conjunção com a liberdade. O termo que mantém a relação de contrariedade com a liberdade, isto é que afirma a disjunção com ela, seria a opressão. Nos eixos dos termos contraditórios, teríamos: o termo que negaria a liberdade seria a integração ao sistema; o termo que negaria a opressão seria a tolerância. A relação de implicação: liberdade / tolerância seria positiva; a relação de implicação opressão / integração seria negativa.

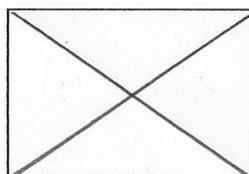
Se imaginarmos para cada termo dessa configuração um tipo de literatura que o represente, uma literatura participante (justamente a de “corpo-a-corpo com a vida” joãoantoniana) poderia estar harmonizada com a busca da liberdade; uma literatura alienada se conformaria com a manutenção da opressão; uma literatura permissiva seria coerente com a tolerância; e uma literatura de conformismo se ajustaria à ideia de integração.

O microssistema dessa configuração poderia ser representado por este quadrado semiótico:

conjunção com a liberdade

liberdade

literatura participante



Não-disjunção com a liberdade

tolerância

literatura permissiva

disjunção com a liberdade

opressão / dominação

literatura alienada

não-conjunção com a liberdade

integração

literatura de conformismo

De forma similar aos sujeitos narrativos dos contos de João Antônio, que perambulam pelas ruas da cidade e retornam ao ponto de partida, como se tivessem empreendido “uma volta pela cidade”, este estudo também, após “perambular” pelos três contos, retorna de certa forma ao ponto de partida. A primeira etapa do percurso gerativo do sentido é o nível das estruturas fundamentais, quando “uma sintaxe explica as primeiras articulações da substância semântica e das operações sobre elas efetuadas e uma semântica surge como um inventário de categorias sêmicas com representação sintagmática assegurada pela sintaxe.” (BARROS, 2001, p. 16).

No nível fundamental, é determinada a categoria mínima de sentido. Como o sentido nasce da percepção da diferença, isto é, da ruptura, tem-se a oposição entre norma ou a ordem e a sua transgressão ou a desordem. É dentro dessa linha que se pode reafirmar a oposição fundamental apresentada no quadrado semiótico da página anterior:

dominação vs liberdade

Não é de estranhar, portanto, que um projeto literário que privilegie a conjunção com a liberdade, como objeto eufórico, em oposição à dominação, como objeto disfórico, destaque essa oposição como um núcleo de conflito recorrente em muitas passagens. Desse modo, nos três contos, vamos assinalando as marcas desse confronto liberdade x dominação nas mais variadas relações interpessoais.

Em “Malagueta, Perus e Bacanaço”, a dominação explícita e agressiva do policial Silveirinha na cena de extorsão feita aos três parceiros é evidente. Em “Meninão do Caixote”, esse conflito é mais velado, mas está implícito em Meninão não poder jogar no Centro, pois seria preso. Em “Visita”, as divagações do narrador colocam o conflito mundo da malandragem (espaço da liberdade) x mundo do trabalho formal (espaço da opressão) em primeiro plano.

Aqueles ingleses do escritório deviam aturar desaforo, para saberem o que é vida. Aturar desaforos. Figurões que se agrupam, vêm para cá, moram em palacetes, aqui encontram bobos a servirem-lhes em idioma e escrita. Sou um deles. O que sei aí está — língua estrangeira para servir a estrangeiros. E ganhar seis contos por mês. Para que eu viva é preciso tanto. Se descambo para a vida do joguinho, a família rezadeira me atinge com a moral. Para os ingleses do escritório, tudo fácil, escolhido, arrumadinho, asseadinho. Ainda espiam gravatas. Ratos! (p. 120)

A oposição explícita “figurões” x “bobos” revela o conflito social na divagação do narrador. Nesse mundo do trabalho formal, da dominação, ele está entre os “bobos” que servem os patrões. No mundo da sinuca, ele seria “o cobra” enquanto os que trazem dinheiro à mesa seriam os “otários” a lhe servirem. Com esse cruzamento de imagens, talvez essa literatura projetada por João Antônio seja de “corpo-a-corpo com a vida” *no espelho*. Como diante do espelho, os valores se invertem nos universos da norma e da malandragem.

Tratando-se de sinuca, no início, a mesa verde está cheia de bolas coloridas para a partida. As bolas “perambulam” de um lado a outro, de um canto a outro, durante o jogo. No final, todas as bolas “desaparecem”, “ocultam-se” dentro das caçapas. Resta o vazio sobre a mesa. Os sujeitos narrativos dos contos são tomados também pelo mesmo sentimento de vazio, de disjunção com os objetos de valor, que “se ocultam” em outras caçapas da vida. O movimento final de retorno ao ponto de partida resulta no desencanto, fruto do fluxo discursivo no regime remissivo, que interrompe o fazer missivo, que os levava adiante, para fechá-los em ritmo desacelerado em seu espaço restrito.

Nesse vazio da mesa de sinuca, que também poderia equivaler ao vazio de sua mesa em casa, em disjunção com seus objetos de valor, o que resta aos malandros do jogo? Talvez o sonho, como lembra Lombardo em sua dissertação *O malandro em textos de João Antônio* (1993). Realmente, os malandros de João Antônio recorrem sempre aos sonhos. O narrador de “Visita” sonha que se vê de volta às grandes partidas, em parceria com Carlinhos, mas desperta do sonho com a bola branca caindo. O menino Perus sonha com as partidas caras de Vila Alpina. Bacanaço sonha em conseguir mulher que lhe renda mais. Malagueta só quer levar de volta para casa um saco de comida. Lombardo resume: “Um mundo sem grandes perspectivas, alimentado pelo sonho.” (1993, p. 1022). Para jogadores, como Malagueta, Perus e Bacanaço, haveria alternativa para o sonho? Talvez pedir um café fiado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, João. (1987) *Malagueta, Perus e Bacanaço e Malhação do Judas carioca*. São Paulo: Clube do Livro, 1987.

_____. (2004) *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 4. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify.

_____. (2007) *Leão-de-chácara*. 3. reimpr. São Paulo: Cosac Naify.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. (1989-1990) Paixões e apaixonados. In: *Cruzeiro Semiótico*, 11-12, p.60-73. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica.

_____. (2001) *Teoria do discurso*. Fundamentos semióticos. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. (2007). *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática.

BENJAMIN, Walter. (1989) *Obras escolhidas. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (v. 3). São Paulo: Brasiliense.

BERTRAND, Denis. (2003) *Caminhos da semiótica literária*. Bauru-SP: EDUSC.

CANDIDO, Antonio. (1993) Dialética da malandragem. In _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades

FIORIN, José Luiz. (1992) Algumas considerações sobre o medo e a vergonha. In: *Cruzeiro Semiótico*, 16, p. 55-63. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica, 1992.

_____. (2005) *Elementos de análise do discurso*. 13. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto.

GREIMAS, Algirdas Julien. (1973) *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix.

_____. (1983) *Du sens II: Éssais sémiotiques*. Paris, Seul.

_____. (2002) *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker.

_____ e COURTÉS, Joseph. (s.d.) *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix.

_____ e FONTAINILLE, J. (1993) *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. (1999) *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo: Humanitas.

_____. (2001) Vergonha, orgulho e honra nos contos de Margaret Atwood In *Claritas*, São Paulo, v. 7, p.09-31, 2001.

_____ e LA TAILLE, Yves de. (2004) Construção ética e moral de si mesmo. In SOUZA, M. T. Coelho de (org.) *Os sentidos da construção: o si mesmo e o mundo*. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, v. 1, p. 69-101.

HUIZINGA, Johan. (2006) *Homo ludens*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva.

LANDOWSKI, Eric. (2002). *Presenças do outro – Ensaio de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva.

LACERDA, Rodrigo. (2005) Apresentando João Antônio. In: _____. *João Antônio: Uma biografia literária*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LOMBARDO, Edison Luiz. (1993) *O malandro em textos de João Antônio*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras, da UNESP – Campus de Araraquara, 1993.

MACÊDO, Tania. Malandros e merdunchos. (2007) In: ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. 3. reimpr. São Paulo: Cosac Naify.

MARTIN, Vima Lia. **Literatura e marginalidade**: um estudo sobre João Antônio e Luandino Vieira. São Paulo: Alameda, 2008.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de e PEREIRA, Jane Christina. João Antônio, esteta do popular. In: *Ciênc.let.*, Porto Alegre, n. 34, p. 143-150, jul/dez. 2003.
Disponível em: <http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista34/art12.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2009.

PEREIRA, Jane Christina. (2006) *A poesia de Malagueta, Perus e Bacanaço*. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, da UNESP – Campus de Assis, 2006.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. (2004) *Semiótica visual*. São Paulo: Contexto.

_____. (2008) *Tópicos de semiótica: modelos teóricos e aplicações*. São Paulo: Annablume.

_____. (2009) *Análise textual da história em quadrinhos: uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê*. São Paulo: Annablume.

RIO, João do. (2007) *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Martin Claret.

ROSA, Maria Eneida Matos da. (2008) *O malandro brasileiro: do lirismo ao rancor*. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVA, Mylton Severiano da. (2005) *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Ed. Casa Amarela.

TATIT, Luiz. (2006) Abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à lingüística – I. Objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto.

ZILBERBERG, Claude. (2006) *Razão e poética do sentido*. São Paulo: Ed. da USP.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMOSSY, Ruth (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BARROS, Diana L. P. de e FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.

BEIVIDAS, Waldir. *Inconsciente et verbum*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1976.

CORTELLA, Mário Sérgio e LA TAILLE, Yves de. *Nos labirintos da moral*. Campinas: Papirus, 2005.

CORTINA, Arnaldo e MARCHEZAN, Renata Coelho (orgs.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2004.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

FLOCH, Jean-Marie. *Sémiotique et marketing: sous les signes, les stratégies*. Paris: PUF, 1990.

_____. *Identités visuelles*. Paris: PUF, 1995.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____ e ZILBERBERG, Claude *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 14. Ed. Petrópolis, Vozes.

GREIMAS, A. J. . *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____ (org.). *Ensaio de semiótica poética*. São Paulo: Cultrix; Editora da USP, 1976.

_____ e COURTÉS, Joseph. *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*. Paris: Hachette, 1986.

HÉNAULT, Anne. *Le pouvoir comme passion*. Paris: PUF, 1994. Coléction Formes Sémiotiques.

HJELMSLEV, Luís. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____. *Ensaio lingüísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

LANDOWSKI, E. *Les interactions risquées*, Limoges: Pulim, 2006.

_____ e OLIVEIRA, Ana Cláudia. *Do inteligível ao sensível*. São Paulo: EDUC, 1995.

_____ e FIORIN, José Luiz. *O gosto da gente, o gosto das coisas*. São Paulo: EDUC, 1997.

_____; DORRA, Raul e OLIVEIRA, Ana Cláudia. *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC/ Puebla, UAP, 1999.

LOPES, Ivã Carlos e HERNANDES, Nilton. *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005.

_____. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PROPP, Vladimir. *A morfologia do conto*. Lisboa: Veja, 1983.

RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance : trois études*. Paris: Stock, 2004.

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *Musicando a Semiótica. Ensaio*. São Paulo: AnnaBlume, 1997.

ANEXOS

A — “MENINÃO DO CAIXOTE”

B — “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO”

C — “VISITA”

ANEXO A – “MENINÃO DO CAIXOTE”

Fui o fim de Vitorino. Sem Meninão do Caixote, Vitorino não se agüentava.

Taco velho quando piora, se entreva duma vez. Tropicava nas tacadas, deu-lhe uma onda de azar, deu para jogar em cavalos. Não deu sorte, só perdeu, decaiu, se estrepou. Deu também para a maconha, mas a erva deu cadeia. Pegava xadrez, saía, voltava ...

E assim, o corpo magro de Vitorino foi rodando São Paulo inteirinho, foi sumindo. Terminou como tantos outros, curtindo fome quietamente nos bancos dos salões e nos botecos.

Na rua vazia, calada, molhada, só chuva sem jeito; nem bola, nem jogo, nem Duda, nem nada.

Quando papai partiu no G.M.C., apertei meu nariz contra o vidro da janela, fiquei pensando nas coisas boas de Vila Mariana. Eram muito boas as coisas de Vila Mariana. Carrinho de rodas de ferro (carrinho de rolemã, como a gente dizia), pelada todas as tardes, papai me levava no caminhão... E eu mais Duda íamos nadar todos os dias na lagoa da estrada de ferro. Todos os dias, eu mais Duda.

A gente em casa apanhava, que nossas mães não eram sopa e com mãe havia sempre uma complicação. A camisa meio molhada, os cabelos voltavam encharcados, difícil disfarçar e a gente acabava apanhando. Apanhava, apanhava, mas valia. Puxa vida! A gente tirava a roupa inteirinha, trepava no barranco e "tchibum" - baque gostoso do corpo na água. Caía aqui, saía lá,

125

quatro-cinco metros adiante. Ô gostosura que era a gente debaixo da água num mergulhão demorado!

Agora, na Lapa, numa rua sem graça, papai viajando no seu caminhão, na casa vazia só os pés de mamãe pedalavam na máquina de costura até a noite chegar. E a nova professora do grupo da Lapa? Mandava a gente à pedra, baixava os olhos num livro sobre a mesa. Como eu não soubesse, o tempo escorria mudo, ela erguia os olhos do livro, mandava-me sentar. Eu suspirava de alívio.

É. Mas não havia acabado não. À saída, naquele meu quinto ano, ela me passava o bilhete, que eu passaria a mamãe.

— Trazer assinado.

Coisas horríveis no bilhete, surra em casa.

Se Duda estivesse comigo eu não estaria bobeando, olhando a chuva. A gente arrumaria uns botões, eu puxaria o tapete da sala, armaria as traves. Duda, aquele meu primo, é que era meu. Capaz de fazer trinta partidas, perder as trinta e não havia nada. Nem raiva, nem nada. Cocava a cabeça, saía para outra, a gente se entendia e recomeçava. Às vezes, até sorria:

— Você está jogando muito.

Mas agora a chuva caía e os botões, guardados na gaveta da cômoda, apenas lembravam que Duda ficara em Vila Mariana. Agora a Lapa, tão chata, que é que tinha a Lapa? E exatamente numa rua daquelas, rua de terra, estreita e sempre vazia. Havia também uma professora que lia o seu livro e me esquecia abobalhado à frente da lousa. Depois... O bilhete e a surra. É. Bilhete

126

para minha mãe me bater, castigo, surra, surra. E papai que viajava no seu caminhão, e quando viajava se demorava dois-três meses.

Era um caminhão, que caminhão! Um G.M.C. novo, enorme, azul, roncava mesmo. E a carroceria era um tanque para transportar óleo. Não era caminhão simples não. Era carro-tanque e G.M.C. Eu sabia muito bem - ia e voltava transportando óleo para a cidade de Patos, na Paraíba. Outra coisa - Paraíba, capital João Pessoa, papai sempre me dizia.

Mamãe não gostava daquele jeito de papai, jeito de moço folgado, que sai e fica fora o tempo que bem entende. Também não gostava que ele me fizesse todos os gostos, pois, estes ele fazia mesmo. Era só pedir. Papai vivia de brincadeira e de caçoadas quando estava em casa, e eu o ajudava a caçar de mamãe, do que ele muito gostava. Mamãe ia agüentando, agüentando, com aquele jeito calmo que tinha. Acabava sempre estourando, perdia a resignação de criatura pequena, baixinha, botava a boca nó mundo:

— Dois palermas! Não sei o que ficam fazendo em casa.

Papai virava-se, achava mais divertido. E sorríamos os dois.

— Ora, o quê! Pajeando a madame.

Eu achava tão engraçado, me assanhava em liberdades não dadas.

— Exatamente.

Então, o chinelo voava. Eu apanhava e papai ficava sério e saía. Ia ver o caminhão, ia ao bar tomar cerveja, conversar, qualquer coisa. Naquele dia não falava mais nem com ela, nem comigo.

127

Lá em Vila Mariana ouvi uma vez, da boca de uma vizinha, que mamãe era meio velha para ele e era até meio feia. Velha, podia ser. Feia, não. Tinha um corpo pequeno, era baixinha, mas não era feia.

Bem. O que interessa é que papai tinha um G.M.C., um carro-tanque G.M.C., e que enfiava o boné de couro, ajeitava-se no volante e saía por estas estradas roncando como só ele.

Mas agora era a Lapa, não havia Duda, havia era chuva na rua feia e papai estava fora. Lá na cidade de Patos, tão longe de São Paulo ... Lá num ponto pequenino, quase fechando na curva do mapa.

— Menino, vai buscar o leite.

Pararam os pés no pedal, parei o passeio do dedo na cartografia, as pernas jogadas no soalho, barriga no chão, onde estirado eu pensava num G.M.C. carro-tanque e no boné de couro de papai. Ergui-me, limpei o pó da calça. Uma preguiça...

— Mas está chovendo...

Veio uma repreensão incisiva. Mamãe nervosa comigo, por que sempre nervosa? Quando papai não estava, os nervos de mamãe ferviam. Tão boa sem aqueles nervos ... Sem eles não era preciso que eu ficasse encabulado, medroso, evitando irritá-la mais ainda, catando as palavras, delicado, Tateando. Ficava boçal, como quando ia limpar a fruteira de vidro da sala de jantar, aquele medo de melindrar, estragar o que estava inteiro e se faltasse um pedaço já não prestaria mais.

Peguei o litro e saí.

128

Na rua brinquei, com a lama brinquei. O tênis pisava na água, pisava no barro, pisava na água, pisava no barro, pisava na água, pisava no barro, pisava ...

— Dá um litro de leite.

A dona disse que não tinha. Risinho besta me veio aos lábios, porque naquelas ocasiões papai diria: "E fumo em corda não tem?".

O remédio era ir buscar ao Bar Paulistinha, onde eu nunca havia entrado. Quando entrei, a chuvinha renitente engrossou, trovão, trovão, um traço rápido cor de ouro lá no céu. O céu ficou parecendo uma casca rachada. E chuva que Deus mandava.

— Essa não!

Fiquei preso ao Bar Paulistinha. Lá fora, era vento que varria. Vento varrendo chão, portas, tudo. Sacudiu a marca do ponto do ônibus, levantou saias, papéis, um homem ficou sem chapéu. Gente correu para dentro do bar.

— Entra, entra!

O dono do bar convidava com o ferro na mão. Depois desceu as portas, bar cheio, os luminosos se acenderam, xícaras retinindo café quente, cigarros, conversas sobre a chuva.

No Paulistinha havia sinuca e só então eu notei. Pedi uma beirada no banco em volta da mesa, ajeitei o litro de leite entre as pernas.

— Posso espiar um pouco?

Um homem feio, muito branco, mas amarelado ou esbranquiçado, eu não discernia, um homem de chapéu e de olhos

sombreados, os olhos lá no fundada cara, braços finos, tão finos, se chegou para o canto e largou um sorriso aberto:

— Mas é claro, garotão!

Fiquei sem graça. Para mim, moleque afeito às surras, aos xingamentos leves e pesados que um moleque recebe, aquela amabilidade me pareceu muita.

O homem dos olhos sombreados, sujeito muito feio, que sujeito mais feio! No seu perfil de homem de pernas cruzadas, a calça ensebada, a barba raspada, o chapéu novo, pequeno, vistoso, a magreza completa. Magreza no rosto cavado, na pele amarela, nos braços tão finos. Tão finos que pareciam os meus, que eram de menino. E magreza até no contorno do joelho que meus olhos adivinhavam debaixo da calça surrada.

Seus olhos iam na pressa das bolas na mesa, onde ruídos secos se batiam e cores se multiplicavam, se encontravam e se largavam, combinadamente. A cabeça do homem ia e vinha. Quando em quando, a mão viajava até o queixo, parava. Então, seguindo a jogada, um deboche nos beiços brancos ou uma aprovação nos dedos finos, que se alongavam e subiam.

— Larga a brasa, rapaz!

A mão subia, o indicador batia no médio e no ar ficava o estalo.

Aquela fala diferente mandava como nunca vi. Picou-me aquela fala. Um interesse pontudo pelo homem dos olhos sombreados. Pontudo, definitivo. O que fariam os dedos tão finos e feios?

— Larga a brasa, rapaz!

Quando o jogo acabou o homem estava numa indignação que metia medo. Deu com o dedo na pala e se levantou.

— Parei com este jogo!

Eu já não entendia - aquilo se jogava a dinheiro. Bem. E por que ele dava o dinheiro se não havia jogado?

— Ô Vitorino, você quer café?

Um outro que o chamava, com o mesmo jeito na fala.

Vitorino. Para mim, o nome era igualzinho à pessoa. Duas coisas nunca vistas e muito originais. O homem dos olhos sombreados sorriu aberto. A indignação foi embora nos dentes pretos de fumo. O homem na sua fala sorriu e foi para o companheiro que o chamava, lá da ponta do balcão. Falou como se fizesse uma arte:

— Ô adivinhão!

Um prédio velho da Lapa-de-baixo, imundo, descorado, junto dos trilhos do bonde. À entrada ficavam tipos vadios, de ordinário discutindo jogo, futebol e pernas que passavam. Pipoqueiro, jornalista, o bulício da estrada de ferro. A entrada era de um bar como os outros. Depois o balcão, a prateleira de frutas, as cortinas. Depois das cortinas, a boca do inferno ou bigorna, gramado, campo, salão ... Era isso o Paulistinha.

As tardes e os domingos no canto do banco espiando a sinuca. Ali, ficar quieto, no meu canto, como era bom!

Partidas baratas e partidas caras. Funcionavam supetões, palpitações e suor frio. Sorrisos quietos, homens secos, amarelos, pescoços de galinha, olhos fundos nas caras magras. Aqueles não dormiam, nem comiam. E o dinheiro na caçapa parecia vibrar também, como o taco, como o giz, como os homens que ali vibravam. Picardia, safadeza, marmeladas também. O jogo enganando torcidas para coleta das apostas.

Vitorino era o dono da bola. Um cobra. O jeito camarada ou abespinhado de Vitorino, chapéu, voz, bossa, mãos, seus olhos frios medidores. O máximo, Vitorino. No taco e na picardia.

Saía, fazia que ia brincar. Ficava lá no meu canto, procurando compreender. Os homens brincavam:

— Ô menino!

Eu sorria, como que recompensado. Aquele dera pela minha presença. Um outro virava-se:

— Ô menino, você está aí?

Menino, menino, meu nome ficou sendo Menino.

Os pés de mamãe na máquina de costura não paravam.

Para mim, Vitorino abria uma dimensão nova. As mesas. O verde das mesas, onde passeava sempre, estava em todas, a dolorosa branca, bola que cai e castiga, pois, o castigo vem a cavalo.

Para mim, moleque fantasiando coisas na cabeça ...

Um dia peguei no taco.

Joguei, joguei muito, levado pela mão de Vitorino, joguei demais.

Porque Vitorino era um bárbaro, o maior taco da Lapa e uma das maiores bossas de São Paulo. Quando nos topamos Vitorino era um taco. Um cobra. E para mim, menino que jogava sem medo, porque era um menino e não tinha medo, o que tinha era muito jeito, Vitorino ensinava tudo, não escondia nada.

Só joguei em bilhares suburbanos onde a polícia não batia, porque era um menino. Mas minha fama correu, tive parceirinhos que vinham, vinham de muito longe à Lapa para me ver. Viam e se encabulavam. E depois carregavam nas apostas. Fama de menino-absurdo, de máximo, de atirador, de bárbaro. Eu jogando, as apostas corriam, as apostas cresciam, as apostas dobravam em torno da mesa. E os salões se enchiam de curiosos humildes, quietos, com os olhos nas bolas. Era um menino, jogava sem medo.

Eu era baixinho como mamãe. Por isso, para as tacadas longas era preciso um calço. Pois havia. Era um caixote de leite condensado que Vitorino arrumou. Alcançando altura para as tacadas, eu via a mesa de outro jeito, eu ganhava uma visão! Porque não se mostrasse, meu jogo iludia, confundia, desnor-teava. Muitos não acreditavam nele. Também por isso rendia ... E desenvolvia um jogo que enervava um santo. Jogo atirado, incisivo, de quem emboca, emboca, mas o jogo não aparece no começo. Vai aparecer no fim da partida, depois da bola três,

133

quando não há mais jeito para o adversário. As apostas contrárias iam por água abaixo.

Porque me trepasse num caixote e porque já me chamassem Meninão ...

Meninão do Caixote ... Este nome corre as sinucas da baixa malandragem, corre Lapa, Vila Ipojuca, corre Vila Leopoldina, chega a Pinheiros, vai ao Tucuruvi, chegou até Osasco. Ia indo, ia indo. Por onde eu passava, meu nome ficava. Um galinho de briga, no qual muitos apostavam, porque eu jogava, ia lá ao fogo do jogo e trazia o dinheiro.

Lá ia eu, Meninão do Caixote, um galinho de briga. Um menino, não tinha quinze anos.

Crescia, crescia o meu jogo no tamanho novo do meu nome.

Tacos considerados vinham me ver, vinham de longe, namoravam a mesa, conversavam comigo, passavam horas espiando o meu jogo. Eu sabia que me estudavam, para depois virem. Viessem ... Eu andava certo como um relógio. Não me afobava, Vitorino me ensinou. A gente joga para a gente, a assistência que se amole. E meu jogo nem era bonito, nem era estiloso, que eu jogava para mim e para Vitorino. O caixote arrastado para ali, para além, para as beiradas da mesa.

Minha vida ferveu. Ambientes, ambientes do joguinho. No fundo, todos os mesmos e os dias também iguais. Meus olhos nas coisas. O trouxa, a marmelada, o inveterado, traição, traição.

134

Ô Deus, como... por que é que certos tipos se metiam a jogar o joguinho? Meus olhos se entristeciam, meus olhos gozavam. Mas havendo entusiasmo, minha vida ferveu. Conheci vadios e vadias. Dei-me com toda a canalha. Aos catorze, num cortiço da Lapa-de-baixo conheci a primeira mina. Mulatinha, empregadinha, quente. Ela gostava da minha charla, a gente se entendia. Eu me lembro muito bem. Às quintas-feiras, quatro pancadas secas na porta. Duas a duas.

Na sinuca, Vitorino e eu, duas forças. Nas rodas do joguinho, nas curriolas, apareceu uma frase de peso, que tudo dizia e muito me considerava.

— Este cara tá embocando que nem Meninão do Caixote!

Combati, topei paradas duras. Combati com Narciso, com Toniquinho, Quaresmão, Zé da Lua, Piauí, Tiririca (até com Tiririca!), Manecão, Taquara, com os maiores tacos do tempo, nas piores mesas de subúrbio, combati e ganhei. Certeza? Uma coisa ia comigo, uma calma, não sei. Eles berravam, xingavam, cantavam, eu não. Preso às bolas, só às bolas. Ia lá e ganhava.

Umas coisas já me desgostavam.

Jogava escondido, está claro. Brigas em casa, choro de mamãe. Eu não levantava a crista não. Até baixava a cabeça.

— Sim senhora.

Mas a malandragem continuava, eu ia escorregando difícil, matando aulas, pingando safadezas. O colégio me enfarava, era

isto. Não conseguia prender um pensamento, dando de olhos nos companheiros entretidos com latim e matemática.

— Cambada de trouxas!

Dureza, aquela vida: menino que estuda, que volta à casa todos os dias e que tem papai e tem mamãe. Também não era bom ser Meninão do Caixote, dias largado nas mesas da boca do inferno, considerado, bajulado, mandão, cobra. Mas abastecendo meio mundo e comendo sanduíche, que sinuca é ambiente da maior exploração. Dava dinheiro a muito vadio, era a estia, gratificação que o ganhador dá. Dá por dar, depois do jogo. Acontece que quem não dá, acaba mal. Não custa à curriola atracar a gente lá fora.

Vitorino era meu patrão. Patroou partidas caríssimas, partidas de quinhentos mil réis. Naquele tempo, quinhentos mil réis. Punha-me o dinheiro na mão, mandava-me jogar. Fechava os olhos que o jogo era meu. E era.

— Vai firme!

Às vezes, jogo é jogo, a vantagem do adversário era enorme. E havia três bolas na mesa. Apenas. O cinco, o seis e o sete. Meus olhos interrogavam os olhos sombreados de Vitorino. Sua mão subia no velho gesto, o indicador batendo no médio e no ar ficava o estalo. Enviava:

— Vai pras cabeças! Belisca esse homem, Meninão! — e eu beliscava, mordida, furtava, tomava, entortava, quebrava.

Vitorino era o patrão, eu ganhava, dividíamos a grana.

Aquilo. Aquilo me desgostava. Ô divisão cheia de sócios, de nomes, de mãos a pegarem no meu dinheiro!

Por exemplo: ganhava um conto de reis. Dividia com Vitorino, só me sobravam quinhentos. Pagava tempo e despesas, já eram só quatrocentos. Dava estia ao adversário: lá se iam mais dez por cento - só me sobravam trezentos. Dez por cento sobre um conto. Dava mais alguma estia... Ganhava um conto de reis, ficava só com duzentos.

Estava era sustentando uma cambada, sustentando Vitorino, seus camaradas, suas minas, seus...

—Um dia mando tudo pra casa do diabo.

Não mandava ninguém. Vitorino trocava as bolas, mexia os pauzinhos, fazia negaça, eu aceitava a sua charla macia.

Uma vez, quebrando Zé da Lua, jogador fino, malandro perigoso da caixeta, do baralho e da sinuca, eu ouvi esta, depois de ganhar dois contos:

— Meu, neste jogo não tem malandro.

E eu ia aprendendo - o joguinho castiga por princípio, castiga sempre, na ida e na vinda o jogo castiga. Ganhar ou perder, tanto faz.

Tinha juízo aquele Zé da Lua.

O jogo acabava, eu pegava os duzentos mil réis, tocava para casa. Ia murcho. Haveria briga com mamãe.

Jogo e minas.

E papai estando fora, eu já fazia madrugada, resvalando, sorrateiro. Eu evolui um truque para a janela do' meu quarto

em noite alta eu chegando. Meter o ferro enviesado, por fora; destravar o fecho vertical...

Mamãe me via chegar, e às vezes, fingia não ver. Depois, de mansinho, eu me deitava. E depois vinha ela e eu fingia dormir. Ela sabia que eu não estava dormindo. Mas mamãe me ajeitava as cobertas e aquilo bulia comigo. Porque ia para o seu canto, chorosa.

Mamãe, coitadinha.

Larguei uma, larguei duas, larguei muitas vezes o joguinho.

Entrava nos eixos. No colégio melhorava, tornava-me outro, me ajustava ao meu nome.

Vitorino arrumava um jogo bom, me vinha buscar. Eu desguiando, desguiando, resistia. Ele dando em cima. Se papai estava fora, eu acabava na mesa. Tornava à mesa com fome das bolas, e era uma piranha, um relógio, um bárbaro. Jogando como sabia.

Essas reaparições viravam boato, corriam os salões, exageravam um Meninão do Caixote como nunca fui.

Vitorino, traquejado. Começava a exploração. Eu caía, por princípio; depois explodia, socava a mesa:

— Este joguinho de graça é caro!

Fechava a mão, batia e jurava em cima da mesa.

Mamãe readquiria seu jeito quieto, criatura miúda. Os pés pequenos voltavam a pedalar descansados.

Tiririca, o grande Tiririca, elas por elas, era quase taco invicto antes do meu surgimento. E não parava jogo perdendo, empenhava o relógio, anel, empenhava o chapéu, mas o jogo não parava. Ficava fervendo, uma raiva presa, que o deixava furo, branco, furta-cor... Os parceirinhos gozavam à boca pequena.

— O bicho tá tiririca.

Ficou se chamando Tiririca.

Mas era um grande taco. Perdendo é que era grande. Mineiro, mulato, teimoso, tanta manha, quanta fibra. Um brigador. Um dos poucos que conheci com um estilo de jogo. Bonito, com puxadas, com efeitos, com um domínio da branca! Classe. Joguinho certo, ô batida de relógio, aparato, fantasia, cadência, combinação, ô tacada de feliz acabamento! A sua força eram as forras. Os revides em grande estilo. Porque para Tiririca tanto fazia jogar uma hora, doze horas ou dois dias. O homem ficava verde na mesa, curtiã sono e curtiã fome, mas não dava o gosto.

— O jogo é jogado, meu.

Levava a melhor vida. Vadiava, viajava, tinha patrões caros, consideração dos policiais. E se o jogo minguava, Tiririca largava o taco e torcia o nariz com orgulho:

— Eu tenho meus bons ofícios.

La trabalhar como poceiro.

Bem. Tiririca se encabulou comigo, estrebuchou, rebolou comigo durante sete horas e perdeu. Tudo. Empenhou o paletó por cinqüenta mil réis e perdeu.

— Esse moleque não é Deus!

139

Bem. Voltava agora, com a sede e o dinheiro, exigindo o reencontro, prometendo me estraçalhar.

— Quero a forra.

Vitorino me buscou. Eu não queria mais nada.

Do lado de lá da rua, em frente ao colégio, Vitorino estava parado. Passavam ônibus, crianças, passavam mulheres, bondes, Vitorino ficava. Dois meses sem vê-lo e ele era o mesmo. Eu lhe explicaria bem devagar que não queria mais nada com o joguinho. As coisas passavam de novo, Vitorino ficava. Ficava, ficava. Seu chapéu, suas mãos, sua camisa sem gravata. Magro, encardido, trapo, caricatura. Desguiei, busquei um modo:

— Não dá pé.

Vitorino cortou com um agrado rasgado. Como escapar àquele raio de simpatia e à fala camarada? Vitorino tinha uma bossa que não acabava mais! Afinal, cedi para bater um papo. Afinal, entre tacos ...

— Nêgo, não dá pé.

Tiririca. A conversa já mudou. O malandro em São Paulo, querendo jogo comigo, aquilo me envaidecia ... Tiririca me procurando.

Mas caí no meu tamanho, afrouxei, quase três meses sem pegar no taco, fora de forma, uma barata tonta, não daria mais nada.

— Que nada, meu!

Tiririca era um perigoso. Deveria estar tinindo.

— Mas você é a força!

Vitorino já me conhecia, agüentava, agüentava. Até que eu:

140

— Pois vou!

Ele se abriu no macio rebolado:

— Aí, meu Meninão do Caixote!

Era um domingo.

Dia claro, intenso, desses dias de outubro. Um sol... Desses dias de São Paulo, que ninguém precisa dizer que é domingo. Inesperados, dadivosos, e no entanto, malucos - costumam virar duma hora para outra.

O último jogo. O jogo era em Vila Leopoldina, que assim marcou Tiririca. No ônibus uma coisa ia comigo. Era o último, perdesse ou ganhasse. Bem falando, eu não queria nem jogar, ia só tirar uma cisma, quebrar Tiririca duma vez, acabar com a conversa. Não por mim, que eu não queria jogo. Mas pelo gosto de Vitorino, da curriola, não sabia. Saltei na rua de terra.

Ninguém precisava dizer que aquilo era um domingo...

— Ô Meninão do Caixote!

Na manhã quente, um que me saudava. Cobra já conhecido e muito considerado, eu encontrava nos bilhares, amigos de muitos lados.

Prometera voltar em casa para o almoço. Claro que voltaria. Tiririca era duro, eu sabia. Deixá-lo. Eu lhe quebraria a fibra. Fibra, orgulho, teima, eu mandaria tudo para a casa do diabo. Já havia mandado uma vez...

141

A curriola estava formada quando o jogo começou.

O salão se povoou, se encheu, ferveu. Gente por todo o canto, assim era quando eu jogava e os homens carregavam apostas entre si. O dono do bar me sorria, vinha trazer o giz americano, vinha me adular. Eu cobra, mandão. As mãos de Vitorino atiçavam.

— Larga a brasa, Meninão! Dá-lhe, Meninão! Vamos deixar esse cara duro, durinho. De pernas pro ar!

Desacatos fazem parte da picardia do jogo. E na encabulação e no desacato Vitorino era professor.

Mas Tiririca estava terrível. Afiado, comendo as bolas, embocando tudo, naquele domingo estava terrível. Contudo, na sinuca eu trazia uma coisa comigo. Mais jogasse o parceirinho, mais eu jogaria. Uma vontade desesperada me crescia, me tomava por inteiro e eu me aferrava. Jogava o jogo. Suor, apertava os beijos e me atirava. Não queria saber de mais nada. Então, era um relógio, um bárbaro no fogo do jogo, não havia mais taco para mim. E se o jogo era mole eu também me afrouxava.

Tiririca era um sujeito de muito juízo. Mas na velha picardia, eu lhe fui mostrando aos poucos os meus dentes de piranha. E quando o mulato quis embalar o jogo a linha de frente era minha.

Uma e meia no relógio do bar e eu pensei em mamãe. Ali, rodando a mesa, o caixote para aqui, para ali, como as horas voavam!

142

Começamos, por fim, as partidas de um conto.

Fui ao mictório, urinei, lavei a cara. Lavando aos poucos, molhando as pálpebras, deixando a água escorrer. Pensei com esperança em liquidar logo aquele jogo; mamãe estaria esperando.

Voltei, ajeitei o caixote. A curriola me olhava. Assim, sempre assim, os olhos abotoados na gente, tudo para enervar. Raiva daquele jogo não acabar duma vez. Passei giz americano no taco.

— A saída é minha.

Como aquilo se prolongava e como era dolorido! Ganhei uma, ganhei duas, Tiririca estava danado.

— Vai a dois contos! Se eu perder, paro o jogo.

Tiririca parar o jogo? Parava nada, aquele não parava. Perdia as cuecas, perdia os cabelos, mas o jogo não parava.

No entanto, daquela mão, o mineiro já estava quebrado, sem nada, quebradinho. Arriscando os últimos. Vitorino sério, firme, de pé, era muito dinheiro numa partida. E se o jogo virasse?... A força de Tiririca eram as forras.

Suspirei, alívio, suor frio, luz da esperança. Luz da certeza, que o jogo era meu! Estourei num entusiasmo bruto, que a curriola se espantou. Minha mão se fechou no ar e o indicador quase espetava o peito de Tiririca.

— Vou te quebrar, moço. Vou te roubar depressinha!

O mineiro dissimulava a raiva:

— O jogo é jogado...

Puxei o caixote, ajeitei, giz no taco, bastante giz, giz americano, do bom. E saí pela bola cinco!

143

Uma saída maluca, Vitorino reprovou. Mas o cinco caiu. Vitorino suspirou:

— Que bola!

A curriola se assanhou, cochichos, apostas se dobravam. Elogiado, embalado, joguei o jogo. Joguei o máximo, na batida em que ia, Tiririca nem teria tempo de jogar, que eu ia fechar o jogo, acabar com as bolas. Ia cantando os pontos:

— Vinte e seis.

A curriola estava boba. O dono do bar parado, na mão um litro vazio de boca para baixo. Vitorino saltou da cadeira, açambarcou todas as alegrias do salão, virou o dono da festa. Numa agitação de criança, erguia o braço magrelo.

— Este bichinho se chama Meninão do Caixote!

Tiririca estatelado, escorava-se ao taco. Batido, batidinho. Uma súplica nos olhos do malandro, quando a bola era lenta e apenas deslizava mansinha, no pano verde. Tiririca perdia a linha:

— Não cai, morfética!

A bola caía. Eu ia embocando e cantando:

— Setenta e um...

Duas bolas na mesa - o seis e o sete. Dei de olhos na colocação da branca, nas caçapas, nas tabelas, e me atirei. Duas vezes meti o seis e o sete meti duas vezes. Fechei a partida com noventa pontos; foram vinte minutos embocando bolas, um bárbaro, embocando, contando pontos e Tiririca não teve chance. Ali, parado, olhando, o taco na mão.

144

O jogo acabou. Primeiras discussões em torno da mesa, gabos, trocas de dinheiro.

Vinha chorosa de fazer dó. Mamãe surgindo na cortina verde, vinha miudinha, encolhida, trazendo uma marmita. Não disse uma palavra, me pôs a marmita na mão.

— O seu almoço.

Um frio nas pernas, uma necessidade enorme de me sentar. E uma coisa me crescendo na garganta, crescendo, a boca não agüentava mais, senti que não agüentava. Ninguém no meu lugar agüentaria mais. Ia chorar, não tinha jeito.

— Que é? Que é isso? Ô Meninão!

Assim me falavam e ao de leve, por trás, me apertavam os braços. Se foi Vitorino, se foi Tiririca, não sei. Encolhi-me.

O choro já serenando, baixo, sem os soluços. Mas era preciso limpar os olhos para ver as coisas direito. Pensei, um infinito de coisas batucaram na cabeça. As grandes paradas, dois anos de taco, Taquara, Narciso, Zé da Lua, Piauí, Tiririca... Tacos, tacos. Todos batidos por mim. E agora, mamãe me trazendo almoço... Eu ganhava aquilo? Um braço me puxou.

— Me deixa.

Falei baixo, mais para mim do que para eles. Não ia mais pegar no taco. Tivessem paciência. Mas agora eu estava jurando por Deus.

Larguei as coisas e fui saindo. Passei a cortina, num passo arrastado. Depois a rua. Mamãe ia lá em cima. Ninguém precisava dizer que aquilo era um domingo... Havia namoros, havia

145

vozes e havia brinquedos na rua, mas eu não olhava. Apertei meu passo, apertei, apertando, chispei. Ia quase chegando.

Nossas mãos se acharam. Nós nos olhamos, não dissemos nada. E fomos subindo a rua.

146

ANEXO B – “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO”

LAPA

O engraxate batucou na caixa mostrando que era o fim.

Bacanaço se levantou, estirou uma nota ao menino. Os olhos dançaram no brilho dos sapatos, foram para as cortinas verdes.

Vestido de branco, com macio rebolado, Bacanaço se chegou:

— Olá, meu parceirinho! Está a jogo ou está a passeio?

O menino Perus encolheu-se no blusão de couro. Os dedos de Bacanaço indo, vindo, atiçando. Desafiavam.

— Está a jogo ou a passeio?

Calado. O anelão luzia no dedo do outro e o apequenava, largava-o de olhos baixos, desenxabido. O menino Perus chutou para longe uma ponta de cigarro, arriou no banco lateral. Três dedos enfiaram-se nos cabelos.

— Que nada! Tou quebrado, meu — os dedos voltaram a descansar nos joelhos.

Avistavam-se todas as tardes, acordados há pouco ou apenas mal dormidos. Dois tacos conhecidos e um amigo do outro não pretendem desacato sério. Os desafios goram, desembocam num bom entendimento. Perus e Bacanaço, de ordinário, acabavam

149

sócios e partiam. Então, conluiados, nem queriam saber se estavam certos ou errados. Funcionavam como parilha fortíssima, como bárbaros, como relógios. Piranhas. Lapa, Pompéia, Pinheiros, Água Branca... Ou em qualquer muquinfo por aí, porque todo muquinfo é muquinfo, quando se joga o joguinho e se está com a fome. Negaça, marmelo, trapaça, quando iam os dois. Um, o martelo; o outro era o cabo.

Mas se cumprimentavam aos palavrões. Quando se topavam, por malandragem ou negaça do joguinho, se encaravam. Picardia. E quem não soubesse diria que acabariam se atracando. Um querendo comer o outro pela perna, dizendo desconsiderações.

Chegava-lhes depois um risinho safado empurrando-lhes a gana para bem longe. Já não se estranhavam. Faziam sociedade, canalhas igualmente, catavam juntos as virações nas rodas do joguinho.

Aquela tarde, tinham manha, tinham charla, boquejavam a prosa mole ... Mas por umas ou por outras estavam sem capital. Os dois quebrados, quebradinhos. Sem dinheiro, o maior malandro cai do cavalo e sofredor algum sai do buraco. Esperar maré de sorte? A sorte não gosta de ver ninguém bem.

A curriola parada naquele salão da Lapa. Jogo nenhum. Safados por todos os cantos. Magros, encardidos, amarelos, sonolentos, vagabundos, erradios, viradores. Tanto sono, muita gana, grana pouca ou nenhuma naquela roda de sinuca. A roda fica mais triste sem o jogo. Magros, magros. Pescoços de galinha.

150

Bacanaço abanou a cabeça.

— Tão só na boca de espera, mora. Aqui é tudo lixo.

Então, enquanto otários não surgiam, jogo bom não aparecia e a noite não chegava, Perus e Bacanaço brincaram. Com a boca e com as pernas, indo e vindo e requebrando, se fazendo de difíceis, brincaram. Desconsideradamente, nenhum golpe. As pernas ao de leve se tocavam e se afastavam, não se entrelaçando nunca, que aquilo era brincar.

A curriola veio se encostando.

Atiçou-se o rebolado dos dois corpos magros se relando e Bacanaço vibrou. Aquele menino Perus se mexia, esperteza e marotagem, se esgueirando e escapulindo como um susto. "Vou podar este menino", considerou Bacanaço.

Do bolso traseiro da calça já veio aberta a navalha.

— Entra, safado.

Perus estatelou, guardou-se no blusão de couro. O antebraço cobriu a cara, os olhos firmaram...

A curriola calada.

Mas Bacanaço sorriu, que aquilo era brincar. Durão veio pedir, que o dono do bar pedia. Parassem com aquilo, que aquilo não abria futuro, havia navalha, se os tiras aparecessem. . . Durão, no seu avental encardido e na sua vontade frouxa de ordem, que ajeitava, maneiro. Dessem juízo. O dono do bar pedia.

Bacanaço meteu as mãos no bolso, estirou o beijo. Sacou a mão, o polegar dobrou-se para trás, flechou o balcão:

— O mister aí da casa não quer batifundo, mora. E brincaram mais um tanto, que a vontade não passara. Durão fez um barulho com a boca, descorçoado, se foi com xícaras de café na mão.

Duma feita se aquietaram, já não querendo mais nada. Suados, procuraram o banco lateral, ajeitaram-se de pernas abertas. Jogar palitinho, contar façanha ou casos com nomes de parceiros, conluios, atrapalhadas, tramóias, brigas, fugas, prisões... Lembraram Sorocabana.

Ali, naquele salão enorme, não fazia uma semana. O salão era na Lapa, era o velho Celestino, treze mesas, jogos bons, parceirinhos coiós. Catava-se ali muito trouxa de subúrbio, motoristas, operários, mascates, homens de sacaria, gente da estrada de ferro. Havia parceirões temporários. Bem. Não fazia uma semana, naquela boca do inferno apareceu Sorocabana, largando ali, numa semana, pouco mais de vinte contos. Quem ganhou foi Bacalau, com aquele seu jeito de sonso, na batida velha de quem não quer nada e joga só por jogar. Deu açúcar ao freguês e ele veio depressinha. Então, Bacalau mordeu. Comia o homem, comendo de gosto. Quando a semana findou, o malandro fingiu dó e aplicou a dissimulada — deu uma estia de cinco contos a Sorocabana. Pelo certo, na regra da sinuca, a gratificação de consolo previa apenas três contos e bem considerando, não chegava nem a três. Dez por cento sobre o perdido é a estia. E Bacalau dando cinco contos ... Mas Bacalau era um perigoso e tinha juízo, fintava na charla, mexia os pauzinhos.

É que Sorocabana, trouxa, coió-sem-sorte, andava esbagaçando um salário-prêmio recebido pelos vinte anos de trabalho efetivo na lida brava da estrada de ferro. Sim. Casado, três filhos, um homem de vida brava. Um inveterado, um pixote se metendo a gente, um cavalo-de-teta. E Bacalau perguntava-se: "Para que trouxa quer dinheiro?" Bacalau adoçou-o mais. Continuaram o joguinho e o malandro lhe mordeu os últimos, folgando, devagar, quatro horas de jogo. Por último, dando alarde ao desacato, manejava o taco com uma mão só e dava uma lambagem, um partido de quinze pontos na bola dois. Era escandaloso. Bacalau estava perdendo a linha que todo malandro tem. Não se faz aquilo na sinuca. Vá que se faça dissimulada, trapaça, até furtos de pontos no marcador. Certo, que é tudo malandragem. Mas desrespeitar parceiro, não. A própria curriola se assanhou, desaprovando.

Sorocabana, coitado. Ficava na beirada da mesa, atrapalhando-se com o cigarro, tirando as bolas, falando sozinho.

Mas o castigo vem a cavalo.

Bacalau quis ser mais malandro que a malandragem e isto o perdeu. Pegou a grana, empolou-se num rompante, ganhou a rua. Fala-se que entrou no primeiro restaurante e fartou-se como um lorde. Sozinho. A turma se mordeu, com aquilo a turma se queimou. Malandro ganhar vinte contos, não dar mimo a ninguém, não distribuir as estias! Que malandro era aquele? Aquilo era um safado precisando de lição. A curriola se enfezou. Era mancada, pouco caso, era desdenhar, desconsiderar, que diabo! Afinal, quando Bacalau estava com a fome, sabia muito

bem pedir e sempre lhe arranjavam algum para que o vagabundo se endireitasse, tirando o pé da lama. Como podia, agora que tinha de sobra... Entregaram Bacalau aos ratos.

Os tiras foram catá-lo, bebendo e folgando com mulher, dois dias depois, num boteco das Perdizes.

Entregaram Bacalau e ninguém soube quem foi. Contava Bacanaço que sabia muito bem das coisinhas da façanha. O menino Perus também sabia. Mas era um menino diante de Bacanaço e por isso ouvia quieto, só meneando a cabeça e de acordo com tudo. Para final - Bacanaço era taco melhor, jogador maduro, ladino perigoso da caixeta, do baralho e da sinuca, moreno vistoso e mandão, malandro de mulheres. Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada. De mais a mais, Bacanaço tinha negócio com os mascates, aqueles que vendiam quinquilharias e penduricalhos nas beiradas da Lapa-de-baixo, e era um considerado dos homens do mercado. Malandro fino, vadio de muita linha, tinha a consideração dos policiais. Andar com Bacanaço, segui-lo, ouvi-lo, servi-lo, fazer parceria, era negócio bom.

Era quem primeiro cantava de galo. Bacanaço não olhava na cara dos desconhecidos. Impunha-se-lhes oprimindo, apequenando. Mandava primeiro, uma ruga nas sobrancelhas, sempre abespinhado. Desses que quando a conversa não interessa vão mandando para a casa do diabo. E se houver reaproximação já batem, já xingam, já correm o pé, dão cabeçada, deixam o sujeito estirado na calçada. Agora, se gostasse, gostava. Era igual,

amigão. Ninguém botasse a mão em amigo seu. Porque seria como mexer com sua cara ou bulir com amiga sua. Assim era Bacanaço com o menino Perus. E por isso o menino o admirava.

Mas a façanha se acabou e Sorocabana sumiu-lhes do pensamento. Também o jogo de palitinho e os brinquedos de boca se sumiram. E falaram deles mesmos, paroleiros, exagerando-se em vantagens; mas uma realidade boiou e ficaram pequenos. O que lhes adiantava serem dois tacos, afiados para partidas caras? Estavam quebrados, quebradinhos.

Bacanaço foi para a porta do bar.

Os meninos vendedores de jornal gritavam mais aproveitando a hora.

Gente. Gente mais gente. Gente se apertava.

A rua suja e pequena. Para os lados do mercado e à beira dos trilhos do trem — porteira fechada, profusão de barulhos, confusão, gente. Bondes rangiam nos trilhos, catando ou depositando gente empurrada e empurrando-se no ponto inicial. Fechado o sinal da porteira, continua fechado. É pressa, as buzinas comem o ar com precipitação, exigem passagem. Pressa, que gente deixou os trabalhos, homens de gravata ou homens das fábricas. Bicicleta, motoneta, caminhão, apertando-se na rua. Para a cidade ou para as vilas, gente que vem ou que vai.

Lusco-fusco. A rua parece inchar.

Bacanaço sorri. O pedido gritado da cega que pede esmolas. Gritado, exigindo. A menina chora, quer sorvete de palito, não quer saber se a mãe ofega entre pacotes. Bacanaço sorri.

O sinal se abriu e nova carga de gente, dos lados da Lapa-de-baixo, entope a rua.

Gente regateia preços, escolhe, descompra e torna a escolher nas carrocinhas dos mascates, numerosas. Alguns estenderam seus panos ordinários no chão, onde um mundão de quinquilharias se amontoam. E preços, ofertas, pedidos sobem numa voz só. Bacanaço sorri.

Do lado de lá da rua, junto ao anúncio de venda de terrenos, um casal desajeitado. A moça é novinha e uma distância de três-quatro corpos entre eles... A moça novinha aperta um guarda-chuva, esfrega qualquer coisa com os pés, os olhos nos sapatos, encabulados. Bacanaço sorri.

Trouxas. Não era inteligência se apertar naquela afobação da rua. Mais um pouco, acendendo-se a fachada do cinema, viria mais gente dos subúrbios distantes. A Lapa ferveria. Trouxas. Do Moinho Velho, do Piqueri, de Cruz das Almas, de Vila Anastácio, de... do diabo. Autos berrariam mais, misturação cresceria, gente feia, otários. Corriam e se afobavam e se fanavam como coiós atrás de dinheiro. Trouxas. Por isso tropicavam nas ruas, peitavam-se como baratas tontas.

Há espaços em que o grito da cega esmoleira domina. Aquela, no entanto, se defende com inteligência, como fazem os meninos jornaleiros, os engraxates e os mascates. Com inteligência. Não andam como coiós apertando-se nas ruas por causa de dinheiro.

Bacanaço deu com a primeira luz. Lá no meio da cara da locomotiva. Num golpe luzes brotaram acima dos trilhos dos

bondes. Os luminosos dos bares se acenderam e a fachada do cinema ficou bonita.

A Lapa trocava de cor.

Um pensamento bateu-lhe de repente:

— E Malagueta?

Em que presepada ter-se-ia enfiado o velho sem-vergonha, esmoleiro, cara de pau? Meia volta, andou.

Perus e Bacanaço entristeciam no banco lateral.

Quebrados, quebradinhos. O menino Perus repetia cigarros fornecidos por Bacanaço e o mulato espiando mesas, abespinhado.

Ali, de ordinário, pingava um ou outro joguinho bom. Mas onde há jogo bom, piranha vem morder. Naquele salão da Lapa faziam ponto malandros finos de sinuca, escorregados de outros lados da cidade. Então, safados infestavam o salão e aquela boca do inferno virava um poço de piranhas.

Aquele dia era desses.

A noitinha, grupos de estudantes encheram o salão com jogos a leite-de-pato. Não jogavam a dinheiro. Algazarra, um barulhão, mas não jogavam a dinheiro. Aquilo faziam todos os dias, antes das aulas noturnas.

Bacanaço se chateava com os frangalhos e levantava-se. Machucava-os:

– Vocês são é de coisa nenhuma. Fica aí toda a curriola nesse pé-pé-pé... pé-ré-pé-pé, fazendo o quê? Punheta? Um chove-não-molha do capeta! Vamos lá no jogo valendo uma nota!

157

Os estudantes diminuía o barulho, engoliam os desaforos. Mas ao jogo ninguém ia.

Com aquele silêncio desenxabido que faziam após os xingos, Bacanaço se enfezava, gritava, espezinhava:

– Aqui só tem pixote, é tudo pixote – o indicador subia, descia, flechava. - Por que é que não ficam em casa, debaixo da saia da mãe? Cambada!

Perus, encabulado. Onde andariam os trouxas, os coiós sem sorte, que o salão não tinha jogo? Por que era assim, assim, sempre? Uma oportunidade não vinha, demorava, chateava, aborrecia. Os castigos vinham depressinha, não demoravam não, arrasavam, vinham montados a cavalo. E os trouxas? Noivando ou namorando, por aí, nas esquinas, nos cinemas. Ou dando dinheiro a mulher, que é o que sabem fazer. Os tontos. E quando apareciam, gordos de dinheiro, otários oferecidos, era fora de hora e era sempre outro malandro quem os abocanhava. Ele? Nem almoço nem janta. Sinuca, grande estrepe... Pôs-se a tamborilar, lento, contando as batidas. Pensou nos joguinhos de Vila Alpina.

Durão passava a carregar sanduíches de mortadela, café com leite, cigarros, refrigerantes.

Sete horas.

Capiongo e meio nu, como sempre meio bêbado, Malagueta apareceu. No pescoço imundo trazia amarrado um lenço de cores, descorado; da manga estropiada do paletó balançavam-se algumas tiras escuras de pano.

Bacanaço lhe buliu:

158

— Quer jogo, parceiro velho?

O velho se escapuliu, foi procurar o último banco do salão, o seu lugar e se sentou. Era um velho acordado e gostava de explicações. Dali tudo via, pernas cruzadas, na dissimulada, como quem não visse nada. E ali embiocado não o enxergavam bem.

Bacanaço e Perus lhe voltaram.

— Está a jogo ou a recreio, meu?

Malagueta os olhava. Bacanaço boquejando, largando desafios e bazófias. Perus no acompanhamento, feito um dois de paus. "É — pensou — quando vocês iam no moinho buscar fubá, eu, cá no meu quieto, já estava de volta com o bagulho empacotado." E soltou para si o risinho canalha com que os malandros entendem, reconhecem. Risinho meio parado, metade na boca, metade nos olhos. Pela charla que diziam e pela manha com que vinham... Ali não havia dinheiro.

Então, o velho se levantou, gingou nos seus sapatos furados e piscou o olho raiado de sangue.

— A gente se junta, meus. Faz marmelo e pega os trouxas.

A anuência de Perus foi chocha, encolheu-se timidamente no blusão de couro. Era aceitar. Para quem estava quebrado, para ele com dezenove anos de idade, morador em Perus com a tia, donde lhe veio o apelido... mas a tia tem um amásio e isto entorta tudo, porque o homem e ele se atracam muitas vezes. Grudam-se, se socam, rebolam como bichos, que a coisa ali por bem não vai. Por uma e outra se atracam os dois. Por causa dos muitos porres do amásio da tia e da vida errada do menino. O menino

159

Perus que tem seu lugar de taco, confiança de alguns padrões de jogo caro, devido à habilidade que na sinuca logrou desenvolver nas difíceis bolas finas, colocadas em diagonal na mesa. O menino Perus mal e mal se agüenta — fugido do quartel, fuge agora de duas polícias. A Polícia do Exército e a polícia dos vadios.

Uma semana, muitas vezes, na Lapa. Nas bocas do inferno se defende, se arranja pelas ruas, trabalha nas conduções cheias, surrupia carteiras. Deixa-se ficar e fica uma semana. A mesma camisa, o mesmo sono, a fome de dias. A fome raiada.

Mas pensa nos joguinhos famosos de Vila Alpina.

— Quando eu der uma sorte e a vida tomar jeito...

Vestiria panos bons, iria àquele fogo. Então, iria, dissimulado, aos jogos caros de Vila Alpina, onde corria a grana e as melhores virações da sinuca funcionavam. Vila Alpina era falada na boca de todos os malandros. E lá Perus não era conhecido.

Malagueta propunha-lhes o conluio fantasiando grandezas. Claro que se arrumariam, eram firmes nas tacadas e davam muito juízo. Se Bacanaço os chefiasse...

O malandro limpou o paletó. Ouvira os gabos sem interesse. Mas aquela conversa de os conduzir, dando cartas e jogando de mão, era conversa da boa. Na mão bem manicurada, que viajava do queixo ao bolso, luzia o chuveiro, anelão de ouro branco e pedras para mais de trinta contos, que só rufião pode usar. Iria como patrão, a parte mais gorda cabendo-lhe. Bem. Olhava meio de lado para os andrajos do velho. Aquela conversa era da boa. Mas não se entretive. Cortou:

160

— Pé-pé-pé... pé-ré-pé-pé não interessa, velho.

Cadê a grana?

Malagueta esfriou, perdeu num átimo o alegre rebolado. Andava tudo ruim e ele com a fome. Maré de azar danado, nem quisessem saber. Comer? Surrupiano uma maçã duma prateleira lá do mercado, quase o pilharam com a mão na coisa. Caíra no chão, botara aquela cara de sofrimento, estendera a mão que roubou a maçã, esmolara. Com aquela cara de sofredor, de Jesus Cristo, talvez algum trouxa lhe pingasse uma grana. Mas a onda de crepe era raiada — de olho vivo, andavam guardas lá no mercado, finos como tiras.

— Tou desempregado — e deu de ombros. — Se eu lhes conto minha história, meus camaradas... Vocês vão se virar pra me dar algum. É. ‘Tou que nem aquele cara: Tortinho Pedroso da Silva Estrepado.

E se sentou.

Bacanaço encheu as bochechas e soprou.

Oito horas.

Estavam os três quebrados, quebradinhos. Mas imaginavam marotagens, conluios, façanhas, brigas, fugas, prisões — retratos no jornal e todo o resto — safadezas, tramóias; arregos bem arrumados com caguetes, trampolinagens, armações de jogo que lhes dariam um tufo de dinheiro; padrões caros aos quais fariam marmelo, traição; imaginavam jogos longínquos, lá pelos longes dos subúrbios, naquelas bocas do inferno nem sabidas pela polícia; principalmente imaginavam jogos caros, parceirinhos fáceis, que deixariam falidos, de pernas para o ar. E em pensamento funcionavam. E os três comendo as bolas, fintando,

161

ganhando, beliscando, furtando, quebrando, entortando, mordendo, estraçalhando...

Entrou no salão uma negra lambuzada de pintura em direita ao mictório dos homens. Escanzelada, corpo ruim, os peitos eram uma tábuia. daquelas mulheres que ficam nas virações tristes da Lapa-de-baixo; às vezes, de encontro às árvores e aos muros nos escuros das ruelas. Aquela devia passar dias sem comer — o rosto chupado, os cambitos. Um parceirinho buliu:

— A senhora está a jogo ou a passeio?

A negra parou, os punhos nos quadris.

— Ora, vá lamber sabão, trouxa embandeirado!

A mulher seguiu.

Os homens da curriola estavam acostumados àquelas aparições súbitas de mulheres no salão. E não estavam a fim de guerra. Não ligavam, nem mexiam, que estavam ali para jogo e que mulher no salão é mulher de alguém. Um ou outro parceirinho coió é que saía da linha.

Foi num átimo, foi num susto. Bacanaço deu fé do relógio, seu Movado com corrente de ouro.

— Meus, com uma quina...

A gana nos olhos do malandro. Um tapa de estalo no joelho de Perus, o indicador apontou para Malagueta. Falou depressa, outro Bacanaço, com palavras que se atropelavam e com dedos se esfregando. Com uma quina já poriam meio pé fora do buraco. Correriam, então, a todas as bocas do inferno da cidade, cortariam aquela onda besta de azar raiado. Claro.

162

— Meus, com uma quina...

A Lapa já era perda de tempo. Levantaram-se e se abalaram de supetão. Quase correndo, aos encontrões, esbarrando nas coisas do caminho, afobação que os homens da curriola não entenderam. Mas estava claro que se arrumariam! Empenhar-se-ia o Movado a Cornélio, motorista de praça da rua do cinema, camarada de Bacanaço. Por baixo, baixo, renderia quinhentos cruzeiros. Uma quina. O de que precisavam.

O Movado para Cornélio e uma quina para Bacanaço. E os três iriam firmes, à grande e de enfiada, afiados como piranhas. Bacanaço chefiando. Vasculhariam todos os muquinfos, rodariam Água Branca, Pompéia, Pinheiros, Mooca, Penha, Limão, Tucuruvi, Osasco... Rodariam e se atirariam e iriam lá. Três tacos, direitinhos como relógios, levantariam no fogo do jogo um tufo de dinheiro. Tinham a noite e a madrugada; Virariam São Paulo de pernas para o ar.

Os dois iam à frente, quase correndo. O velho . Malagueta, capenga, se arrastava na retaguarda, tropicando nas calçadas, estalando os dedos e largando pragas. Tripudiava:

— Esta Lapa não dá pé!

163

ÁGUA BRANCA

Corria no Joana d'Arc a roda do jogo de vida, o joguinho mais ladrão de quantos há na sinuca.

Cada um tem sua bola que é uma numerada e que não pode ser embocada. Cada um defende a sua e atira na do outro. Aquele se defende e atira na do outro. Assim, assim, vão os homens nas bolas. Forma-se a roda com cinco, seis, sete e até oito homens. O bolo. Cada homem tem uma bola que tem duas vidas. Se a bola cai o homem perde uma vida. Se perder as duas vidas poderá recomeçar com o dobro da casada. Mas ganha uma vida só...

Fervia no Joana d'Arc o jogo triste de vida.

Um bolo de vida vai a muito porque cresce. Seis, sete ou oito homens dão bolos de bom tamanho. Quatro, cinco, até seis mil, começando por baixo, baixo — cem cruzeiros por cabeça. O joguinho vai correndo como coisinha encrocada, pequenina e demorada. Gente sai e entra gente. O bolo crescendo, o jogo ficando safado. Fica porco, fica sujo como pau de galinheiro. Um homem quebra o outro comendo-o pela perna, correndo por dentro dele.

164

Um bolo de vida fica grande para só um homem comer.

Então, o jogo exige porque diferente o jogo fica.

Paciência, picardia, malandragem. Quem não tem, tivesse... Uma sujeira do diabo, que costuma enviar o dinheiro do parceiro para a casa onde o diabo mora. Um taco é um taco quando é amarrador, no jogo de vida. Se o parceirinho se encabula, tropica. Perde vida, se perde, vai lá e tropica mais e cai do cavalo. Fica quebrado, quebradinho, igualzinho à coruja — sozinho, feio e no escuro.

Corria no Joana d'Arc o triste jogo de vida.

Bacanaço cutucou o menino Perus, passou-lhe duas notas de cinqüenta. Sorrateiro, falou baixo, nos dentes.

— Vai lá e desempenha, meu.

Enviou, fez um pouco de tempo, bafejou nas unhas, esfregou-as no paletó. Mandou Malagueta:

— Vai lá e faz marmelada.

Estava armado o conluio funcionando a trapaça.

Corriam naquela roda as vidas de seis homens. Perus se chegou, pediu vez.

— Tá na mão, pra mim?

O menino se desengonçava um tanto quando solicitava jogo. Não se intrometia ainda com o cinismo de Bacanaço, Malagueta e outros malandros maduros. Ficava meio torto, como quem vai e não vai, feito um menino.

Os homens se entreolharam, bolas na mão, cada um resmungou a sua coisa, medindo o menino. Um deu de ombros, outro fez não ouvir, tanto lhes fazia. O inspetor Lima demorou o olhar.

165

— Posso entrar? — a mão de Perus corria devagar no zíper do blusão de couro.

Do lado de lá do balcão, Bacanaço torcia. Os olhos cobiçavam. Se dessem entrada a Perus já teria um homem-seu naquela roda.

— Entra ele e entro eu — Malagueta intrometia-se sorrindo, bulia com todos. — O bolo fica maior, meus.

O velho inspetor Lima, gordo polícia aposentado, era o dono daquela roda, conhecedor das muitas manhas de Malagueta, que vezes intensas se bateram no joguinho nos muquinhos quentes da Lapa-de-baixo. Lima, tira aposentado...

Desses tipos encabuladores que ficam entre os malandros e são o quê? Viradores, curiosos?

Lima, tira aposentado, vivia nas rodas do joguinho e por último, compareceria ao Joana d'Arc e ali se encafuava enquanto o jogo durasse. Às vezes, do quarto da Água Branca onde morava só, saía mesmo de pijama ali pelas duas da tarde e se enfiava no muquinfo. Ali jogava, ali jantava sanduíches, ali mesmo ele ficava, plantado feito um dois de paus, os chinelos rodando, ganhando as malícias das mesas, reaprendendo uma verdade — o joguinho se aprende jogando, tudo o mais é ilusão, engano, embandeiramento, onda de otário.

Nem era um malandro, nem era um velho coió. Nem era um velho acordado como Malagueta e outros, sem aposentadoria, sem chinelos, sem pijama, sem quarto onde pousar e que têm de seu a cara e a vontade. Enfrentam as virações e a polícia

166

porque têm fome. E vão como viradores, sofredores, pés-de-chinelo. E só.

Mas era um velho gordo e estranho, conselheiro dos mais moços, naquelas bocas do inferno e que usava palavras desusadas de quando em quando.

— É uma veleidade.

Só por um lance de um parceirinho que se arriscara numa bola cinco desnecessária.

Os homens da curriola sentiam vontade de rir e não riam. Qualquer palavras ganha dignidade na boca da polícia e ninguém ri. Ademais, Lima era um tira aposentado e ainda sustentava influências. Palavra dele tomava tamanho nas possíveis e inesperadas batidas da polícia.

Se no salão apareciam rapazes enfiados como galos no quente do jogo a dinheiro, ele se intrometia com seus jeitos na fala.

— Tudo aqui é passageiro — arrotava. — Não é expediente de gente que se preze. Gente moça namora, noiva e casa. É o caminho certo. Aqui, não, aqui é o fim.

Se os rapazes o ouviam quietos, Lima se empolgava. As histórias não se acabavam mais. Citava e declinava e falava de malandros fracassados, outrora famosos, estropiados por fim no fogo do vício. Rememorava Caloi.

Jogava que jogava Caloi. Osso duro de roer. Deu trabalho a muitos tacos, era um artista, era um cérebro, um atirador. Mas deu também para mulheres e sua mão começava a tremer no instante das atacadas. Foi indo, indo, tropicando. Quando deu fé

parecia um galo cego que perdeu o tino. Deu, então, para a maconha e uma feita ficou célebre — vez em que um pixote lhe tomou quinze contos num dia de carnaval lá na Rua Barão de Paranapiacaba. Aquilo o encabulou, arruinou o seu juízo de jogador. A maconha desfez o homem, lhe apodreceu o cérebro e Caloi acabou falando sozinho, feito tan-tan de muita zonzeira lá num pavilhão do Juqueri.

— Habitante daqui é futuro residente da Casa de Detenção.

E se os rapazes achavam graça, Lima rematava:

— Ou do hospício — e fazia um ar triste para concluir. — A maior malandragem, meus filhos, é a honesta.

Mas não se afastava do joguinho do Joana d' Arc. Era um prisioneiro.

Deu acesso a Malagueta. Buliu:

— Entra, cara de pau.

E sorriu para Perus.

— Aberto. Entra, velho, você e o garotão. Cem paus por cabeça.

Houve os olhares de soslaio, perguntando-se. Houve a casada, houve as escolhas de tacos, os movimentos dos homens se curvando sobre a mesa. Iam sérios. Os bondes rangiam lá fora e os homens em volta da mesa faziam o silêncio que se faz ao ruído das bolas. Faziam o silêncio do joguinho, por demais preocupado.

As bolas corriam. E Bacanaço sorria.

À sua segunda tacada, o menino Perus assobiou. Era o

"Garufa", velho tango argentino falando das desventuras de um otário ofertado, inveterado protetor de prostitutas e falso malandro de uma noite lá num parque japonês... Um incorrigível, um papagaio enfeitado, um malandro de café com leite e pão com manteiga e o resto era engano. O "Garufa" assobiado — um sinal convencional com que os finos malandros de jogo avisam-se que há otário nas proximidades ou trapaça funcionando e lucro em perspectiva.

Do lado de lá do balcão, Bacanaço também assobiou o "Garufa".

E os olhos malandros dos três se encontraram, se riram, se ajustaram, gozozamente, na sintonia de um conluio que nasceu dissimulado.

Malagueta pediu cachaça, pão e pimenta vermelha, malagueta, donde lhe chegara o apelido. O velho mascava e bebericava aos poucos, manso, medindo lances, atento; fazendo caretas que demoravam na cara. Quando ia às tacadas firmava apoio a Perus, salvava-lhe a bola, apenas defendendo a sua e encostando a do menino às tabelas. Um joguinho ladrão.

Bacanaço sorria. Funcionavam direitinho, sem supetões, eram tacos de verdade, nascidos para trapacear. Arranjo bom. Malagueta defendendo, o menino Perus se atirando, o entendimento se afinando, certo como um relógio.

As tacadas eram lentas, o joguinho arrastado, encrocado, sem-vergonha.

Homens perderam vidas, casadas se dobraram, novas vidas

se esfacelaram. Do marcador, os sinais a giz apagando-se, sumindo ou reaparecendo com casadas em dobro ou multiplicadas por quatro. O bolo crescendo.

Finalistas ficaram Lima e Malagueta, mas quem ganhou foi Perus, rematando certo as bolas dos dois, comendo-lhes as vidas e comendo o bolo, para mais de quatro mil e quinhentos, que as reentradas foram diversas e os parceirinhos iam afoitos.

Quem visse aquela roda e não soubesse, diria que era aquele o natural do jogo. Para quem está do lado de fora, como para os otários de jogo, as muitas coincidências do joguinho são predestinações. Como se não houvesse tabelas, efeitos, puxadas, trucagens e outros recursos que em sinuca se chamam picardia. Assim falam os trouxas e os coiós e os papagaios enfeitados e os mocosongos e os cavalos-de-teta:

— Joguinho ladrão, ganha aqui quem der mais sorte.

E a roda recomeçou.

Bacanaço sorria. Negócio dos bons era ser patrão dos dois. Aqueles não tropicavam, tinham fome, iam, firmes, e sofredor desempregado dá tudo o que sabe no quente do jogo. Firma a tacada, se mexe como piranha atenta, quer morder. E belisca porque vai com juízo. Talento já traz escondido na massa do sangue e juízo a fome lhe dá. Bacanaço examinava o anelão como se não quisesse nada. Chegava-se à mesa, estendia o maço de cigarros para Malagueta.

— Fuma, meu camarada?

O velho fazia uma careta, torcia-se numa delicadeza, a mão bailava.

— Com sua licença — piscava o olho raiado de sangue.

Ia bem o marmelo. Mudadas as posições, reaberta a roda, a tramóia ainda ia com Malagueta na defesa e Perus se atirando.

Ponta de lança. O menino funcionava com certeza. Não o encabulava a distância das bolas, a possibilidade negra de tropeçar e entregar sua bola ao gosto dos adversários. Malagueta lhe valia. Sentia-se escudado, que o velho era um amarrador de fibra, ia à tacada e trancava o jogo. Por ali nada passaria. Quando em quando, Perus se sorria:

— Com coisa arrumada nem reza brava pode.

Por isso se atirava firme, confiando no seu taco, nas tabelas, nos efeitos, nas colocações de sua bola e firmava e dava trabalho aos parceirinhos, tacada sua ganhava desenvoltura, liquiudava três-quatro bolas.

— O menino está inspirado — observava Lima.

Perus sorria, os olhos baixavam, disfarçava, dava giz ao taco.

— Não é nada não. Tenho é sorte.

Malagueta repetia goles, sereno acompanhava, sabia onde se desembocava tudo aquilo. Se ele não falhasse, aquele jogo só teria um ganhador. Se ele tropeçasse, o vencedor seria Lima ou Marinho, um outro da curriola que também dominava as coloridas. Sossegassem. Ali só havia uma bossa. Nem Lima, nem Marinho, nem o diabo iriam passar por cima dele. Rebolassem e se esforçassem e se torcessem na mesa. Na continuação,

171

o ganhador era previsto e era um só. Para isso ele estava grudado à retaguarda, trancafiando jogo, dando o que fazer, garantindo a linha de frente para Perus.

Por que Malagueta não derrubara aquela bola quatro? Uma repetição maliciosa numa bola quatro em diagonal no canto, acordou o inspetor Lima.

— Ué...

Ali tinha coisa. A bola era fácil, fácil. Malagueta não liquidara. Por que raios o velho Malagueta só amarrava o jogo, defendendo e defendendo aquela bola quatro? Lima não era um velho coió. A quem pertencia a bola? Havia coisa.

Lima balançou o indicador no ar e mudou o tom daquela roda.

— Botem fé no que digo, qu'eu não sou trouxa não e nessa canoa não viajo. Tá muito amarrado o seu jogo, seu velho cara de pau. Botem fé. Eu pego marmelo neste jogo, arrumo uma cadeia pros dois safados.

Bacanaço se alertou, a mão jogou o cigarro, o rosto se frisou. Diabo. Malagueta facilitara, deixara entrever a proteção. Também não havia outra saída; derrubasse a bola quatro, teria quebrado Perus num só lance, estariam os dois no buraco. Diabo. Aquela jogo poderia render mais.

— Lugar de ladrão eu costume mostrar — Lima continuava.

Os homens da curriola fecharam as bocas, rostos crispavam-se, os olhos jogaram-se em Malagueta e Perus, ameaçaram. O velho se livrou, teve um cinismo, encarou Lima.

172

— Tem nada não. Eu estou demais nesta roda? Eu sou de jogo e sou de paz. Me retiro.

Nenhuma resposta. Lima cabisbaixo, o cinismo de Malagueta desanuviava as coisas e as embaralhava. Perus, desenhado, sem uma palavra; Bacanaço tamborilando dedos no balcão. O dono do bar olhava, ia haver batifundo. Os bondes rangiam. Não se dizia nada. O tempo custava a passar.

Malagueta ganhou força, começou a parolagem. - Tem nada não. Esta partida acaba e eu caio fora, me espanto. Não nasci aqui, eu sou do mundo.

Esperou o efeito — veio o silêncio. Então, abusou:

— E se vacilar comigo eu vou lá e ainda ganho esta rodada e tchau. Me espanto.

Bacanaço secundou o disfarce, veio se chegando para Lima.

— Velho, o jogo é jogado. Calhou. O menino é um atirador e está com a mala da sorte — sua palavra valia, que vinha de fora, como torcedor. — O menino emboca, emboca, manda tudo pras cabeceiras. Inspiração. Se daqui a pouco ele tropica: fica torto, tortinho.

— Não sei não — fez Lima.

E o jogo se refez, encrocado, a princípio. Mas a desconfiança pouco durou, que Perus foi às bolas e estraçalhou com vontade. Sabia da única alternativa escapulir depressinha. Ganhar, apanhar a grana, sumir. Atentou no que fazia, trabalhou, embocou, embocou, quebrou a bola do próprio Malagueta. Ficou só na linha de frente.

173

— E o que vier eu quebro — firmava o pensamento.

Bacanaço sossegou, folgado voltou aos cigarros. Lima, inconformado, virando o taco na mão. Como não percebera antes? A safadeza já era velha, os dois funcionando à vontade, engolindo as bolas. Como não flagrara, trinta anos de polícia e um tempão no joguinho... que boa fé fora aquela? Agora não poderia abrir o bico, que os dois não se deixaram pilhar. Os safados.

Três mil em notas miúdas Perus esticou no pano verde, mãos tremiam, desamassavam, retiravam notas da caçapa.

Lima, mordido, mordidinho. Os olhos iam por baixo. Como pôde largar aqueles dois crocodilos? Há muito que não levava porrada igual. E o pior... jogo acabado, quem comeu regalou-se, quem não comeu estrepou-se. E não os flagrara. Murmurou entre os dentes:

— Cadelos!

A mão de Perus puxou o zíper do blusão de couro e o menino marchou. Malagueta caminhou, foi ganhando a rua.

— Boas, meus.

Do lado de lá da rua, quase em cima dos trilhos do bonde, o carro freou e os apanhou. Bacanaço meteu-se no banco dianteiro. Contou, demorou, distribuiu. O cigarro na boca se mexeu:

— O que é meu — e apontou a parte mais gorda: três mil e quinhentos cruzeiros, era a parcela do patrão.

O resto era do trato. Malagueta ganhou dois contos e Perus, outros dois.

174

Receberam. O auto rodava. As notas deram sossego e depois considerações e depois se lamentaram os dois, que a roda de vida no Joana d' Arc poderia ter dado até dez contos. Aquele jogo, de fácil, era um mingau. Não fora o velho Lima...

— O bicho é um escamoso.

Bacanaço estendeu a mão, apontou para as cédulas. Houvesse tranquilidade. Atentassem, começaram a noite sem nenhum e já se ganhara.

— Está de bom tamanho.

E para o motorista:

— Vai tocando, chefe.

BARRA FUNDA

O boteco era um, numa fileira de botecos. Pequenino, imundo, mais escuro e descorado, àquela hora, à zoeira das moscas. Mas havia televisão apresentando luta livre e Bacanaço se ajeitou no tamborete. Perus pediu café com leite.

O velho Malagueta encostou-se à porta do botequim.

Os ombros caíram, a cabeça pendeu para o azulejo e assim torto, o velho ficava menor do que era. Enterrou as mãos nos bolsos. Seus olhos além divisaram avenidas que se estendiam, desciam e desembocavam todas no viaduto por onde os três haviam passado. Havia andado na noite quente! Bilhar após bilhar, namoraram mesas, mediram, estudaram jogos lentamente. Não falavam não. Picava-lhes em silêncio, quieto mas roendo, um sentimento preso, e crispados, um já media o outro. Iam juntos, mas de conduta mudada e bem dizendo, já não marchavam em conluio. Bacanaço, mais patife, resmungava aporrinhações, lacrava-lhes na cara que a vida na Água Branca poderia ter rendido mais. Espezinhas. E aquela tensão ia ficando grande. Não cuidassem, viria a provocação séria, acabariam se atracando

e se pegariam no joguinho — um correndo por dentro do outro — na continuação um comeria o outro pela perna.

Malagueta, arisco. Conhecia aquilo como a palma de sua mão. Para a ganância besta não haveria o que bastasse. Um esbagaçaria o outro e juntos se estraçalhariam. O velho os alertou, que era bom o conluio. Trabalhando os três, um pelo outro, rendia mais o joguinho, evoluíam-se trapanças na sintonia do embalo. E nem se atirassem a qualquer jogo como piranhas famintas. Dessem juízo, não bobeassem como coió que nunca enxergou dinheiro. Estavam na força de uma onda de sorte, afiados e firmando - já se ganhara bem na Água Branca. Tranqüilidade, que a noite era deles.

Apoiaram, baixaram as cristas. Bateram perna, então, desde o Alto da Pompéia até os começos das Perdizes. Ali jogou Bacanaço, jogo miúdo, de que vieram duzentos cruzeiros e apenas, que o parceirinho se apavorou e parou de estalo. Tomaram, então, as alamedas que descem para a Barra Funda. Vasculharam.

— Ô...

Braços no ar. Cobras do joguinho e tacos muito falados eram saudados assim pelos cantos que percorriam.

Mas era uma noite de sábado e houve outros lados por onde passaram, apequenados e tristes.

Vaivém gostoso dos chinelos bons de pessoas sentadas balançavam-se nas calçadas, descansando.

Com suas ruas limpas e iluminadas e carros de preço e namorados namorando-se, roupas todo-dia domingueiras –

177

aquela gente bem dormida, bem vestida e tranqüila dos lados bons das residências da Água Branca e dos começos das Perdizes. Moços passavam sorrindo, fortes e limpos, nos bate-papos da noite quente. Quando em quando, saltitava o bulício dos meninos com patins, bicicletas, brinquedos caros e coloridos.

Aqueles viviam. Malagueta, Perus e Bacanaço, ali desencontrados. O movimento e o rumor os machucava, os tocava dali. Não pertenciam àquela gente banhada e distraída, ali se embaraçavam. Eram três vagabundos, virados, sem eira, nem beira. Sofredores. Se gramassem atrás do dinheiro, indo e vindo e rebolando, se enfrentassem o fogo do joguinho, se evoluíssem malandragens, se encarassem a polícia e a abastecessem, se se atilhassem teriam o de comer e o de vestir no dia seguinte; se dessem azar, se tropicassem nas virações ninguém lhes daria a mínima colher de chá — curtissem sono e fome e cadeia.

Aqueles tinham a vida ganha. E seus meninos não precisariam engraxar sapatos nas praças e nas esquinas, lavar carro, vender flores, vender amendoim, vender jornal, pente, o diabo... depender da graça do povo na rua passando. E quando homens, não surrupiariam carteiras nas conduções cheias, nem fugiriam dos quartéis, não suariam o joguinho nas bocas do inferno, nem precisariam captinar se unindo a prostitutas que os cuidassem e lhes dessem algum dinheiro.

Um sentimento comum unia os três, os empurrava. Não eram dali. Deviam andar. Tocassem.

Uma noite quente, chata! Zoada de moscas assanhadas nos

178

salões, onde papo se batia e a prosa ia fiada, mas jogo bom não havia. Havia um rumo — à cidade, catar jogo caro. Barra Funda não deu jogo.

Pararam naquele boteco à beira dos trilhos do trem.

Veio o vira-lata pela rua de terra. Diante do velho parou, empinou o focinho, os olhos tranqüilos esperavam algum movimento de Malagueta. O velho olhava para o chão. O cachorro o olhava. O velho não sacou as mãos dos bolsos, e então, o cachorro se foi a cheirar coisas do caminho. Virou-se acolá, procurou o velho com os olhos. Nada. Prosseguiu sua busca, na rua, a fuça nas coisas que esperava ser alimento e que a luz tão parca abrangia mal. De tanto em tanto, voltava-se, esperava, uma ilusão na cabecinha suja, de novo enviava os olhos suplicantes. O velho olhando o cachorro. Engraçado — também ele era um virador. Um sofredor, um pé-de-chinelo. como o cachorro. Iguazinhos. Seu dia de viração e de procura. Nenhuma facilidade, ninguém que lhe desse a menor colher de chá. Tentou golpe, tentou . furto, esmola tentou, que mendigar era a última das virações em que o velho se defendia.

Trabalhava no chão. Estirar-se, arregaçar as calças, expor o inchaço que ia começando nas pernas encardidas. O sapato furado expunha barro. O sapato tinha os saltos comidos de todo. Dando sorte e com sossego, mas com muita picardia, cara de pau e mão estendida, pingava alguma grana. Já se ganhava, eta meu Bom Jesus de Pirapora! Da miúda saía para a graúda e ia se bater lá na sinuca.

Mas a maré não mandava um azar sozinho, enfiava-lhe estrepe no percurso, vinham guardas que perturbavam, ultimamente atilados como tiras. Os guanacos estavam dispostos a azucrinar. E ansiosos. Surrupiano uma maçã no mercado, vacilou. Quase escorregara, por bem pouco não o flagraram. A maré castigava com uma crepe dos diabos. Jogo? Adiantava ser um taco, galo de briga, tinindo para as grandes paradas, adiantava? Não havendo capital, sofredor algum tira o pé do buraco. Vida torta, tortinha, feito vida de cachorro escorraçado. Almoço - foram aquelas coisas engolidas com cachaça, lá no Joana d' Are, dez e tanto da noite.

O cachorro sumia na ponta da rua.

— E a preta?

A preta se chamava Maria e este pensamento bateu-lhe com ternura. Dois-três dias sem ver a preta, que era sua preta e era negra vendedora de pipocas, de amendoim e de algodão-de-açúcar nas noites à luz do cinema do Moinho Velho, com o seu carrinho de coisas e seu lenço à cabeça, e que aceitava Malagueta no barraco da favela do Piqueri. Dava-lhe bóia, comiam e bebiam os dois, davam-se. Como crianças. Mas o velho, patife muitas vezes, furtava-lhe algum. Se a negra surpreendia, estourava e brigavam. Aí, a negra não tinha medo. Mas voltavam-se depressinha. A negra repetia que era negra sem-vergonha muito grande, por ter negócio com branco e por aceitá-lo de novo. Uma curva canalha ficava lá no canto da boca de Malagueta. Bem. Mas agora havia dinheiro, dois contos e mais

algum, a noite não havia acabado e era boa a maré. Aquela grana, no fogo do jogo, provavelmente se multiplicaria. E Felipe era seu bom. Pois tornando à Lapa, Malagueta iria ao mercado, iria a Felipe, seu camarada que vendia secos e molhados. Entrariam no bom entendimento. A preta ganharia uma porção de coisas para a fartura de muitos dias. Chegaria ao barraco, já meio cambaio pela cachaça, o saco às costas pesando e uma alegria enorme haveria de encher o coração da preta.

— Nega, hoje você não se vira.

Assim parado, se vendo pelo avesso e fantasiando coisas, Malagueta, piranha rápida, professor de encabulação e desacato, velho de muito traquejo, que debaixo do seu quieto muita muamba aprontava, era apenas um velho encolhido.

181

CIDADE

Uma, duas, três, mil luzes na Avenida São João!

A curriola formada à esquina era de sete mais uma mulher, que era amiga de um deles. Fala de bordel, falavam de casos passados, antigamente febris para a baixa malandragem. Fulano fez, fez, acabou lá na cadeia; beltrano deu sorte, levantou duzentos contos nos cavalos, arrumou-se na vida — hoje é dono disto e daquilo; mas um outro, seu parceiro, maconhava com exagero e endoideceu — anda aí pelas ruas falando sozinho; sicrana navalhou a cara da outra, que era sua costureira, mas andava com seu homem. Fosse chibar no diabo! Perus nem falava, nem ouvia, nem pensava nos joguinhos de Vila Alpina; longe estava a contar as luzes da avenida, onde bondes passavam rangendo e autos cortavam firmes como tiros. Era costume do menino enumerar coisas. Sabia, por exemplo, quantas bolas cinco fulano embocou em tal partida, quantos bondes Casa Verde passaram em meia hora. Os luminosos se apagavam, se acendiam, se apagavam, um, dois, um... Aquele exercício o distraía.

182

— Vai levar muita porrada se quiser ser um virador, seu coió de mola!

Aquela ouvira uma vez, em Osasco, da boca de Bacanaço. Falhada a atenção, se firmara mal, tropicando e desentendendo as bolas numa parada para mais de uma nota de conto de réis. Bacanaço gozara, azucrinara. O menino não gostava daquele esculacho não. Perdia, e até aí era uma parte — estava perdendo o que era seu. E se sentia muito bem naquela ocupação silenciosa de enumerar coisas.

A curriola de sete se divertia com histórias. Bacanaço sustentava o paletó no antebraço, seus sapatos brilhavam, engraxados que foram outra vez, e a mão direita, manicurada, viajava para cima e para baixo, levando e trazendo um cigarro americano. Os bondes passavam.

A cidade expunha seus homens e mulheres da madrugada. E quando é madrugada até um cachorro na Praça da República fica mais belo. Luz elétrica joga calma em tudo. Pálidos, acordados, há bem pouco, saem a campo rufiões de olhos sombreados, vadios erradios, inveterados, otários, caras de amargura, rugas e problemas... passavam tipos discutindo mulher e futebol e turfe, gente dos salões de dança, a mulher lindíssima de vestido de roda, passos pequenos, berra erotismo na avenida e tem os olhos pintados de verde... "nem é tanto", diz um, para justificar-se de não tê-la... mas os olhos famintos vão nas ancas... malandros pé-de-chinelo promiscuídos com finos malandros de turfe, ou gente bem ajambrada que caftinava alto e parecia deputado,

183

Senador... vá ver — não passa de um jogador... o camelô que marreta na sua viração mesquinha de vender pente que não se quebra, mulheres profissionais, as minas, faziam a vida nas virações da hora... e os invertidos proliferavam, dois passaram agora, como casal em namoro aberto.

Aqueles faziam São Paulo àquela hora.

Era a hora muito safada dos viradores.

Malagueta, Perus e Bacanaço faziam roda à porta do Jeca, boteco da concentração maior de toda a malandragem, à esquina da Ipiranga, fecha-nunca, boca do inferno, olho aceso por toda a madrugada. Lá em cima, seu luminoso apagava e acendia um caipira cachimbando.

Ali tudo ia bem, por fora. Ponto que vibrava e quem visse e não soubesse, diria que eram, honestamente, um grupo de boêmios folgados, ajeitados em boa paz. Mas o misticismo da luz elétrica, de um mistério como o deles, só cobria solidões constantes, vergonhas, carga represada de humilhação, homens pálidos se arrastando, pouco interessava se eram sapatos de quatro contos, cada um com seu problema e sem sua solução e com chope, bate-papo, xícara retinindo café, iam todos juntos mas ilhados, recolhidos, como martelo sem cabo. Nem era à toa que aquela dona, criaturinha magra, mina bem nova ainda, se apagou no tamborete do canto e trazia nos olhos uma tristeza de cadela mansa... Quando a justa, perua preta-e-brancá. dos homens da polícia roncava no asfalto, a verdade geral se punha na maioria dos olhos. Lugar de vagabundo é a Casa de Detenção.

184

Vulto magro, ô cadência de malandro, sapateia quando anda, pois, tem muito rebolado, mãos nos bolsos, cigarro no bico, a Teleco na Avenida São João. Vestida como homem, era mulher que gosta de mulher. Fina no carteador, muito firme na navalha, até sinuca ela joga. Uma valente da maconha. Aqueles ombros tarimba sobrava, que foram cinco os anos curtidos no pavilhão feminino do presídio da Alegria. A boca pequena, boquejava-se que lá Teleco se fartava, e quando em liberdade até estranhou e precisou arranjar uma amiga. A cabeça da mulata era de cabelos lisos, amaciados à pasta. Pela sua panca resolvida de macho, numa briga corria o pé, enganava e não dava o corpo e ali ninguém levava boa vida, o respeito que os malandros davam à sua inversão.

— Ô rapaz!

Buliu relando no braço de Bacanaço. Catou-o, puxou-o para debaixo do toldo. Teleco, traquejada. O malandro lhe devia coisas não poucas e ela soltou a ladainha. zanzara de lá pra cá, dera crepe ali, tropicara depois — estava sem nenhum, desempregada.

— Meu faixa, 'tô desabonado.

Cochicharam, boquejaram.

Bondes passavam jogando. O velho Malagueta gesticulava, com fricotes na parla escarrapachada. Umas três horas já fazia que seus sapatos furados estavam desabotados, à vontade, e neles dançavam os pés sem meias. Mas o velho nem ligava, folgado. O menino Perus era uma coisa, mas não sabia que era. Modelo, como dizem as mulheres. Mal vestido, era verdade, mas

185

nele iam bem os olhos claros, descoroçoados um pouco; ia bem o peito largo se afinando com a altura boa, corpo maneiro de atitude rápida. Um modelo novinho. Até seus andrajos, de certa forma, lhe iam bem. Mas não dava fé, por exemplo, daquela dona que agora na curriola o comia com os olhos. O menino Perus pensava nos joguinhos de Vila Alpina e contava luzes.

Bacanaço lhe escorregou um galo, uma nota de cinqüenta, a mulata Teleco enfiou-a no grilo esquerdo, que no outro bolsinho interno da frente da calça trazia o isqueiro, cômodo, pequenino, à malandra. Recolheu sem verificar, largou o agradecimento, ligeira se sumiu.

Os sete da curriola começaram a debandar. Foi-se um e se foi outro e a mulher com seu amigo, a conversa murchoou. Ficaram Malagueta, Perus e Bacanaço.

A madrugada geral continuava; lentos, safados passavam.

Deu-lhes a fome do jogo, deu-lhes a gana. Muito necessário multiplicar aquele dinheiro, metê-lo no jogo, que a noite ia alta, a madrugada em marcha. Rodar, funcionar, vasculhar todas as bocas do inferno e depressinha, enquanto houvesse luminosos acesos. Deu-lhes a febre. E se abalaram e nem quiseram saber se iam certos ou errados.

Os três sabiam que depois dos luminosos a cidade lhes daria restos e lixos. Só. E em pensamento divisavam as probabilidades em três-quatro muquinfos onde se arrumariam ou se entortariam — o Americano da Rua Amador Bueno, o Paratodos do Largo Santa Efigênia, o Martinelli, o Ideal, talvez o Taco de Ouro...

186

Travessia da Avenida São João, seguimento da Avenida Ipiranga. Entraram pela Amador Bueno.

A rua estreita, escura. De um lado e do outro, falhas no calçamento, basbaques espivavam e malandros iam a perambular. Mulheres da hora moviam as cabeças para a direita, para a esquerda, para a frente, na tarefa de chamar homem. A pintura nas caras e nos cabelos se exagerava e elas encostavam-se às beiradas, mascavam coisas, fumavam muito. Ficavam nos cantos, intoxicadas, para enfrentar a rua.

— Moreno, me dá um cigarro.

Seus olhos parados, as bocas mascavam, os homens passavam, escolhiam...

As roupas apertando carnes, que com exagero os decotes mostravam. Umas riam, convidavam, cantarolavam, diziam provocações, piscavam os olhos como menina fazendo arte. Quando em quando, um casal se formava, ela caminhava à frente, rumo ao edifício, a chave na mão, o homem atrás. Intoxicadas. A Amador Bueno era triste.

Muita conversa. Sono, fome e vagabundos nos bancos laterais. Muitas falas daquela gente parda e pálida no Americano, famoso ponto de aponto. Um reduto em que batedores de carteira, rufiões, jogadores e o geral da malandragem se promiscuía com tiras e negociantes de virações graúdas e miúdas. Quando se pretendia um encontro, era o Americano para todas as espécies de múltiplas arrumações. Mil e um conchavos. Ali funcionavam tipos de muitos naipes, desde a malandragem das

187

beiradas das estações até os comerciantes da Rua 25 de Março. Tiras decaídos, tiras atuantes, gente da Força Pública compareciam contemporizados à malandragem. Engraxate, manicure, barbeiro ao fundo.

Aquele sábado, entretanto, o dinheiro nas mesas não corria. Jogo nenhum no salão de vinte e tantas mesas.

Sondaram. Os três passearam entre mesas, tensos passavam sem falar, estirando os beiços, chutando coisas do chão gasto. Havia moscas, fumaça, calor. Mesas vazias, tacos em seus lugares, bolas ausentes. Os barulhos das conversas, os pentes dos engraxates repicavam numa batucada, risos chegavam da barbearia. O bulício aborrecia.

— Não deu pé. Vamos girar.

Voltaram à Ipiranga, com a mesma febre marcharam.

Já de longe o distinguiram, entre dois homens, num terno de brilhante inglês, naquela pose sua com só metade da mão no bolso. Chegaram-se, humildes cumprimentaram, buscaram conversa, tiveram modos. Bacanaço, solícito, estendeu os cigarros americanos.

À esquina da Santa Efigênia toparam Carne Frita, valente muito sério, professor de habilidades. Havia na cidade e ainda noutras cidades, bons entendedores e tacos atilados com capacidade para fechar partidas, liquidando as bolas. Havia nomes e famas que corriam. Muitos, muitos. Praça, Paraná, Detefom, Estilingue, Lincoln, Mãozinha... Eram artistas do pano verde. Mas Frita... quem entendia de sinuca era ele. Em cima dele

188

foram e gramaram muitos e muitos esperto perdeu o rebolado, e muito cobra ficou falando sozinho, esfacelado em volta da mesa, como coruja cega. E muito patrão de jogo caro se perdeu em apostas contrárias, em lances para mais de vinte contos. O homem ganhara tamanho, celebridade; uma curiosidade que se exibiu ensinando até na televisão. Seu nome e fotografia em pose de jogo foram para o jornal numa reportagem que assim dizia: "Sinuca de Carne Frita é falta de adversário!" Era Carne Frita. Botassem respeito, sentido e distância com silêncio e consideração.

Moço, baixinho, com uns olhos de menino, esguio como os malandros do joguinho que andam quilômetros ao redor das mesas, ninguém daria nada àquele, parado, à esquina da Santa Efigênia, dando um gesto de mão a Malagueta, Perus e Bacanaço. Fossem ver... Perguntassem em Goiás, em Curitiba, em Porto Alegre, no Rio, em Fortaleza... Sua história abobalhava, seu jogo desnor-teou todos os mestres.

Quem de sinuca entendia era Frita.

Mas a febre era febre e queimava e dava pressa.

Despediram-se do maior taco do Brasil, ligeiros e firmes entraram pela Santa Efigênia, rua de virações como outras, àquela hora dormidas. Alcançaram o Largo Santa Efigênia, a igreja de um lado, a sinuca do outro.

Os sapatos fizeram um barulhão na escada comprida de madeira. Rápidos, subiam. Veio-lhes, num átimo, a fantasia de brincarem de graus três a três. Perus e Bacanaço iam, lépidos.

189

Malagueta capengou, agüentou-se mal e mal no corrimão, apertou os beijos num esforço. Os companheiros pararam mais acima. Riram:

— Tá caindo do cavalo, velho?

A escada deu-lhes enfim o salão.

— Vem cá, moleque!

Piranha esperava comida.

Mal entraram no Paratodos, deram com a voz do negro intimando Perus e o brinquedo acabou-se, e tudo o mais se confundiu, ficou cinzento.

Escuro nas mesas, salão silente, tacos jogados, pontas de cigarros no chão. Luz só no balcão do Paratodos vazinho, sem jogo, sem parceirinhos.

Aquele silêncio esquisito de esporro que vai se dar.

Piranha esperava comida.

— Vem cá, moleque!

O negro chamando, apoiado ao balcão. De branco, pele brilhando, chapéu de preço, cara redonda, enorme, onde um riso debochado se escarrapachava.

O menino Perus ensaiou maquinalmente a meia volta. Bacanaço desaprovou, a mão parou, palma para cima; imprimiu:

— O jeito é enfrentar. Piranha esperava.

O menino foi e se deu mal, que era Silveirinha, o negro tira. Perus se desnorteava em erradas, começava pela timidez de não dizer nada. Chumbado no chão.

190

Bacanaço se pôs de largo, calmo; Malagueta se foi para o escuro de uma mesa, dobrou-se, aguardou. Jogo? À cata dele chegaram e toparam polícia à boca de espera. Estrepe pesado e duro. Só o homem da caixa contando notas e espiando por cima das lentes redondas como quem nada visse. O homem mais Silveirinha.

Piranha esperava comida.

— Moleque, você já pagou imposto?

Azucrinava, exigia, demorava-se no exame do menino. Ali, cantava de galo, dava cartas, jogava de mão, mexia e remexia, a condição de mando era sua. Infeliz algum abria o bico. Levantou-se, fez a volta ao redor de Perus. Esperou a fala.

O menino tinha um bolo na garganta, feito espeto atravessado. Queria pensar em coisas diferentes, longínquas, estupidamente caçava atar um fio que começava pela mesma idéia e se estraçalhava logo e tornava ao começo. E assim. Não era de hoje que sentia vontade dos joguinhos de Vila Alpina. Se desse uma sorte... A coisa voltava à garganta, via Silveirinha, o pensamento se perdia. Vila Alpina, outra vez. A Vila famosa na boca de todos os malandros, onde Perus se viraria. Silveirinha. Perdia o pensamento. O bolo na garganta. Enviava os olhos suplicantes para Bacanaço, mudamente pedia socorro, as mãos paradas, os músculos da cara parados, a coisa na garganta engordando. Adoraria falar! Mas naquele seu quieto humilhado não engrolava nada. Entrevado.

Piranha espera comida.

Malagueta acompanhava. Aquela zombaria e aquela humilhação eram suas velhas conhecidas. Necessário dinheiro para

191

tapar e a boa conversa de Bacanaço, conhecido dos homens da polícia. Malandro de sua classe sempre contorna esbregue com os homens da lei. Na situação nada boa, Bacanaço não trairia, agüentaria o repuxo, iria contemporizar. Nem o menino pegaria xadrez por falta de um entendimento. Aquilo era um conluio, um ali era do outro, diferenças não haveria.

Mas o tempo custava a marchar.

Num lance, o abuso ganhou tamanho. Silveirinha apertava os pés do menino com o tacão do sapato e ria.

No Paratodos, o homem da caixa media os homens, atrás dos óculos de aros de ouro. Mesas esquecidas, luz só no balcão. Nada fazia o homem da caixa senão espiar. Assim eram todas as madrugadas do Paratodos, ponto de Silveirinha. Surgisse malandro desconhecido, cara ignorada, o tira ia ao ataque, exigia com firmeza. Fácil, fácil. Era o comum das noites e o homem da caixa apenas olhava. Assim era o natural.

Os acintes cara a cara. Pirraçava, achincalhava. Os tacões não comprimiam mais os pés do menino e Silveirinha reconduzia os desacatos.

— Cadê o tutu, moleque?

Pequenos passos de passeio à volta do menino e os risos seguidos. Perus abotoava os olhos espantados em Bacanaço e os pensamentos embaralhavam-se, a testa quente, um peso na testa.

O quê? Viera dar com o lombo no Paratodos a troco de quê? Catar esbregue, confusão? Diabo. E Silveirinha à sua frente, espezinhando. Negro, todo lustrava - pele, sapato, camisa de

192

seda, gravata, terno branco de linho cento e vinte, unhas, dente de ouro...

Diabo. Estava na boca daquele lobo e desabrigado, feito bezerro enjeitado. Os dedos se esfregavam com atropelo, a voz não vinha.

— Meu moleque...

Abraçou o menino e era uma tentativa aberta de surrupiar-lhe a carteira como fazem os batedores e o geral dos lanceiros. O tira, mais alto e mais forte e os ombros de Perus se encolhiam, o menino suave no blusão de couro, se defendia arqueando-se com dificuldade.

De longe, Bacanaço. Uma distância infinita eram aqueles cinco metros os separando. A aperreção sobre o menino já fora a bem mais do que devia, era muita folga. Assim faziam os homens da lei quando exigiam. Machucavam à vontade, satisfaziam-se, as aporrinhações só vagabundo sabe. Sim. Se a gente sair por aí contando como é o riscado da vida de um sofredor, os trouxas, com suas vidas mansas, provavelmente dirão que é choradeira. Sim. E quando se manda um danado e folgado daqueles para a casa do diabo, metendo-lhe com fé uma ferrada nos cornos, uma cortada na cara ou um tiro no meio da caixa do pensamento, a coisa enfeia muito, vai-se dar com o lombo na Casa de Detenção. E são abusados e desbocados e têm apetite de aproveitadores. Piranhas esperando comida. Pisando o menino, azucrinando, tentando surrupiar o menino... Os tais da lei. Encarou Silveira, a raiva arranhava. Arrumava-lhe um sapo

inchado — ô vontade de lhe dar a ripada! Se marchasse de navalha para cima de Silveirinha não seria a fim de fazer carinho não. Iria solar com vontade. O bicho iria gemer, que ele poderia cortar de baixo para cima, era professor da lâmina ligeira — ligeira varando o paletó de linho, correndo direitinho. Haveria o grito, no começo; depois, o cachorro que rebolesse feito minhoca ofendida no chão, onde agüentaria chutes na caixa do pensamento e nas costelas e todo o acompanhamento que se deve dar a um safado. Bacanaço imaginava-o de boca aberta, estirado naquele soalho, a língua de fora, se torcendo feito minhoca partida em duas. Ou um rato abatido a ferro. Seria só dar à navalha. Sangrar. E fim.

Mas dever, não devia. Era um vagabundo — calasse, engolisse o seco da garganta, aturasse e fosse se rebaixar feito cachorrinho. Pedisse jeitosamente: "faz favor", e desse o dinheiro, entregasse o mocó, o arrego para livrar a cara de Perus. Vontade de cortar, essa era muita. Era um vagabundo, entretanto, e se calou.

Os olhos pequenos de Malagueta pararam no terno branco do tira. Com energia endireitou-se, pôs-se de pé.

— Moleque, toma a tua linha, moleque. Cadê o tutu? — com o dedo mostrava o exemplo: as notas que o homem da caixa contava. — Faz minha vontade, moleque.

Malagueta se continha mal e mal. A perturbação que o menino sofria era muito comprida, larga e pesada. Uma purgação do capeta. Em que buraco caíra o coitado... E estava apagado, apagadinho, não falava um a. Chumbado no chão feito poste de

194

Iluminação. Silveirinha? Um cadelo. Esperava um gesto só de Bacanaço e já partiria e desempenharia seu papel e iria apanhar ou surrar muito - pensou. Cachorrada tem limite. Imaginava correr o pé por baixo, partiria para Silveirinha já com o taco na mão. Chutaria os rins, o sexo, depois chutaria a cara balofa. Usaria o bico dos sapatos, os chutes valendo.

Estes e outros pensamentos, entretanto, esbarraram com uma realidade e se esfriaram depressinha.

O que viria depois do arranca-rabo? Baixou os olhos, um vagabundo era um vagal e só. Aquilo, aquilo sempre — vadio é o que fica debaixo da sola do sapato da polícia. O velho se fechou; doía mas Malagueta se trancou. Com as mãos e com a cabeça pediu a Bacanaço. Ajeitasse.

O malandro se chegou.

— O menino é gente minha — sorriu, maneiro, mais pedia que falava. - Podemos conversar, chefe?

— De boas falas é que eu gosto, Bacana. Por isso lhe considero — abriu-se no riso gozoso. — Você é meu, Bacana.

A zombaria continuando naquele "Bacana"...

Fazia uns olhos ruins, satisfeitos. Os safados rendiam-se. Mostravam-se agora - eram parceiros, vadios e associados, com Bacanaço à chefia. Carregavam dinheiro.

Bacanaço fez o sinal, mostrou a escada aos companheiros.

— Desguiando. Se raspando.

Os dois desceram, desenxabidos, esbarrando nas coisas, pernas bambas. As orelhas pelavam. Foram esperar no largo.

195

Pediu bebida com desprante, indicou o tamborete, sentaram-se como iguais. Como colegas. O malandro e o tira eram bem semelhantes — dois bem ajambrados, ambos sapatos brilhavam, mesmo rebolado macio na fala e quem visse e não soubesse, saber não saberia quem ali era polícia, quem ali era malandro. Neles tudo sintonizava.

Silveirinha e o seu Macieira passeando na mão. Sorria, dava tapinhas, uma cordialidade estabelecida à pressa e a seu jeito.

— Estamos aqui, meu camarada — e para o homem da caixa — o nosso amigo paga.

Chamando-o de meu camarada, de nosso amigo...

Bacanaço aturou e foi acedendo. Pagou o conhaque. O tira sabia de suas vontades presas e se prolongava nos minutos de prosa fiada, se divertia.

Sentiu que não agüentaria mais, ia explodir, boa coisa não faria. Entregou-se, uma ruga nas sobrelhas. Abriu o jogo, mostrou a nota de quinhentos.

— É o que se tem.

Pretextou pressa, escorregou a cédula, pediu licença. Ganhou a escada de madeira, o amargo na boca.

Silveirinha rematou a bebida, recolheu a nota, examinou as unhas.

— Até, meu camarada.

Lá no Largo, os três ouviram ainda a risada que se escarrapachava forte.

Não disseram nada, caminharam. Um sentir de quem perdeu,

196

um sentimento abafado os arrasava e os unia e lentos, tangidos, caminharam.

Tomaram o Viaduto Santa Efigênia maquinalmente, numa batida frouxa e dolorida. Só se ouvia, à frente, o "plac-plac" dos saltos de couro de Bacanaço. A gana do jogo lhes passara de todo e não percebiam o vento quieto e úmido batendo-lhes agora, nas caras e nas pernas. As três cabeças seguiam baixas. Eram três vagabundos e nada podiam. Seguissem, ofendidos.

O velho Viaduto Santa Efigênia ficava solene na sua velhice de construção antiga e mais velho, àquela hora de calma. O Viaduto velho, os prédios novos, muitos, enormes se atirando em vertical, dormidos agora. Visto de cima, o Vale do Anhangabaú era um silêncio grande de duas tiras pretas de asfalto. O menino Perus olhou. Lindo, o Vale, aquele silêncio de motonetas paradas, de árvores e de carros em solidão. Lua lá em cima, o menino olhou. Já se percebia, à frente, o contorno do Mosteiro de São Bento também sossegado no seu jeito antigo. Luz elétrica dos postes jogava uma calma...

Uma carga humilhada nos corpos, uma raiva trancada, o moral abaixo de zero. Secos, apenas se olhavam, quando em quando, sem reclamações. Fazer o quê? Eram três vagabundos e iam.

Uma porrada, fora uma porrada. O velho se adiantou, olhou os dois. Emparelharam-se. Os olhares dos três se acharam e Malagueta, Perus e Bacanaço pararam minutos. O silêncio agora pesava, os três olhavam-se, com pena, palavra nenhuma.

197

Lá embaixo, no Vale, um auto roncou, firme, aproveitando a hora.

Havia um padecimento, doía, arrasava.

O velho Malagueta rangeu os dentes, tentou uma careta, necessário dizer alguma coisa, necessário dizer, por exemplo, que não se levassem tanto a sério, apareceu um estrepe, e, afinal, na vida de viradores... A cabeça se mexeu para os companheiros.

— A gente fica até coisa, meus. Aquilo nem é cinismo; é cinidez.

Era nada engraçado. O silêncio pesou mais.

Não era exatamente o dinheiro. Quinhentos cruzeiros não machucam quem se atira a partida de até dois contos ou atravessa dias sem comer, combatendo em volta da mesa. Dinheiro é do jogo e para o jogo — donde vem e para onde vai. O sofrimento não era pequeno não. Seu tamanho não era o da nota de quinhentos. O que doía era sofrerem uma apoquentação e não poderem malhar o abusado que a vomitara.

Só vagabundo entende aquele espeto. Mocorongo, trouxa, pixote, cavalo-de-teta, otário, vida mansa algum nunca perceberia o que se passava com Malagueta, Perus e Bacanaço. Só um vagabundo.

— A gente inda vai à forra, velhão — Bacanaço deu um tapa no paletó imundo de Malagueta. — Deix'estar'. Tenteia, velho.

Só Perus não falou, inteiro no seu quieto.

Angústia parada nos passos lerdos. Marchavam, pálidos, meio cansados. O relógio do Mosteiro de São Bento mostrava

198

quase três horas. Poucos vagabundos deitados nos cantos dos portões, cobertos mal, eram amontoados escuros e confusos de panos e folhas de jornal.

Ao Martinelli, sem entusiasmo. Tomaram a Líbero Badaró.

O velho salão do Martinelli com seus grandes espelhos laterais do tamanho de um homem, refletindo as luzes brancas, brancas; as paredes trabalhadas à antiga, o ar úmido, o mofo do maior bilhar da cidade. E como o jogo minguasse, o abandono das mesas, dos marcadores e dos tacos alinhados a seus cantos, constrangia. Era um silêncio grande de muitas mesas vazias e de giz esquecido.

Uma voz cortou.

— Charutinho!

O caixa mandava o xingamento sobre um velho, que reboteava à zombaria com uma praga graúda, em italiano. Era um homem bêbado, estropiado, engraxate de mãos imundas, estrangeiro, desses velhos que dormem nos cantos dos bilhares, curtindo fome ou sono, mansamente; e que os malandros e os homens das curriolas xingam, espezinham, chamam de lixo.

— Charutinho!

Aquilo bulia com Perus. Não estava certo esquentar a cabeça de um infeliz com um apelido besta. E era um velho mais velho que Malagueta.

— Charutinho!

A resposta partia em italiano, pronta, violenta, desesperada, o homem batia os pés no chão, ameaçava socos no ar e ficava

199

no meio do salão, cambaio, atrapalhando-se com o apelido e com as pernas, que se desentendiam .. Álcool rondava aquela cabeça branca. Houve um momento em que seu nervosismo cresceu e parecia que ele ia chorar.

— Charutinho!

Nenhuma graça. Os três percorreram mesas, marcharam para os fundos, ocuparam o mictório. Perus se exasperou com os berros que vinham do salão.

— Esse cara xingando merecia uma lição.

— Merece — sustentou Bacanaço.

Malagueta, alerta, com a cabeça em seu lugar. Vinham quentes que pelavam do Paratodos e não cuidassem, ficariam fulos com os gritos do caixa. Acabariam explodindo e se atacando com o gaiato, que a raiva mais crescería. Quebrariam o homem. E para quê? Inutilmente armariam esporro. Estavam já numa onda de azar raiado, houvesse cuidado. Recomendou juízo.

— Deixe pra lá essa zonzeira.

A resposta vinha em italiano. Mandava uma praga.

— Lazzarone!

Saíram do mictório, mudos, crispados, andaram, ganharam o Vale do Anhangabaú, onde tudo era dormido e só se via um olho aceso no alinhamento dos prédios da Rua Formosa — sozinha, a janela maior do Salão Ideal. Caminharam para ela.

A madrugada geral esfriara, pelas ruas de São Paulo corria um vento úmido, aquele vento das madrugadas...

Os luminosos ainda resistiam, os postes de iluminação com

200

seus três globos ovalados eram agora de todo silentes, e atiravam sobre a cidade um tom amarelo, desmaiado, místico no sossego geral da hora. Para os lados do Viaduto do Chá e do Teatro Municipal, os luminosos, em profusão, jogavam cores, faziam truques, acendiam e apagavam uma repetida festa muda.

Perus não perdia do pensamento o caixa xingando o velho. Repetiu, sozinho:

— É um cadelo. Será que ele não tem pai?

No Ideal, deserto, sem jogo, lhes deram uma notícia toda boa. Rondara por ali, não fazia quinze minutos, uma diligência conjunta da RUDE e da RONE rondas noturnas especiais, que do salão arrancaram de supetão cinco malandros dormindo nos bancos e os trancafiaram, que com aquela polícia não havia conversas, arregos ou arrumações. Malagueta, Perus e Bacanaço haviam escapado por uma asa de barata.

Luz da esperança lhes brilhou.

E entenderam que a maré de sorte lhes voltara, de repente, à grande, gorda e generosa. Pois, até a polícia mais perigosa e séria não evitavam, sem querer?

Uma vontade súbita os tomou. A cidade não dera jogo, dera prejuízo e até estrepe no caminho? Não havia nada não. São Paulo era grande e eles, três tacos, tinindo para o que desse e viesse. Haveria jogo em algum canto. Faziam fé.

E foram afoitos à rampa íngreme da Praça Ramos de Azevedo, catariam uma condução, carro, bonde, qualquer coisa. A subida era dura, mas a marcha era batida, confiante. Iam a Pinheiros.

201

PINHEIROS

Na rua comprida, parada, dormida — vento frio, cemitério, hospital, trilhos de bonde; bar vazio, bar fechado, bar vazio...

Malagueta arriava a cabeça no peito, lesa, mãos nos bolsos. Bacanaço à frente, vestira o paletó e ia como esquecido dos companheiros. E nem o menino Perus falava.

E caminhavam. Topavam cachorros silenciosos, chutavam gatos quizilentos, urinavam nos tapumes, nos escuros.

Andaram muito, magros e pálidos. E sentiram-se cansados e com fome e sonados. Não lhes acontecia nada. Nenhum boteco aberto. Como aquele silêncio os calava... Não falavam, não assobiavam, um não olhava para o outro.

Pinheiros dormia de todo; nem gente, nem carros, na Rua Teodoro Sampaio nenhum bonde passava. Em pensamento, Malagueta, Perus e Bacanaço xingavam Pinheiros.

Cães latiam na madrugada e um galo cantou.

Tinham pressa, mas iam lentos e até chutavam coisas do caminho. Bar fechado, bar fechado e aquele mais adiante já também. Esta repetição os desgostava, os encabulava, metia-lhes pensamentos bestas.

202

Silêncio os baixa a zero e cigarro nada resolve, só afunda o pensamento errado, amargo, que embota a malandragem, numa onda de coió.

Dinheiro nos bolsos havia, que sobrara algum das divisões de Bacanaço e da exploração de Silveirinha, mas por dentro iam batidos, batidinhos. E Malagueta, Perus e Bacanaço curtiram aquela de pensar.

Uma vez, quando o menino Perus era um menino e trabalhava no brilho de um sapato, que sua viração era engraxar, um safado roubou um aleijado esmoleiro na porteira do trem e o infeliz botou a boca no mundo. Os gritos botaram o larápio a correr para bem longe da Lapa-de-baixo. O bicho vinha aos pinotes, tropicando e chocando-se e chutando coisas que lhe atrapalhavam a corrida, e se apavorou e jogou a grana roubada - era tudo pixulés, caraminguás, notas de um, de dois, de cinco cruzeiros. Aos pés do menino Perus. A rua estava azoada e a polícia chegou não querendo prosas fiadas. Houvesse explicações e imediatamente. O atrapalhação ingrata que foi justificar aquele dinheiro... Assim sempre, pensava Perus, trabalhando para os outros, curtindo as atrapalhadas dos outros. Papagaio come milho, periquito leva a fama. Como um pé-de-chinelo, como um dois de paus. Para que esperar um dia de maré de sorte? Para que pretender os joguinhos caros e bons de Vila Alpina? O menino Perus achava que seria sempre um coió-sem-sorte, sofredor amansando a vida deste e daquele. E lhe chegava a idéia velha, solução pretendida, única saída dos momentos de fome.

203

— Um dia eu me apago.

Roubaria uma grana, se enfiaria num trem para Perus, onde ficaria quieto, para de lá não sair mais. Aturaria a tia, o amásio bêbado, a vidinha estúpida e sem jogo, a enorme fábrica de cimento de um lado, o casario mesquinho do outro. E iria se fanar com uma ocupação na fábrica, com uma enxada, com o diabo. Sua hora de dormir seria dez horas. Lá em Perus, o menino não curtiria madrugadas e fome, nem se atiraria como um desesperado à primeira viração que surgisse. Malandragem não dera pé.

Mas o joguinho virava, sorria, chamava, dava-lhe um parceirinho fácil em duas partidas de duzentos e cinqüenta cruzeiros. Os pensamentos bons iam embora, arranjava um patrão, caía na sinuca. Ganhava um tanto, se arrumava por uns dias. Na continuação, de novo se estrepava, o joguinho castigava. Perus combatia, entretanto. Doía-lhe na pele ver o capitalzinho juntado ir-se mingando, pingado fora de seu bolso, feito coisa do alheio. Desnor-teava-se nas tacadas, com pouco estava sem nenhum, arruinado, sem dinheiro e sem patrão. Dias depois, se mortificava com lamentações novas.

Bacanaço andava agora com uma mina nova, vinte anos. Morena ou ruiva não se sabia, que ficava loira de cabelos oxigenados, porque o mulato preferia loiras. Fazia a vida num puteiro da Rua das Palmeiras, tinha seu nome de guerra — Marli. A mina lhe dava uma diária exigida de mil, mil e quinhentos cruzeiros, que o malandro esbagaçava todos os dias nas vaidades do vestir e do calçar, no jogo e em outras virações. Quando lhe trazia menos

204

dinheiro, Bacanaço a surrava, naturalmente, como fazem os rufiões. Tapas, pontapés, coisas leves. Apenas no natural de um cacete bem dado para que houvesse respeito, para não andar com bobice na cabeça e para que não se esquecesse preguiçando na rua, ou bebericando nos botecos, ou indo a cinemas, em vez de trabalhar. Obrigação sua era ganhar — para não acostamá-la mal, Bacanaço batia-lhe. Nas surras habituais, o porteiro da pensão da Lapa surgia, assustado. Bacanaço o encarava.

— Olhe, camarada: entre marido e mulher, ninguém bote a colher.

E se o homem perguntava, solícito:

— O seu negócio deve ser cuidar de sua vida — e abria os braços — ou é cuidar da minha?

O tipo se ia, cabisbaixo, desenhado, para o mesmo lugar donde viera.

Se a desobediência se repetia, o cacete se dobrava. Bacanaço se atilava em crueldades mais duras. Para começo a trancafiava no quarto e partia para a rua, onde se demorava horas. Ia à sinuca, ia andar a fim de pensar bem pensado; a mulher que lá ficasse agüentando fome e vontades. Voltava tarde, bebido e abespinhado, usava o cabo de aço e agia como se Marli fosse um homem. Proibia-a de gritar. Malhava aquele corpo contra as paredes, dava-lhe nos rins, nos nós e nas pontas dos dedos. Encostava-lhe o cigarro aceso nos seios. Às vezes, Marli urinava.

Na outra noite a mulher seguia para o bordeI, dolorida,

205

pisada. Na cama, os fregueses costumavam perguntar o que eram aquelas marcas pretas no corpo.

— É amor — e olhava para o teto — vamos logo.

E retomava a linha da produção, cadelinha obediente, pronta a entregar o que ganhava. Tudo. Mulher de malandro. Se preguiçasse, de novo era trancafiada e batida.

Mas Bacanaço, agora descendo lento a Rua Teodoro Sampaio não pensava assim. Chegavam-lhe, em pensamento, as coisas boas, numerosas, que dava àquela mulher. Era um protetor. Sacou-a da cadeia várias vezes, arranjou-lhe habeas-corpus, negociou com tiras do setor de Costumes, tratou com este e com aquele. Mil e uma atrapalhadas. Obteve-lhe um quarto de bordo, entendeu-se com os policiais do trottoir, deu-lhe um lugar na malandragem, deu-lhe luz, que diabo! Uma tonta a quem precisou até ensinar como proceder com um homem na cama. Gastara muito dinheiro com aquela Marli, uma criança, uma otária, que nem roubar os fregueses sabia... Um estrepe, uma viagem errada, que só lhe dava trabalho e lhe esquentava a cabeça. Uma trouxa que mal o merecia, malandro maduro e fino.

Tinha em sua mira uma prostituta de fama, um pedaço de mulher com quem já ensaiara namoro de olhos vivos, lá na Avenida Duque de Caxias. Mulher com uma situação, um apartamento, fregueses de quilate, políticos e outros bichos, vestida como madame. Arisca como manhosa, gata, atraía otários como só mulher que quer e sabe, consegue. Tivera vários coronéis, gente da alta, que lhe davam mesadas de trinta, quarenta contos

206

por mês. Era alta e loira e Dorotéia e o seu dinheiro era muito. E sem amásio, que era mina exigente também. Muito malandro tentara a conquista e ficara falando sozinho. E pelo começo dos olhares interessando-se, aquele medir-se de corpos, à malandra, mudamente sintonizando vontades... Aquilo seria um caso. Dorotéia era loira fornida, de grandes ancas que mexiam, iam e vinham numa batida temperada, manhosa. Uma égua de raça, que corria na boca e na pretensão de grandes malandros.

— Um mulherão na cama.

E um rendimento graúdo.

Para a fantasia de Bacanaço, aquela mulher lhe daria por baixo, baixo, para começo de boa conversa, um carro de passeio. E quatro mil cruzeiros por dia.

Quase quatro horas da manhã. Terminaram a Teodoro Sampaio, com mais um pouco, Malagueta, Perus e Bacanaço estariam no centro do bairro, alcançariam o Largo de Pinheiros.

Havia em Pinheiros, junto ao posto maior de gasolina, a Pastelaria Chinesa, fecha-nunca de rumor e movimento, que se plantava defronte aos pontos iniciais dos bondes e ônibus, que dali seguiam para todos os cantos da cidade. A Chinesa fervia, dia e noite sem parar, que ônibus expressos vindos de longe, ou caminhões de romeiros de São Bom Jesus de Pirapora e de Aparecida do Norte ali faziam escala para reabastecimento, paradas, baldeações... Ali se promiscuíam tipos vadios, viradores, viajantes, esmoleiros, operários, negociantes, romeiros, condutores, surrupiadores de carteira, estudantes, mulheres da vida,

207

bêbados, tipos sonolentos e vindos da gafeira famosa do bairro, o Tangará; apostadores chegados do hipódromo de Cidade Jardim... Sobressaíam-se em número os japoneses, calados, cordiais, laboriosos, em trânsito para o mercado de Pinheiros ou para a vida do comércio nas lojas, nos armazéns, nos botequins. Os japoneses, com suas caras redondas e seus modos de falar sorrindo e meneando a cabeça eram os donos do bairro. A Chinesa, um ponto central, dia e noite. Movimentos vibravam, vozerio, retinir de xícaras, buzinas. Corriam ali muitas modalidades de negócio miúdo e graúdo. Tabacaria, prateleira de frutas, engraxates, banca de jornais e livros e revistas e folhetos de modinhas e histórias de Lampião, de Dioginho e revistas japonesas, restaurante popular ao fundo, davam assuntos e oportunidades. E aproveitadores proliferavam na confusão, desde o homem triste que vendia maçã de brinquedo até o virador loquaz que aplicava engodos, contos aos caipiras, aos pacatos, aos basbaques, vendendo-lhes terrenos imaginários ou penduricalhos milagrosos, adornos reluzentes ou falsas peças de tecidos famosos com auréola inglesa. Chegado de outros cantos da cidade, dos interiores de São Paulo e do norte do Paraná, o dinheiro ali corria.

Entraram, tinham fome, Bacanaço os convidou, pediram pratos feitos, chamados sortidos. Vieram pratos fundos, cheios — arroz, feijão, farofa, rodela de tomate; miúdos ensopados. O mulato não gostava de farofa e Malagueta aproveitou-a. Disseram-se coisas, olharam o movimento, a encabulação sumindo. O velho

208

comia com pimenta e bebia cachaça, Perus apreciava guaraná, Bacanaço bebia cerveja gelada. Comido o primeiro prato, sentiram ainda fome, pediram outro. Veio-lhes depois sono e cansaço. Bebericaram café lentamente. Cansados e sonados de verdade, esfregavam os olhos, bocejavam, deixaram-se ficar, sentados.

Estiveram tempo sem fim, embrutecidos na madorna arrastada. Malagueta pendeu a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos, encolheu-se na cadeira; Perus tamborilava num garfo, devagar; Bacanaço espiava, fumava.

No balcão comprido da Pastelaria Chinesa, os ruídos do movimento prosseguiam. As pernas dos homens atrás do balcão não tinham sossego.

Levantaram-se, lerdos, dividiram as despesas. Saíram.

Havia luz lá em cima e se subissem, a escada lhes daria o salão.

— Por mim, a gente ia já pra Lapa — e Perus justificou-se — 'tá quase amanhecendo, mora.

Dos lados do mercado chegava um vento leve, frio. Pouca e fraca névoa sobrava da madrugada. Clarões iam surgindo.

Para o velho Malagueta, subir ao salão, tanto lhe fazia. Curtir duas ou três noites de sono exigia o mesmo — botava uma cachaça na cabeça e saía à luta.

Luzes se apagaram nas ruas. Uma palpitação diferente, um movimento que acorda ia-se arrumando em Pinheiros.

Primeiros pardais passavam.

Perus acompanhava os dois, mas olhava o céu como um

209

menino num quieto demorado e com aquela coisa esquisita arranhando o peito. E que o menino Perus não dizia a ninguém. Contava muitas coisas a outros vagabundos. Até a intimidade de outras coisas suas. Mas aquela não contava. Aquele sentir, àquela hora, dia querendo nascer, era de um esquisito que arrepiava. E até julgava pela força estranha, que aquele sentimento não era coisa máscula, de homem.

Perus olhava. Agora a lua, só meia-lua e muito branca, bem no meio do céu. Marchava para o seu fim. Mas à direita, aparecia um toque sanguíneo. Era de um rosado impreciso, embaçado, inquieto, que entre duas cores se enlaçava e dolorosamente se mexia, se misturava entre o cinza e o branco do céu, buscava um tom definido, revolvía aqueles lados, pesadamente. Parecia um movimento doloroso, coisa querendo arrebentar, livre, forte, gritando de cor naquele céu.

Entrou no salão, mal reparou nas coisas, foi para a janela. Uma vontade besta. Não queria perder o instante do nascimento daquele vermelho. E não podia explicar aquele sentir aos companheiros. Seria zombado, Malagueta faria caretas, Bacanaço talvez lacrasse:

— Mas deixe de frescura, rapaz!

Foi para a janela, encostou-se ao peitoril, apoiou a cara nas mãos espalmadas, botou os olhos no céu e esperou, amorosamente.

Veio o vermelho. E se fez, enfim, vermelho como só ele no céu. E gritou, feriu, nascendo.

210

Já era um dia. O instante bulia nos pêlos do braço, doía na alma, passava uma doçura naquele menino, àquela janela, grudado.

— Vamos brincar? — Bacanaço chamava.

Sabia que aquele momento tinha vários nomes e se ria por dentro e desprezava quando lhes diziam "é o nascimento do dia". Os outros nomes também eram frouxos. Gostava um pouco de aurora, um pouco só, quando se falava baixo e sério. Sabia o que tinha de lindo aquele momento e mesmo querendo contar a alguém não conseguiria. Não haveria jeito, com palavras difíceis ou escolhidas ou modo arrumado, que reproduzisse aquele vermelho. Não era coisa de contar. Era de ficar vendo, quieto, parado, esquecido. E bobo.

— Vamos brincar?

Era um salão repintado, de mesas novinhas e vazio àquela hora, só com o dono, um homem solícito, que lhes ofereceu as bolas e informou que o salão tinha só um mês e meio. Mesas excelentes, tacos oficiais, giz americano.

Ordem. Bolas, mesas, marcadores, tacos — tudo novo, limpo, a convidar. O colorido das bolas já distribuídas, alinhadas no pano verde. Chamando.

— Ei, vamos brincar!

O menino se voltou.

Pegaram nos tacos, passaram giz, tacaram sem vontade. Brincavam, malabarismos, manobravam com displicência, esqueciam-se de marcar pontos, invertiam tacadas, espantavam o

211

sono, riam, brincavam. Passatempo, batebola, leite-de-pato, sem nenhuma importância.

No finzinho daquela partida de brinquedo, houve necessidade de Perus aplicar um golpe de vinte pontos. Embocar de estalo a bola seis na caçapa do canto, foi tarefa de um golpe, e a bola branca correu, mansinha, por toda a mesa, fez colocação natural na bola sete, a preta de muito valor. Firme, um atirador que era, Perus embocou o sete duas vezes.

Agora, não se brincava, sérios iam ao jogo. Malagueta espetava, aplicava sinucas repetidas em Bacanaço. O mulato se defendia, hábil, deixava péssima a situação de jogo para Perus e o menino tentava uma bola de valor, caprichava, não queria erradas.

E naquele leite-de-pato que deu em joguinho sério, um começava a medir o outro com intenções, e safadezas no pensamento começavam a bailar, tímidas, nascendo, roendo, devagar.

O dono do bar limpava o balcão, entretinha-se com pequeninas arrumações e quando em quando, punha os olhos na mesa em que o jogo corria. Então, assobiava para disfarçar, como fazem os balconistas quando, furtivos e discretos, fiscalizam fregueses. Se o olhar de soslaio encontrava-se com os dos malandros, o homem dissimulava jogando solicitudes:

— Desejam alguma coisa?

Num desses constrangimentos, Bacanaço fez um deboche:

— Um "simca-chambord" verde e branco. O senhor tem pra vender?

As intenções secretas iam ganhando corpo.

212

Malagueta media as duas forças — Perus, um atirador; Bacanaço, um atirador. Bem. Se se batessem com ele num joguinho a valer, muito provavelmente fritaria os dois; primeiro, um; depois, o outro. Trancar-lhes-ia o jogo com tamanha amarração intrincada e tantos espetos seguidos, que ambos ficariam como baratas tontas, sem bolas a jogar. Dar-lhes-ia sinucas repetidas, que aquelas mesas eram novas e grandes, mesas oficiais e nelas só um jogador habituado fecharia jogo. Logo... Pediu cachaça. Engendrou — que jogo lhes proporia? Vida, não. Vinte-e-um, não. Disputa só com as bolas seis e sete, era viável...

As safadezas cresciam, incluíam arrumações, dissimuladas, trapaceas grossas.

Bacanaço pediu um avental para proteger a calça de linho. Imaginava também um jogo valendo uma grana. Afinal devia tomar-lhes o dinheiro; não fora ele quem os patroara? Engendrou - que jogo lhes proporia? Vida, não. Água Branca? E não era o patrão? Iria perder tempo em Pinheiros? Não, não, nada disso. Malandro vive é com dinheiro. Golpe certo seria quebrá-los através de um marmelo - sugeriria um torneio, uma terceirada e para o jogo partiria ligado com Perus. Perus e ele, trapaceando, comeriam Malagueta. Depois, bem depois, encarar e desacatar o menino seria fácil. Bacanaço era taco melhor, dar-lhe-ia uma vantagem qualquer no marcador e no jogo, estraçalharia Perus. O dinheiro passaria todo para sua mão. Afinal, Perus não lhe dera tanto trabalho lá no Paratodos? Pois. Ambos lhe deviam favores e muitos. E jogou o verde à espera do maduro.

213

— Sinuca a passatempo é mancada. A gente perde a sensação.

As ruindades, em Perus, reduziam-se em tamanho, cresciam em intensidade - imaginava o vinte-e-um. Queria o vinte-e-um, joguinho que toma tempo. Queria o vinte-e-um, joguinho em que era um artista. Não queimaria um só cartucho à toa, malharia os dois homens enquanto houvesse sinuca no mundo e quanto quisesse. Perderia, talvez, noutras modalidades. No vinte-e-um, ganharia sempre. Era o seu jogo. Habilidades de combinações, evoluiria aos borbotões, fino e certo, naquela mesa boa e nova. Bolas finas, embocaria todas. É. No quente de um vinte-e-um... Mas não sentia coragem de convidá-los. Buscar, buscava; mas não encontrava jeito com que iniciar o desacato. Como chamá-los para o jogo, o seu jogo? Afinal, Bacanaço era o patrão e Malagueta, coitado, ajudara-o tanto na Água Branca. Entretanto, mesmo Perus não conseguia afastar a idéia de tomar-lhes a grana. Disse, fingindo apenas concordar, mas ia intenção nas palavras:

— Sinuca a passatempo é jogo de trouxa.

A gana picava-lhes, crescia muda, ganhava malícias, ficava sutil, se escondia num disfarce. Reaparecia, violenta, numa bola sete difícil. Ia, frouxa; voltava dobrada em tamanho. Momentos em que lhes parecia uma vontade estúpida, errada, desnecessária. Noutros, à malandra, chegava risonha, cínica, traquinagem natural do jogo.

Egoísmo é fatal no jogo, um jogador sabe. E o malvado cresceu-lhes a pouco e pouco, minando, fez negaças, manhas,

214

rodeou, rodeou... ficou agressivo, certo, definido, total. E exigiu.

Malagueta, Perus e Bacanaço preparavam-se para se devorar.

O dono do bar arrumava pequenas coisas, corrigia o alinhamento das garrafas. Embromava.

Foi quando surgiu no salão um tipo miúdo, lépido, baixinho, vestido à malandra, terno preto, gravata estreita, sapatos pequenos de bicos quadrados. Desses sujeitos que fazem suas coisas muito à pressa, passos curtos, rápidos, jeitosos, com o bigodinho aparado que costumam pendurar na cara.

Bacanaço deu-lhe de olhos, fez um estudo.

— Esse tostãozinho de gente aí é algum otário oferecido.

O homem cumprimentou o dono do bar, sorriu, bebeu lá o seu copo, veio se encostando à mesa. Num minuto batia papo com Bacanaço.

— Olá, parceirinho, está a jogo ou está a passeio?

Perus sofria. O homem era Robertinho, dos maiores tacos de Pinheiros, um embocador, fino dissimulador de jogo. Conhecera-o no Aimoré, muquinfo da Rua Teodoro Sampaio e haviam se dado bem. Camaradas.

— Depende de um entendimento, meu.

Camaradas. Em pensamento, Perus pedia a Bacanaço, não marcasse jogo. Robertinho, um bárbaro, piranha manhosa e o pior — escondia jogo. Se quisesse, bolava um plano, passava duas-três horas perdendo, malandro de capital, que era. Depois, mordida, dobrava paradas, ia à forra - largava o parceirinho falando sozinho,

215

sem saber por que perdera. Bacanaço e Malagueta o desconheciam, aquilo era um esbregue que o mulato ia arrumar. E a mais a mais, naquele salão, naquelas mesas, conhecidas de Robertinho como a palma de sua mão... Tacaria como um professor.

— Duas de duzentos e cinquenta.

Diabo. Bacanaço agora propusera jogo; Malagueta, a seu mando, se bateria com Robertinho. O velho se espatifaria depressinha, perderia uma, duas, dez, vinte partidas, todas. Cairia de quatro. Robertinho jogava três vezes mais que o velho, na lógica natural do jogo. Ô estrepe! E Perus não podia evitar o encontro...

— Vamos lá, parceiro - Robertinho já desatava o paletó.

Quando o malandro deu de cara com Perus, fez não reconhecê-lo, que na velha regra da sinuca, naquela situação, ambos deviam silenciar e primeiramente esperar jogo. Assim fazem os malandros entre si; é regra. E, regra, Perus não podia avisar Bacanaço, nem Malagueta. Não devia entregar Robertinho, que o jogo era muito bom para ele. Nada poderia dizer. Se abrisse o bico, ouviria de Robertinho a palavra "cagüeta", que é o que mais dói para um malandro. E ainda arrumaria briga séria. Bacanaço ia entusiasmado, atijando. Perus sofria. Não podia arrancar os companheiros daquele lobo e em havendo jogo, já sabia na ponta da língua a continuação negra daquela parada - Robertinho ia-lhes deixar tortos, tortinhos, sem dinheiro para um café. Nem Bacanaço, nem Malagueta, nem Perus teriam força de jogo para o seu ritmo.

216

— Jogo o jogo caro, meu — o homem miudinho dobrava preço. — E meu jogo não tem estia: se ganhar, não dou; se perder, não quero. Topa, parceirinho?

Jogo seu não dava consolos, nem os pedia.

Bacanaço dirigia com rompante, autorizou Malagueta, botou-o na mesa.

— O meu empregado é empregado velho. Joga. Estia não se dá e não se leva, que isto aqui é jogo de homem e não de esmoleiro. A quanto?

Quinhentos cruzeiros. Perus suspirou fundo. Ô buraco em que caíram, ô estrepe inesperado! Não havia saída, era esperar sentado, arrasado. Assistiria a Robertinho ganhar uma partida, duas, ou quarenta. Para o malandro, bom realizador, o trabalho seria o mesmo. E Perus não poderia dizer um a. Para começo, o dinheiro de Malagueta se esbagaçaria. Depois, Robertinho morderia o de Bacanaço. E depois...

Mas Robertinho era terrível e deu-lhes o açúcar. Na dissimulada, deixou-se ao gosto de Malagueta, perdeu-lhe três partidas de quinhentos, pagou-lhe, maneiro, concordando. Media-lhe o jogo, estudava.

— Você está inspirado, velho.

Bacanaço vibrava diante do parceirão arranjado. Aquele perderia muito, Malagueta se conduzia bem naquela mesa. Talvez arrecadasse quatro-cinco contos naquele jogo imperdível. Maré de sorte, maré grande. E atijava:

— Firme, velho!

217

Perus conhecia a malícia e apenas olhava, esperava o rebote de Robertinho, que certo, quebrando tudo, viria quando o malandro bem entendesse.

Mas Robertinho, piranha, perdeu mais duas partidas. Bacanaço bebia cerveja, fazia festas, dava estalos no ar.

— Firme, Malagueta!

Perus, descoroçoado, a seu canto, seguia os movimentos dos homens, que se dobravam na mesa para as tacadas. Esperava o rebote. O contra-ataque viria, iria doer, Malagueta tropicaria, Bacanaço murcharia como um balão furado. Previa. Uma certeza desencantada ficava nos olhos claros do menino.

— Vale um conto? Valendo?

Dobrou-se o preço. Bacanaço aceitou. Perus alerta, o golpe viria. Malagueta foi às bolas.

Gramou ali como um danado. Mas quem ganhou foi Robertinho, ainda dissimulado, pequena vantagem no marcador.

Bacanaço propôs dobrar. Fizeram dois contos por partida. Foram às bolas. Malagueta conduziu:

— A saída é sua.

Robertinho começava a mostrar os dentes de piranha. Efeitos na bola branca com puxadas. Jogava uma bola de valor, embocava-a de estalo, já preparando uma outra, que era a bola da vez.

Diante daqueles começos de tacada longa, Malagueta se apavorava, Bacanaço se punha atento, Perus mais amuado. O velho não conseguia prender aquele suspiro comprido. O jogo não estava prestando...

218

O outro passava giz na cabeça do taco e ia firme ao jogo atirado. Duas, três dezenas de pontos por tacada, ou alguma coisa a menos. Um atirador como poucos, aquele Robertinho. Estraçalhava.

Duma surtida do malandro, Malagueta não agüentou, fez careta e se benzeu:

— Osso quebrado, nervo torcido, carne rendida, assim mesmo eu te cozo. Sai de mim, azar do capeta!

Robertinho só sorriu:

— Não é nada não, meu parceiro.

Ganhou dois, quatro contos. Forrou o perdido, apanhou a linha de frente, ganhou o seu embalo de jogo. Bacanaço mordido, não acreditava no joguinho, sua teimosia era de pedra. Atirava.

— Dá-lhe, Malagueta! Corre por dentro do homem, velho!

O velho ganhava impulso, fazia uns pontos, tacada boa, espetava em seguida, sua especialidade, largava situação péssima para o adversário. Bacanaço se alentava. jogava elogios novos.

— Manda pras cabeças, velho!

Era quando Robertinho tomava fôlego, embalava o jogo, embocava uma bola de valor, dava colocação à bola branca, construía ângulos, enormizava a diferença no marcador. Era um osso duro de roer, estava tinindo. Um professor.

Malagueta meneava a cabeça, lesou.

— Deus me livre e guarde.

Bacanaço mordido, mordidinho, teimava, botava agora o seu dinheiro no fogo do jogo.

219

Robertinho beliscava, dominando as coloridas no pano verde.

Malagueta deu fé, buscou Bacanaço, arrastou-o a um canto, falou baixo. Propôs parar jogo, já se perdera muito, o joguinho virara, ingrato. O mulato pediu o dinheiro de Perus, recebeu-o, jogou-o na mesa. Largou a palavra final.

— Nada disso, velho! Não paro o jogo perdendo. Vai lá e joga o jogo.

Malagueta quis falar, recomendar juízo, engrolou alguma coisa. O mulato cortou, rasgado:

— Vai pro fogo, velho! 'Tou mandando...

Bolas batucando. O jogo ia e vinha, vinha e ia e daquilo não saía. Perdia Malagueta. Mais fumava Bacanaço.

Robertinho ganhava. Classe, jogo limpo. Respeito ao parceiro, era um taco. Pouco falava, sério e firme nos seus passos pequenos, rápidos, em torno da mesa. Olhava para as bolas, para o marcador, não motivava encabulações, descatos, perdas de atenção. Jogava para ele, não assobiava, não cantarolava, acatava Malagueta. Jogava o jogo.

Perus emendava cigarros. Não era de hoje que conhecia bem aquele estilo de jogo e a picardia de seu dono. Fora muito azar caírem nas unhas de um professor.

Acabou o jogo. Malagueta olhava o chão.

— Joguinho morfético!

Robertinho abotoou o paletó, foi para o balcão beber um copo, pagar tempo e despesas. Conversava, calmo. Nem ao de

220

leve era um homem saído de um jogo de três horas e meia. Sossegado, batendo papo. Um taco.

Não falaram em estia, que trato é trato. Bacanaço se lembrou de um galo que trazia no bolsinho da calça. Havia cinquenta cruzeiros para o ônibus.

No tamborete do balcão, Robertinho não os olhava; conferia o troco. Depois, cofiou o bigodinho aparado.

Quando o passaram de largo, não o cumprimentaram.

Lentos, nas ruas. As cabeças pesavam, seguiam baixas.

221

LAPA

A curriola formada no velho Celestino contava casos que lembravam nomes de parceirinhos.

Falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados.

222

ANEXO C – “VISITA”

Sonhei que voltara às grandes paradas. Eu e Carlinhos.

Desprezando para sempre nossos empregos, sozinhos no mundo e conluídos, malandros perigosos, agora. Vagabundeávamos, finos na habilidade torpe de qualquer exploração. E fisgávamos mulheres, donos de bar, zeladores de prédios, engraxates, porteiros de hotel, meninos que vendem amendoim ...

Era quando a branca caía.

No jogo, no quente jogo aberto das parceiradas duras, partidas caríssimas, eu tropicava, repetidamente. Aquilo não se explicava! A tacada final era dolorosa e era invariável- era a minha — - e eu me perdia. Aquilo, aquilo nos arruinava. Quem me visse e não soubesse diria que eu estava traindo. O ótimo Carlinhos não se desnor-teava, fazia fé, dava-me o embalo, imprimia moral.

— Firma e joga o jogo!

Mas nada. Ajeitasse giz no taco, estudasse os efeitos das tabelas, caçasse combinações, lavasse o rosto para a tacada - não me salvava. A bola branca caía.

— Olha, este sabonete também.

— Sim senhora.

Diabos, toda noite esta história. Mal entro em férias, é isto. Não basta o escritório, não basta. Os chefes, as idiotices. Tudo em promiscuidade e eu a aturar. Quando a noite chega, hora da gente descansar, cinema, mulher, qualquer coisa... não. Latinha de flite,

109

sabonete, caixa de alfinetes, nem sei. Minha mãe tem a mania de me arranjar estes probleminhas domésticos. Pelo ano inteiro, este tonto trabalha e agüenta escola noturna. Dorme seis horas, acorda atordado de sono, vai buscar dinheiro numa profissão inútil. Dia todo somando, dividindo, subtraindo, multiplicando. Por que diabo mandam-me tantos relatórios? Os dedos pretos de fumo são fins de braços sem bíceps, sem tríceps, nada. Pudera! Às vezes, vejo na expedição homens da sacaria, braços enormes. Imagino-me vivendo à sombra deles. Parece-me que a vida teria músculos e sossego, não cálculos e ocupações domésticas.

Uns dois meses sem ver Carlos. Desde o tempo da refinaria. Não sei bem como era — mas eu não vivia mandado como agora, tinha sempre mais dinheiro, meu jogo era bom, tinha um estilo e rendia. Quando deixei aquilo, deixei-o e deixei outros colegas. Emprego novo, vida diferente. Qualquer mudança me impinge ocupações novas, esquecer amigos, abandonar certas coisas. Parceiros em tudo, parceirões. Dois tacos considerados e de respeito, viris nas partidas caras. E na refinaria, sempre me arranjava um jeito de estudar escondido, tapear os chefes. Num Natal dera-me um postal. A aproximação de dezembro, agora, trouxe-me a lembrança de revê-lo e levar um cartão. Carlos se alegraria, abraços, café, apresentar-me-ia sua irmã (ele deveria ter uma irmã linda); bate-papo sobre futebol, a velha sinuca, umas horas longe de latinhas de flite e sabonetes.

110

Arranco a gravata. Nem é gravata. Um nó e pronto. Mas todas são assim, não as consigo conservar. E o pior é que aqueles sujeitos do escritório, gente estrangeira que fuma charuto, espia isso. Nada o que fazer. Adoraria vê-los onde estou, dia inteiro sobre a máquina, suportando desaforos.

— Onde é que anda minha camisa esporte?

— Camisa não anda.

— Deixe de brincadeiras! Onde é que está minha camisa esporte?

— Não sei, procure.

Que irmã, vejã. Uma tonta. Sabe é ouvir novela, ler romancinhos para moças, discutir babados. Uma camisa nunca sabe onde está. Chateado, abro o guarda-roupa. Há um estalo na porta, que a fechadura está velha, que é preciso trocá-la, eu vivo falando nisso. Não encontro camisa esporte.

— Mas onde enfiaram?

— Nossa!... Você vive sempre amolado.

Ora, vou com esta. Sem gravata, tudo arranjado.

— Você viu a filha de seu Daniel, ontem?

— Não vi.

— Só mesmo vendo aquele vestido.

Vejã, em vestidos pensava ...

— Por que você não me compra um vestido daqueles para o Natal? Fica tão bem ...

A filha do Daniel é uma sujeita antipática que vive por aí. Anda namorando Deus e todo o mundo. Agora é a vez dum

sargentinho da Aeronáutica, muito metido a balão. Julga-se por isso, moça distinta, troço importante cá na vila. Galinha assanhada! Da pouca-vergonha que faz à noite, no namoro de portão, vive se esquecendo.

— Compro nada!

— Pão duro!

Bem, até aí estava bem. Miserável, pão duro, estava bem. Muito bem. Agora, sustentar luxos e tendências, não. Já me bastam os meus gastos.

Uma calma gostosa.

O ônibus quase vazio me dá calma. Entrando vento pela janela. Bom. Mãos cruzadas, olhando coisas lá fora. A casa do ótimo Carlinhos — perto. Poderia ir a pé. Prefiro o ônibus; basta a canseira do dia. Gente como eu, bobagem economizar níqueis. Jamais se tem alguma coisa. A taxa do colégio, uma farra qualquer, levam tudo. O diabo é que eu não nasci trouxa, aqueles tempos de jogo, quando desempregado, me ensinaram que eu não nasci trouxa. Agora, o salário mingüado dá para cigarros de vinte cruzeiros e cachaça de quando em quando. Se o mês aperta, corta-se isso.

— Só mesmo vendo aquele vestido.

Calculem. E eu a aturar. Se perco as estribeiras, meto a boca no mundo, é a velha história — estou dando escarcéu, acordando a boa vizinhança, mau exemplo. Quietinho. Feito um menino, feito criado.

Carlos deveria ter uma irmã linda, cheia de modos e não cabeça oca. Nunca estivera em sua casa. Sabia o endereço, que ele jamais esquece essas coisas. Eu não. Tanto faz. Talvez por isso não arranje bom emprego. Mas... e se não tenho jeito?

O cobrador. Tiro vinte cruzeiros, espero o troco. Gostosa, a noite. O ônibus roncava, ganhava esquinas, passou a serraria, a fábrica de tubos. Passada a ponte, eu desceria. Sentou-se a meu lado um tipo de chapéu, olhando de esguelha. Assim fazem nos ônibus, parecem não ter coragem de encarar uma pessoa. Caras de gente apoquentada nestes lados, que me parecem uma indústria de neurastênicos.

O ônibus rolava pelo viaduto. Rio sujo lá embaixo. Ainda dizem ser grande coisa lá na escola. Asnos engravatados! Não sei. Li, dia desses, a biografia de um escritor morto há pouco, também professor. Coitado, mal tinha para os quatro filhos, e um dia foi detido, trancafiado, por meter-se em política, mesmo não sendo da esquerda. Homem admirável. Mas dizer-se maravilha do rio fedorento, lá isto é asneira grossa. Até um ignorante como eu, percebe. Xingam isto de nome indígena ...

Já curti um desemprego, cinco meses que só eu sei... Vida do joguinho. O dia na cama, a noite na rua. Cinco meses. Mas naquele tempo eu fumava cigarros estrangeiros e mandava polir as unhas. Não engolia um desaforo. Dinheiro? Eu tinha muita cabeça e era um taco de verdade. Noites de levantar quatro-cinco contos! Mas jogo é jogo e eu não nego — peguei rebordosas medonhas — não foi uma vez que deixei o salão sem dinheiro

113

para o ônibus. A casa... a família reunida para as reprimendas que duravam duas horas. O vagabundo, o ingrato, o perdido, o isto e o aquilo ouvia sem dizer nem pau, nem pedra. Os olhos no bico dos sapatos. Aborreciam-me. Puxava uma, duas das notas maiores e entregava. Preocupação, remorso, vergonha? Não, não, nada disso. Era sono, que eu passara a madrugada em volta da mesa me batendo, jogando, suando, arriscando, perdendo, ganhando. Por isso aturava o esporro - queria dormir. Falassem. Moral para a família rezadeira é agüentar máquina de cálculo oito horas por dia, agüentar chefe estrangeiro, bitola, manha, idiotice e ganhar seis contos no fim do mês. Hoje sou um bom rapaz...

Dou o sinal, pulo. Ganho a rua de paralelepípedos, dobro esquinas, olho o endereço num cartão, entro por um corredor, rumo a um cortiço. A casa era a última duma fileira de moradias de ferroviários. Na varanda, um casal em namoro. Um pegadio sem modos. Avistando-me vem a moça atender.

— Boa noite. Carlos está?

— Não. Saiu. O senhor ...

Coço a cabeça. Sempre me desajeito ante mulheres. E esta, agora, me chamando de senhor! Torço as mãos, desespero-me à toa. Deve ser a irmã de Carlinhos. Namorando ou noivando. Bonita, boas pernas. O sujeito que aí está — bem apessoado. Voz firme e não corou, quando apareci interrompendo abraços. Como essas pessoas que não se intimidam ante outras me parecem superiores! Tiro o postal do bolso interno do paletó, vem junto um cigarro amassado que guardo com atropelo.

114

— Pode-lhe, por favor, entregar isto?

— Pois não.

— Me desculpe, a senhora é irmã dele?

Era. Despeço-me, deixo-os sossegados. Curvo esquinas, subo ladeiras, acendo cigarros maquinalmente. Encabulado. Pena não ter encontrado o excelente Carlinhos. Chateado. Perdi uma noite agradável.

— Também... isto não deve ser hora de visitas.

É. Quem sabe... não entendo dessas coisas. Tanto faz. Vou perambulando, a admirar coisas do caminho, mulheres que passam. Cedo, nove horas. Um bar, entro. Num sobrado gente conversando na sacada.

— Cachaça pequena, faz favor.

Um sujeito solícito me enche o copo. Encosto-me ao balcão, fico olhando para a calçada, onde besouros caem e gente passa de longe em longe. Remato a bebida, saio. E agora, o quê? Cinema? Meio tarde para cinema. Besouros voam, caem. A última sessão termina pela meia-noite passada, o último ônibus parte às onze e meia. Porcaria de subúrbio! O sujeito que abraçava a irmã de Carlos era alto e era loiro. Havia se arranjado muito bem.

— Por que não arranjo uma namorada?

Um engraxate batuca na caixa, me convida para limpar os sapatos. Viro a esquina, entro para os lados do ponto do ônibus. Lendo um letreiro de propaganda de dentifrício.

— Por que não arranjo uma namorada?

115

Que nada... arranjaría uma dessas franguinhas bobas, que se ajustam a meninos bonitos. Ao pé do letreiro, um modelo de dentes muito brancos, teria pernas bonitas como as da irmã do ótimo Carlinhos. Meus dentes são amarelos, manchas de fumo. Ambas teriam coxas mornas, brancas. Espero uns minutos, quieto. Aquela posição, de pé, mãos para trás feito soldado, me chateando. Ando até outro ponto mais próximo do final. A filha do Daniel vive inchada pelo sargentinho da Aeronáutica, e se tem como moça distinta. Para essa gente, distinção é usar roupa nova, ter namorado bonito... Essas coisas. Ônibus não vem. Diabo de linha! Por que não vem duma vez a prefeitura de um governo que tome conta de tudo?

Bato a cinza do cigarro. A vila é bem mesquinha, rodeada de fábricas, dezenas de bares, três igrejas, um grupo escolar. O casario feio abriga mal gente feia, encardida, descorada. Nos meus cinco meses de vagabundagem eu me acordava tarde, tarde, e podia ver melhor aquilo. Ia aos bares. As ruas com seus monturos, cães e esgotos, muitas vezes me davam crianças que saíam do grupo escolar. Não me agradavam aqueles pés no chão movendo corpinhos magros. Qualquer ignorante podia perceber que aquilo não estava certo, nem era vida que se desse aos meninos. Eu saía do botequim, chateado e fatalmente enveredava mal. Encabulação, cachaça, erradas, desnorreava-me no jogo. Um sentimento confuso, uma necessidade enorme de me impingir que não era culpado de nada. Os meninos iam magros porque iam. Culpada era a vila ou alguém ou muitos. Eu também engolia

116

aquele pó, igualmente amassava aquele barro, agüentava aquela vida cinzenta. Podia mudar o quê? Não havia sido um menino como aqueles, pé no chão, desengonçado? Nos dias de chuva eu não me encolhia nessas ruas feito um pardal molhado? Sem eira nem beira. Eu tinha culpa de quê?

Minutos de espera, o que me sobrou foi tédio e raiva. Onde se viu uma linha de ônibus tão relaxada? E ainda querem aumento de tarifas... é, barriga está cheia, goiaba tem bicho. Abandono a idéia do ônibus, vou a pé. Passo o pontilhão, entro pela rua do quartel. Uma das sentinelas encostase a uma prostituta num canto do portão, que a iluminação parca não abrange. Quartel intendente. Meretrício logo ali. E depois a gente vê na televisão, ouve no rádio, homens de farda falando em moral de costumes. E mostram bossa.

— Quartel indecente! — gracejei comigo.

Quando os passei de largo, pararam com a safadeza. O praça olhou para o chão, esperando a minha ida.

Quis seguir estrada, o atalho me surpreendeu. Uns dez minutos e estaria na vila. Sapos nas pocinhas das beiradas do campo de futebol. Até há pouco, aquilo era do futebol da molecada. Indústrias querem surgir acompanhando a estrada de ferro, acompanhando tudo, provavelmente serão usinas de concreto. Várzea escura, breu. Meu pai disse-me que, quando menino na Europa, transpunha vales escuros, para pastoreio, onde lobos uivavam. Aqui há mosquitos e fartum do curtume próximo. Luzes ao longe, luzes da serraria. Posso caminhar olhando-as. Às vezes, faço

117

de conta que são guias, que eu sigo para alcançar a vila. Pena não encontrar Carlinhos, não estaria tateando este breu.

— Quartel indecente!

Chego. Sapatos cheios de pó, sapatos cheios de pó, vivem sempre empoeirados. Porcaria de vila! Para a cama a esta hora, asneira. Estava, ficava até mais tarde. Gente povoava o largo do correio. Entrei no Bar e Café Colombo. No fundo havia sinuca, pedi café, me fui encostando. Uns me reconheceram. Outros reconheceram e fizeram que não. Sujeitos bestas, muita vez um terno a mais, um tico de ordenado a mais e torcem o nariz. Arrogância besta.

— Sujeitos bestas - digo baixinho, para justificar-me de que estou acima deles.

Logo caio em mim, reconheço que sou pobre-diabo corno os que jogam. Corno reconheço que já vivi disto e eles não. Cada um no seu emprego.

— Vinte-e-um, Gazuza?

O mulato meneou a cabeça. Aquele sim, um bicho, mas sabe o que é e não é balão.

— Aberto, cinquenta a mão.

— Posso entrar?

Os quatro se entreolharam. Também a sentinela e a maloqueira entreolharam-se quando apareci. Na várzea havia mosquitos bravos, não lobos. Um tipo musculoso mediu-me de soslaio, tinha a camisa apertando braços enormes, uma cara enorme, um queixo enorme, de gringo. Talvez quisesse jogar. Se quisesse, que fosse dizendo. Polidez com essa gente é tempo perdido.

118

— Vai, entra. Tira pedra.

Desatei o paletó, acendi um cigarro, escolhi taco, peguei num giz.

— Seu Neves, me dá cachaça grande.

— Em cima do café?

— Ahn?

— Puxa, não ouviu? Disse três vezes.

— Ahn ... sim.

Chateado, escorando-me ao taco, esperando a vez. Um gole. Esperei que ardesse na garganta. O modelo do cartaz tinha dentes tão brancos, teria pernas mornas, brancas. Talvez, nesta vida besta jamais estarei com uma mulher como aquela. É. Nunca conhecerei. O mundo para mim não tem dado voltas, rolado como dizem alguns. Sempre as mesmas tiradas. Meus sapatos furam-se, os ternos estragam-se, continuo o mesmo sujeito. Escritório, taxa de colégio, irmã galinha. Vida xepe, porcaria!

Tanto preparei o postal... queria tanto rever o excelente Carlos! Não tenho jeito para escrever, mas vá lá. "Vai pras cabeças!" - como se diz cá na sinuca. Escrevi. As redações da escola... na escola sabem é falar de verbos e casos do infinitivo. Servem-me bem pouco. Falando sou um sujeito como esses marreteiros que por aí vivem. Palavrão. Perífrase. Gesticulação de gringo. Pago um dinheirão de taxa.

Vejam a branca... Se caísse, eu teria um sete e um cinco de boca. Cinco e sete: doze. Doze com pedra nove, faria os vinte-e-um e faria os duzentos cruzeiros. Um sujeito bateu a rodada,

119

agora. E eu tinha bom jogo! Diabo de branca, por que não era minha vez? Meto a mão no bolso, enfio a cédula na caçapa. Saio para outra.

— Por que não arranjo uma namorada?

Que maluquice de idéia de namorada é essa, que hoje me anda na cabeça! Aqueles ingleses do escritório deviam aturar desaforo, para saberem o que é vida. Aturar desaforos. Figurões que se agrupam, vêm para cá, moram em palacetes, aqui encontram bobos a servirem-lhes em idioma e escrita. Sou um deles. O que sei aí está - língua estrangeira para servir a estrangeiros. E ganhar seis contos por mês. Para que eu viva é preciso tanto. Se descambo para a vida do joguinho, a família rezadeira me atinge com a moral. Para os ingleses do escritório, tudo fácil, escolhido, arrumadinho, asseadinho. Ainda espiam gravatas. Ratos!

A branca subia, descia, nada de minha vez chegar. Seu Neves olhava-me entediado. Tristeza aquela profissão de suportar bêbado. Seu Neves tem uma história triste e eu não gosto de lembrar. Entretanto, é apenas uma história como outras aqui da vila, que é rodeada de fábricas e em que não existe uma só rua asfaltada, em que há algumas dezenas de bares, três igrejas, um grupo escolar. O resto é o casaria imundo e descorado com seus esgotos nas ruas. Até um ignorante como eu gostaria que lhe explicassem porque pessoas que trabalham não de viver assim.

Olhem Seu Neves. Brigado com a mulher que o engana, suporta a sem-vergonha, porque tem filha moça dentro de casa. Como pode uma mulher fazer uma coisa dessas a um sujeito

120

como seu Neves? Eu não entendo. Seco, fala pouco, fuma calado, não entende futebol, não. tem opinião. Às vezes, penso que é um homem que morreu já faz muito tempo e está neste mundo nem sei para que. Talvez para aguentar bêbado ou ser corno manso.

Caiu a branca. Minha vez. O álcool rondava-me a cabeça. Terceiro, quarto copo, nem sei. Uns quarenta minutos ali de pé, repetição de cigarros, pegando no taco de longe em longe. Angústia me vem, cada vez que penso em coisas sérias, quando bebo. Começos de desmaio, muita vez, quando bêbado, penso em coisas sérias; com um estremecimento empurro a idéia de tê-las agora. Lassidão, o amargo começando na boca, a canseira nas coxas e na barriga das pernas. Pedra dez, é fácil, fácil. Deus do céu! Estava ali a deixa. Bola cinco meio difícil, é certo, porém o seis... a um palmo da caçapa. Era só empurrar. Derrubava a rosa, colocava a azul, fechava o jogo. Pagava meu tempo, meia-noite e tanto, ia dormir. Não agüentava nas pernas.

Mas que jogo triste! Fosse outrora e eu fechava este joguinho num instante. Hoje tremo, cachaça e medo, peço com os olhos para as bolas caírem. Ora, eu fazendo este joguinho sovina de cinquenta cruzeiros a mão!

— Por que não arranjo uma namorada?

Por que não esqueço duma vez esse negócio de namorada? A cara dura, os beijos duros, a cabeça doendo pela cachaça. Olho a branca, posso fechar o jogo, acabar com a alegria desses parceiros. Não me lembro da cor dos cabelos do modelo de

121

propaganda. Amanhã passo por ali, reparo naquilo. O mundo de dimensões do pano verde de uma mesa de sinuca. Quase bicou o seis, não tropiquei por bem pouco. Estou nervoso, é este medo sem jeito. Os parceiros olham-se, olham-me. Na porretada, a azul. Diabos, não caiu na caçapa em que mirei. Por que veio cair aqui em cima, na sorte? Mal, péssimo. Eu não queria na sorte. Vejam a que meu jogo ficou reduzido. Sujo; é só sujeira, só me encontrando na sorte. Vou é para a casa.

Atenazado, mergulho a cabeça na bacia. Faço a ablução aos poucos, fazendo a água escorrer aos poucos... Os olhos pesam. As mãos ásperas de giz, os olhos estão miúdos. Muito sono, muito urgente é dormir, luz apagada, traveseiro, solidão, nada... Amanhã, curtir bebedeira. Cara inchada, olhos inchados, beijos duros. Amanhã, saia solou não, os óculos escuros, ninguém perceberá os olhos inchados.

Aborrecimento sem motivo. Para final, não vi o excelente Carlinhos, vi as pernas brancas da irmã, ganhei trezentos cruzeiros (tirante o tempo), deixei o postal, desertei uma noite das ocupações domésticas.

Mas amanhã, a repetição dos relatórios. Meus olhos viajarão do teclado aos corpos taludos dos homens da sacaria. E nas paredes brancas do escritório, balbúrdia, persianas entreabertas, ingleses a perambular.

122